

Atualidades



*Monumento perpetuando a gratidão do Povo, ao
General Dr. Bulcão Viana, nesta Capital.*

BANCO INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE SANTA CATARINA S. A.

ITAJAÍ — SANTA CATARINA

BALANÇETE EM 31 DE JANEIRO DE 1948
(Compreendendo matriz e agências)

A T I V O

P A S S I V O

A — DISPONÍVEL		F — NÃO EXIGÍVEL	
Em moeda corrente	24.085.470,70	Capital	15.000.000,00
Em depósito no Banco do Brasil	6.064.066,60	Aumento de capital	15.000.000,00
Em depósito a ordem da Sup. da Moeda e do Crédito	3.523.747,40	Fundo de reserva legal	1.650.000,00
		Outras reservas	17.215.766,20
			33.865.766,20
B — REALIZÁVEL			
Títulos e valores mobiliários:			
Apólices e Obrigações Federais:			
Em depósito no Banco do Brasil S/A. à ordem da Superintendência da Moeda e do Crédito, no valor total nominal de Cr\$ 3.750.000,00	3.124.845,10	à vista e a curto prazo	1.439.965,70
Em carteira	560.609,10	de Poderes Públicos	15.217.365,40
Apólices estaduais	174.534,00	de Autarquias	73.821.589,30
Apólices municipais	63.500,00	em C/C Sem Limite	3.166.688,70
Ações e debentures	1.631.156,40	em C/C Limitadas	37.487.594,30
		em C/C Populares	8.685.194,10
		em C/C de Aviso	7.117.518,40
		em C/C Sem juros	146.935.915,90
Letras do Tesouro Nacional	82.798.785,50	a prazo	289.207,80
Empréstimos em c/corrente	631.245,00	de Poderes Públicos	500.000,00
Empréstimos hipotecários	179.687.070,60	de Autarquias	60.051.348,90
Títulos descontados	254.486.888,60	a prazo fixo	40.990.424,30
Agências no país	17.827.821,40	de aviso prévio	101.830.981,00
Correspondentes no país	1.347.040,00		248.766.896,90
Outros créditos			
Imóveis			
Outros valores	2.414.130,10		
	970.776,50		
	548.954.402,30		
C — IMOBILIZADO			
Edifícios de uso do Banco	9.109.668,40		
Móveis e utensílios	1.981.799,50		
Material de expediente	235.060,60		
Instalações	38,00		
	11.326.566,50		
D — RESULTADOS PENDENTES			
Juros e descontos	166.884,30		
Impostos	72.788,60		
Despesas gerais e outras contas	1.087.376,70		
	1.327.049,60		
E — CONTAS DE COMPENSAÇÃO			
Valores em garantia	149.852.842,00		
Valores em custódia	216.454.764,40		
Títulos a receber de c/alheia	293.973.841,40		
	660.281.447,80		
	1.255.562.750,90		
G — EXIGÍVEL			
DEPÓSITOS			
a vista e a curto prazo			
de Poderes Públicos			
de Autarquias			
em C/C Sem Limite			
em C/C Limitadas			
em C/C Populares			
em C/C de Aviso			
em C/C Sem juros			
a prazo			
de Poderes Públicos			
de Autarquias			
a prazo fixo			
de aviso prévio			
289.207,80			
500.000,00			
60.051.348,90			
40.990.424,30			
101.830.981,00			
248.766.896,90			
OUTRAS RESPONSABILIDADES			
Agências no país			
Correspondentes no país			
Ordens de pagamento e outros créditos			
Dividendos a pagar			
275.959.384,10			
23.797.466,80			
9.203.265,30			
913.747,80			
309.873.864,00			
558.640.760,90			
H — RESULTADOS PENDENTES			
Contas de resultados			
I — CONTAS DE COMPENSAÇÃO			
Depositantes de val. em gar. e em custódia			
Depositantes de títulos em cobrança:			
do País			
do Exterior			
293.899.708,40			
74.133,00			
368.037.606,40			
293.973.841,40			
660.281.447,80			
1.255.562.750,90			

GENESIO MIRANDA LINS
Diretor-Superintendente
DR. RODOLFO RENAUX BAUER
Diretor-gerente
DR. MARIO MIRANDA LINS
HERCILIO DEIKE
Diretores-Adjuntos

Itajaí, 11 de fevereiro de 1948.
BONIFACIO SCHMITT
OTTO RENAUX
IRINEU BORNHAUSEN
ANTONIO RAMOS
Diretores

ERICO SCHEPPER
chefe da Contabilidade Geral
Dipl. Reg. na DEC n. 22.638
SERAFIM FRANKLIN PEREIRA
sub-chefe da Contabilidade Geral
Dipl. Reg. na DEC n. 17.391

Atualidades

PUBLICAÇÃO MENSAL INICIADA EM 1945
REDAÇÃO E OFICINAS: AVENIDA MAURO RAMOS, 301
FLORIANÓPOLIS — S. CATARINA — BRASIL

Em honra aos pioneiros

Há exatamente dois séculos um grande homem, em quem se harmonizavam, à maravilha, virtudes de soldado e de estadista, o brigadeiro José da Silva Paes, dava os passos iniciais para realização de uma grande obra: — a transferência gradativa dos excedentes válidos das populações insulares e peninsulares portuguesas, para as glebas meridionais do Brasil.

Era, em verdade, a primeira tentativa de colonização racional e sistemática de uma parte do território brasileiro, feita em obediência a um plano, e visando a consecução de um fim; e objetivou-se, afinal, com o desembarque nas praias da baía sul da velha Desterro, em 20 de fevereiro de 1748, de 461 açorianos de ambos os sexos, “magros, doentes, esfomeados, mas animosos”, no dizer de um cronista da época.

A esta, outras levas de imigrantes se seguiram, — mesmo depois de decorrido o período de governo de Silva Paes.

Em relativamente curto espaço de tempo, que talvez não chegasse a um lustro, havia cerca de cinco mil colonos em toda a jurisdição da governadoria de Santa Catarina, dispersos em núcleos no continente, na ilha e, também, nos campos do sul, até a colônia de Sacramento.

*
* *

Infelizmente, porém, o sonho de Silva Paes não pôde realizar-se integralmente.

Em franca decadência, prestes a desintegrar-se, governado por homens ambiciosos e medíocres, sem visão esquemática do futuro, — Portugal não se preocupava com o destino da Colônia. Ao contrário, dela queria, apenas, os proventos que pudesse auferir.

As imigrações de açorianos, madeirenses e transmontanos, portanto, deixaram de aportar a estas plagas; e o problema do povoamento da terra e sua expansão econômica, ficaram consideravelmente retardados.

*
* *

Mas seja como fôr, uma circunstância é real e incontestável: — a colonização açoriana, que se adaptou bem à região, multiplicando-se e disseminando-se rapidamente, assinala o começo do verdadeiro desenvolvimento da zona meridional da América Portuguesa.

É, pois, de justiça que lhe demos um lugar de destaque nos fatos da nacionalidade, e lhe honremos simbolicamente a memória, — nós os que habitamos os rincões que se lhe afiguravam a terra de promessa.

*
* *

O monumento que se vai erguer em Florianópolis, comemorativo do segundo centenário da colonização açoriana — cuja pedra fundamental foi colocada em memorável cerimônia pública no dia 20 deste mês — evidenciará, ante a posteridade, nosso preito de imorredoura gratidão aos abnegados insulanos que alicerçaram nossa grandeza.



A Imensidade Daquêle Pecado

MARILÚ

O tempo exato em que êle começára aquêla vida... não se lembrava ao certo. Mas, podia fazer, mais ou menos, um mês, que o pai havia morrido. Um mês, não. Nem tanto. Talvez menos, pois a casa ainda estava completamente fechada, e escura porque não tinha vidraças.

Disso êle se lembra bem. E a mãe ainda estava tingindo de preto a roupa das crianças. Talvez quinze dias, no máximo. Mas, isto não tinha importancia, nem vinha ao caso. O que importava é que êle havia penetrado naquêla vida...

Deviam ser — nada menos — duas horas da tarde. Até aquêla hora, não tinham comido nada; nem o aparado! Os irmãos estavam chorando, com fome. E não eram poucos! Cinco, no duro! Seis com êle. Aquilo era, simplesmente, de matar: vêr as crianças magras, raquíticas, olhos fundos, sempre chorando... E a mãe? Nem é bom lembrar. Doía o coração! Magra, a mais não poder! A cara tinha desaparecido. Só ficaram os ólhos. E que ólhos! Olhos de cão faminto: enormes, sempre olhando a gente, com pena, e cheios de lágrimas...

Ele não sabia, ao certo, se a mãe chorava por causa do marido que morrera, ou por causa dos filhos, que tinham fome.

Naquele dia, estava chovendo muito e ventando. O fogo apagado. A Mãe, passando roupa. Uma corda estendida na varanda, estava cheia de roupa tingida de preto — uma roupa triste... Triste como a casa toda, como a mãe, os irmãos, como ele proprio o estava. De vez em quando, um pequeno gritava:

— «Mãe, tou cum fome...»

— «Já vai, filhinho! A mãe já dá!»

E por quanto tempo aquela agonia?

A mãe largou o ferro Foi até o quarto, onde tinha um santo dependurado numa parêde: era um Santo Onofre, protetor das viuvas. Velho, aquele santo... Mas, que milagroso! E a mãe rezou, rezou muito, por um longo tempo. Depois, veio chorando do quarto, limpando os olhos num avental velho, desbotado, e falou para êle:

— «Vai, meu filho, vai até a venda do seu Chico e pede prá ele fiar dois mil réis de bolacha, meio quilo de café e um de açúcar. Diz para êle que a mãe paga, quando receber o dinheiro da lavação...»

Os meninos criaram alma nova! E êle foi correndo, enfrentando o vento e a chuva, que caia, cada vez mais forte.

Chegou pingando na venda. — «Seu Chico, a mãe mandou buscar dois mil réis de bolacha, meio quilo de café e um de açúcar...»

E mecheu com a mão no bolso, pra dizer que tinha o dinheiro.

O seu Chico embrulhou tudo. Ele pegou depressa e saiu. Ao transpor, porém, a porta...

— «Como é, rapaz? E o dinheiro, não vem?»

— «Ah! seu Chico, eu tinha esquecido. E' fiado. A mãe paga, quando recebê o dinheiro da lavação...»

Seu Chico ficou fulo de raiva!

— «Então a sua mãe pensa que é assim? Isto aqui é pai de cascudo, cachorrada? Só fiado, fiado, e nada de dinheiro? Chega de tapeação! Passe as compras prá cá e desapareça da minha vista!»

Ele arreou as compras em cima do balcão. E nem olhou pa-

ra aquele miseravel, aquele bandido! A passos lentos, encaminhou-se para a porta. Mas, não foi embora, não. Fingiu que ia, mas ficou ali, no lado de fora, pregado no chão, sem saber o que ia fazer. Que é que ia dizer para a mãe? E o choro das crianças chegava até o seu ouvido, como uma musica de enterro: — «Mãe, tou com fome...» A mãe ia ficar triste e as crianças continuariam a chorar... Teve, então, uma idéia. Espiou: o seu Chico já estava pra dentro da casa e a venda sozinha... Entrou... Quiz voltar... Hesitou. Estava, assim, como o homem dos dois corações. Ia, vinha... o tempo passando... as crianças em casa chorando... Avançou, devagarinho, como quem ia pegar um pássaro, de manso. Entrou para o lado de dentro do balcão e abriu a gavêta. Olhou: cheia de dinheiro! Passou a mão: veio repleta de dinheiro quente e escaldante! Saiu correndo como um louco. Mas, chegar em casa com aquilo? Não era possivel. Que é que a mãe ia dizer? Apanharia uma surra, é logico. A mãe far-lhe-ia devolver o dinheiro, é mais do que certo. O seu Chico ficaria sabendo e chamar-lhe-ia de ladrão. Talvez fosse até preso. E não adiantaria nada. A desgraça e a fome continuariam na casa dêle... Teve outra ideia: levar as compras. Porque não? Diria a mãe que o seu Chico havia fiado.

Foi, então, á venda do português.

— «Seu Teixeira, a mãe mandou buscar dez mil réis de pão, dois quilos de café, tres de açúcar, quatro de farinha... e, é verdade, seu Teixeira, um de carne, também...»

(Conclue na penultima pag.)

Linhos Para Ternos de Cavalheiros

da fabrica diretamente ao consumidor, vende-se pelo Serviço de Reembolso Postal

Acêita-se agentes em todas as cidades

FABRICA DE TECIDOS DE LINHO

ITAJAÍ - Santa Catarina - Caixa postal 2

Carnaval da Vida

A manhã vinha rompendo vagarosamente, vencendo as últimas sombras da noite. A Luz era ainda imprecisa e o nascente começava a receber os primeiros tons da claridade do sol ainda distante.

Os últimos foliões deixavam o iluminado salão do clube, onde o Rei Momo começava a perder o seu fastígio, com o anúncio da Quarta-feira de cinzas.

As ruas estavam atulhadas dos destroços carnavalescos. Confetis, serpentinas, papéis coloridos, amarfanhados, molhados do sereno a que se juntavam estilhaços de vidros de lança-perfumes e dísticos de blócos e cordões, que votados, agora ao desprêzo, diziam das ruínas de um reinado que passára.

Lá ia êle, de vagar, ainda fantasiado, batendo os guizos à caminho da casa, que lhe parecia muito longe. . .

Afinal, chegou. Chegou com as primeiras claridades do sol, que já doirava o cume do morro próximo.

Fatigado, vencido pelo cansaço, apenas se livrou de algumas peças de roupa e atirou-se à cama exaustíssimo.

Foram quatro noitadas de uma vida inconsciente, sem tormentos, sem reclamos, sem doenças nem queixumes, sem mesmo a mínima parcela ou senso de responsabilidade. . .

E adormeceu profundamente. Adormeceu e sonhou. Era mesmo aquilo um sonho? Na desordem de seu quarto de solteiro, pisando sobre confetis multicores, um vulto penetrou. Olha-o. Remira-o de alto a baixo. Senta-se à beira de sua cama e entra a falar com uma camaradagem de velho amigo:

E começou dizendo: — “Não me pergunes quem eu seja. Dir-te-ei que sou uma parcela da vida, desagregada da própria vida, que ando por aí a filosofar, sem maldade com quem bem pareça. Entro e vou onde desejo ir. Rondei invisível todas essas quatro noites de loucura coletiva, armazenando conhecimentos e sabedoria. Vi homens e mulheres tais quais são na realidade, ou pelo menos, como desejariam ser durante a vida. O Carnaval desata mágicamente, os laços a que estão homens e mulheres presos às convenções sociais. A vida é um carnaval de todos os dias. Sorrisos que vês, alegrias que sentes, palavras amáveis que se escapam desses lábios batonizados, elogios de toda a espécie, êsses convites, êsses acenos com que querem despertar a tua vaidade, tudo isso que te cerca na sociedade em que vives, não passa de um carnaval em que todos têm bem afiveladas as suas máscaras e, exatamente, nesses três dias é que caem e a hipocrisia se esconde por momentos, para dar livre curso àquelas coisas que vivem escondidas sob a capa da convenção.

Cada homem e cada mulher representa um mundo desconhecido que só aparece atraído pelo contágio e influência desses folguedos, que não conhecem nem lei nem ordem, nem convenções, nem nada. . .

Depois, o ridículo e a vida contínua mascarada, hipócrita e mentirosa. . .

Guarda o que te digo agora. Daqui ha pouco, recordar-te-ás que “Ês pó e que em pó has de te converter”. Também nisso vai um pouco de hipocrisia, porque és alma e quando te sentires alma, então, sentirás a vida e o carnaval não mais precisará de ti e nem tu dêle. . . Adeus”.

E se foi a visão amiga.

O homem porém, continuou dormindo.

OSVALDO MELO

Pacotes para a Europa

Entrega rápida, de stock já existente na Europa
Encaminhamento de pacotes feitos pelos interessados
Serviço rápido e entrega garantida!

Peçam informações a
H. G. MOLENDÁ

Caixa Postal 152 — Rua Bocaiuva 60 — Telefone 1352
FLORIANÓPOLIS

Bolhas de Sabão

Queres saber por que estou sempre triste?
Por que queres saber? Deixa-me em paz.
— Por que sondar minha alma?
Só a tristeza é minha confidente,
só na tristeza eu posso encontrar calma.

Olha bem nos meus olhos;
êles estão mortos,
fita-os, vê...
Queres saber por que estou sempre triste?
Por compaixão? Por que?
Diz-me por que?

Repara bem — os meus olhos não têm brilho.
São luzes que morreram,
que se apagaram...
São tristes como eu;
verteram tantas lágrimas,
depois secaram.

Queres saber por que estou sempre triste?
Pois bem.
Has de saber por que não sei sorrir;
has de saber por que não sei cantar.
Queres saber, ainda?
Cuidado! — podes sofrer, talvez chorar...
Escuta:
— eu vou contar...

Quando jovem, na vida acreditei.
Correndo de ilusão em ilusão,
um romance de ventura idealizei.
Poucas folhas escrevi
da novela que sonhei
e... não vivi.
Minha historia permanece inacabada.
Por berço teve a dôr
e... foi escrita com lágrimas
puras como o perdão.
Teve um título também:

- DESILUSÃO.

Certo dia, a própria vida me contou
que a felicidade é muito prematura,
um hipotético sonho de ventura
— méra mentira; quasi traição.
Disse existir amor e sofrimento,
indiferença, abandono e falsidade,
prazer, lágrima, saudade,
fraqueza, desdém, ingratidão,
ciume, dôr, separação...
Então, resignado eu escrevi
na derradeira folha de meu livro
três palavras

— tôdas três eu traduzi:
felicidade, esperança, ilusão
— miragem, cinzas,

BOLHAS DE SABÃO.

A Alma do Maestro

A JOSÉ CORDEIRO

Existe no salão qualquer coisa que tem
A grandeza da dôr e a magua do abandono.
Empoeirado e triste, o piano sem dono
Parece reclamar a presença de alguém.

Diria, se falasse: — Onde está meu patrono,
Que me deixou tão só? Será que êle não vem?
Será que adormeceu tão cansado e tão bem,
Que não pôde jamais despertar dêsse sono?

Imaginando ouvir o piano falar
E supondo escutar o seu lamento profundo,
De pé, junto ao teclado, um vulto estranho vejo.

E a vaga aparição, da sombra dêsse altar
Se afasta, e se desfaz na penumbra do fundo,
Onde estala no ar o sibilo de um beijo!

ANTENOR MORAES



CASTULIO DO AMARAL
Engenheiro Civil
Casas prefabricadas — casas eco-
nômicas — casas populares
Loteamento — Arruamento
Engenharia Sanitária
Rua Raymundo Correia, 81
ESTREITO
Caixa Postal 9 — Florianópolis

Deus

Escreveu

ESTER DE MELO LENTZ

especialmente
para "ATUALIDADES"

«AMAR A DEUS SOBRE TODAS AS COISAS E AO PROXIMO COMO A NOS MESMOS», é o mandamento básico de todas as leis que regem o Universo; e eu, humilde cristão, adoro a Deus na Natureza, porque sei que não há outro artista que possua tintas mais lindas para colorir um pôr-de-sol que se espelha no mar... e as estrelas que brilham no firmamento, espiando a Terra num contínuo piscapisco, como se fossem os olhos dos espíritos iluminados a nós fitar!

Admiro o poder do Creador, na imensidão do mar, que com sua eterna música, óra suave e com um murmúrio de satisfação espreguiça-se nas areias brancas, qual lençol prateado, óra bravo, quebrando, de encontro aos rochedos, suas ondas revoltadas, jogando, numa dança louca, as embarcações indefesas, como se fôsse um gigante muito mau e estivesse a zombar das pequeninas cousas que o rodeiam; na chuva que molha a terra, fazendo crescer as plantas, enchendo cachoeiras, para que os homens possam tirar dessa mesma terra, o seu sustento; no sol — o astro-rei — que distribue calor e dá colorido às flores e frutos, cobrindo-nos com seu manto dourado.

Tudo nós fala na existência de um poder divino: o verde das florestas, as pedras nos morros, o canto dos passaros, dando-nos a certeza que uma força poderosa dirige todos os Mundos e nada se perde, porque, felizes criaturas, somos uma partícula da Eternidade!

A bondade de Deus também se reflete no sorriso inocente das crianças, pois não tenho nos braços meu filho adormecido? Sorri, sonhando, talvez, com os anjos, e minha alma agradecida eleva ao Pai uma prece, por me haver concedido a felicidade de colocar a meu lado a criaturinha que ameniza minha luta pela vida.

Em meu pensamento passaram as palavras de uma conhecida canção de ninar, na qual também o autor quiz glorificar o Criador:

«Deus por certo se enganou, quando meu filho nasceu.
Pois um anjo me mandou e os anjos são só do céu»...

Fabrica de Vassouras «ITACY»

de Veiga, Pinho & Cia.

REPRESENTAÇÕES e CONSIGNAÇÕES

AGENTES DA: Equitativa Terrestre, Acidentes e Transportes — Serviços Aéreos "Cruzeiro do Sul" Ltda.

Caixa Postal, 65 — Tel. «ITACY»

Laguna
S. Catarina

COMERCIAL E INDUSTRIAL

FETT LTDA.

Indust. e Exportadores

Madeiras beneficiadas :

Forro, assoalhos, abas, caibros, reguas, e demais madeiras para construções.
Caixarias pinho. — Resserrados.

ESCRITÓRIO E DEPOSITOS :

Rua 24 de Maio 246/258.

Tel. 23 — Estreito — Florianópolis.

End. Telegr. — "TELMO"

Caixa Postal 16

Fábrica : C A M B I R É L A, mun. de Palhóça

Sociedade Anonima Comercial

CASA MOELLMANN

Casa fundada em 1869 - Com Filial em Blumenau.

FLORIANÓPOLIS - Caixa Postal, 96

Secção de Artigos para Presentes :

Praça 15 de Novembro - Esquina Rua João Pinto
Tapetes - Malas finas para Avião - Geladeiras - Utensílios Domésticos - Cristais - Objetos de Arte - Valises e Bolsas - Aparelhos de Porcelana para Chá e Jantar - Jogos de Cristal para Mesa e uma infinidade de outros Artigos para Uso Doméstico e Ornamento do Lar.

Secção de Ferragens :

Rua João Pinto, 2

Ferragens - Tintas - Oleos - Material para Construções - Cimento - Louça Esmaltada e de Alumínio - Cutelaria.

Secção de Automoveis :

Automoveis e Caminhões DODGE. Aceitamos encomendas para entrega oportuna.

Peças Ford, Chevrolet e Dodge.

Acessorios para Automoveis.

Sociedade Brasileira de Geografia

Integra da proposta apresentada em sessão de 30 de Dezembro do ano findo, á S. B. G., pelo escritor catarinense, professor Arnaldo S. Thiago:

Snr. Presidente. Congratulando-nos com V. Excia. e com todos os nossos ilustrados consocios da Sociedade Brasileira de Geografia, pelo êxito cada vez mais acentuado dos nossos trabalhos, pedimos vênia para trazer ao conhecimento da casa e resultado dos esforços que vimos dispendendo, desde 1938, no sentido de realizarmos, no município que nos serviu de berço, um amplo inquérito, tanto no que concerne à geografia, à etnografia, à história, como ao desenvolvimento cultural do mesmo, visando assim prestar o nosso concurso à obra verdadeiramente grandiosa de divulgação dos conhecimentos dessa natureza, relativos aos 1.574 municípios do Brasil.

Naquele citado ano de 1938, fizemos publicar o opusculo «Breve Noticia Histórico-Descritiva do Município de São Francisco do Sul», Estado de Santa Catarina, que nos serviu de credencial ao ingresso nesta Sociedade, tendo merecido palavras de estímulo dos nossos eminentes patricios, snrs. Almirante Raul Tavares, quando presidente desta Sociedade, Dr. Teixeira de Freitas e de outros competentes.

Em Julho de 1939 realizamos uma conferência nesta Sociedade, em homenagem ao snr. General Cândido Rondon, sôbre os Carijós, primeiros habitantes do referido município catarinense, ou pelo menos os autóctones ali encontrados pelos primeiros colonizadores europeus, em 1504. Prosseguiamos assim o inquérito à vida local, iniciado em 1938, o que demonstra que tínhamos um plano de ação e fazíamos trabalho concatenado.

Em 15 de Abril do corrente ano, sob os auspícios da nossa prestigiosa Sociedade e contando com o denodado e patriótico apôio do nosso illustre presidente, snr. Ministro Fonseca Hermes, realizámos, como estais lembrados, a memorável sessão em homenagem ainda àquele município que, na data citada, festejava o primeiro centenário de sua elevação à categoria de cidade.

Por ocasião do XIº Congresso de Geografia, reunido nesta Capital, em 1944, propugnámos por uma ampla divulgação desses propósitos, de modo a que pudessemos ter idênticos trabalhos realizados em todos os 1574 municípios do Brasil.

D R S.

J. B. BONASSIS

A. G. DE ALMEIDA

F. MAY FILHO

— A D V O G A D O S —

Causas civeis, comerciais, criminaes, trabalhistas, contratos, naturalizações, consultas e pareceres

Escritórios:

Rua Felipe Schmidt 34 - sala 3 - Florianópolis

Rua Pedro Demoro 971 - Estreito

Diz-nos a consciência, snr. Presidente, que estamos destarte colaborando, espontaneamente, com esta Sociedade, e procuramos corresponder aos nobres e elevados propósitos do govêrno de nossa Pátria.

E' ainda com esse propósito que vimos hoje propôr à Diretoria e ao Conselho Diretor da Sociedade de Geografia, a inclusão, no programa do próximo Congresso de Geografia, a reunir-se na cidade de Belém, do Pará, de um antecipado apêlo a todos os Governos dos Estados da Federação, no sentido de serem análogos inquéritos levados a efeito, por pessoas de boa vontade e de ânimo patriótico, em todos os municípios do Brasil. Teriamos, desta forma, snr. Presidente — é claro — a mais completa e autêntica história do Brasil, com o mais detalhado conhecimento da geografia pátria, e ainda a melhor maneira de sabermos qual a verdadeira cultura da nossa gente, porquanto, se é certo que há muito analfabetismo pelo interior do nosso vasto país, não menos certo é que muita cultura por aí se perde, ignorada e estéril, desperada nos mais afastados rincões da Terra Brasileira, como se pode demonstrar tomando por base êste inquérito, que acabámos de fazer, sôbre a evolução cultural de um apenas dos 1574 municípios brasileiros, e do qual temos a honra de oferecer alguns exemplares a esta Sociedade, juntamente com outros exemplares do nosso poema — Terra Bonita —, como se traduz em vernáculo o termo indigena IBIPORANGA, pelo qual os referidos Carijós designavam a região catarinense em aprêço, poema em que tratamos da paisagem e do folk-lore local.

CÔMERCIO E INDÚSTRIA

K. RAMTOUR

Florianópolis - S. Catarina

FA'BRICA DE BANHA

Produtos suinos - Conservas - Comestiveis - Salsicharia - Laticínios - Aves frigorificadas - Ovos etc.

MERCADO PUBLICO MUNICIPAL

Foi assim...

SILA

Naquela terça-feira gorda, encardida e monótona, um morraço tremendo cobria as ruas, sufocava a gente e fazia correr suor. O carnaval ia morrendo, como mortas estavam as serpentinhas descoloridas, espichadas nas calçadas. E, como rodava solidão em tudo, meu coração parecia uma tumba vazia e, fui recordando aos poucos... o mundo todo, poeiras do passado, outros povos que também tiveram suas bacanais; os giniceus em Roma e Grécia, lá também as lascívias Caracalas, e, não sei porque o IDÍLIO (CANTICO DOS CANTICOS) — Oh! vem, meu bem amado; vamos aos campos, fiquemos nas aldeias, corramos de manhã cedo às vinhas para ver si das flores nascem os frutos. Aí te oferecerei o que tenho de mais doce...»

O pensamento longe, voando pelas planícies do sonho, divagando etereamente em nuvens ligeiras, douradas, infinda; a alma suspensa, vaporosa. — «Filhas do Sião, eu vos peço... Os seus olhos são como os olhos das pombas; é entre as jovens, como o lírio entre os espinhos: levanta-te, vem minha amiga, minha beleza».

Crepusculos infindos cobrindo mundos esquecidos, soterrando cidades mortas, que o vento viu nascer, afagou-as, testemunhou suas glórias e desditas; viu-as enfim sucumbirem no abismo do nada. O poema eterno de NALO... «Os deuses se levantaram, os seus pés não tocavam o solo. Imóveis, como estátuas de cristal, coroados com flores imortais, as suas pálpebras nunca se fecham, nunca uma gota de suor lhes cai das fronteiras e os seus corpos não projetam sombra alguma».

Êstes dois sonetos parnasianos são da autoria de ilustre médico conterrâneo, o qual, modestamente, quis se esconder sob o pseudônimo de LOMAS DE BISCAIA.

NUNCA MAIS !

Encontrei-a uma vez, não sei bem quando.
Era bela, vistosa e parecia
Trazer no olhar vislumbres da alegria
Jovem, que os passos lhe ia deslumbrando.

Passou. Olhou. Sorriu. Era tão brando
O acento com que me saudou: «Bom dia.»
«Bom dia», então também eu lhe dizia,
Quando passava assim, cumprimentando.

Um dia ela, ao passar, tinha no rosto
Qualquer cousa de languê. Com desgosto
Sorriu. Não disse nada e foi embora.

E desde então espero com anseio,
Mas nunca mais passou... nunca mais veio
Para cumprimentar-me como outrora.

A CASA DA FLORESTA

Hoje tudo acabou. Nada mais resta
Da casa humilde, cortejada em tórno
Pelas vírdes ramas da floresta
Que, à tarde, ao fustigar de um vento mórno,

Gemiam. Mesmo assim tudo era festa.
Cada planta a viçar era um adórno.
Hoje sua visão como é molesta!
E' ao cáos fatídico o fatal retórno.

Veio a destruição, veio a desgraça,
A guerra, a fome, a privação, a praga...
Pelo chão sinistrado ninguém passa.

Apenas eu percebo, à luz hodierna,
Na morte prematura dessa plaga,
O nascimento de uma dor eterna.

LOMAS DE BISCAIA*

Na rua longe, o mundo parecia sumir, as almas em suor se misturavam, os corpos se lambiam na loucura homogênea, esfusante e total. «Mas a mulata é a tal!» Rolando, girando, o mundo todo doido, mas, «Os seus olhos são os das mais brancas pombas, as suas faces como pequenos canteiros de plantas aromáticas e os seus

lábios, como lírios, exalando o seu primeiro aroma».

Aquela tarde melancólica foi se sumindo, repassada de amarguras para o meu espírito. Como um crepúsculo silencioso e único o meu carnaval passou, triste, somente sonhos e divagações. Para minh'alma era já uma quarta-feira de cinzas.

PETROLINA MINANCORA

CONTRA CASPA,
QUEDA DOS CA-
BELOS E DEMAIS
AFECÇÕES DO
COURO CABELUDO.
TÔNICO CAPILAR
POR EXCELÊNCIA

Reminiscencias.

ARNALDO S. THIAGO

Escrevo no estado d'alma em que se deve encontrar o homem exilado de sua Pátria: sentindo a profunda nostalgia, a dolorida saudade de tudo que lhe é mais caro na vida.

Certamente encontro ao meu lado, sêres muito queridos, que me procuram confortar, quando me vêm abatido sob o pêso do «agri-doce pungir de acerbo espinho» que faz a tortura dos desterrados. Mas é debalde: não há conforto possível para o coração de quem vive, pelo espírito, em contacto permanente com o passado. E são assim os velhos.

No futuro têm os moços as alviçareiras perspectivas da existência: constituem elles o exercito que avança, cantando, para os cimos da montanha da vida. Do alto, bem do alto, esperam descortinar a região longinqua da felicidade, que fica do outro lado da montanha.

Os velhos, porem, já chegaram ao cimo da montanha — e descem, chorando, a outra vertente: a vertente que conduzir devia à felicidade — e que elles não encontravam... porque a felicidade estava justamente do lado oposto, ao sopé da montanha da vida, no tempo em que elles começavam a subi-la, cantando.

A única felicidade que realmente o nosso mundo proporciona a uma alma possuidora de sensibilidade, é a da meninice, quando se desconhecem as realidades do viver terreno, quando ainda nos encontramos sob a tutela de nossos pais e lhes sentimos o doce amparo, proupano-nos à contemplação das misérias humanas.

Felicidade! Só em plena cegueira moral da meninice. Para o homem que tem os olhos abertos sobre o estendal das lúgubres realidades humanas — tudo é ruinaría, escombros... cinzas que se espalham ao sopro do vento. A glória? — E' uma estátua fria que não responde aos nossos

apêlos, ou um nome colado a uma esquina e que pertenceu a um mártir ou a um descrente, isto é, a alguém que sofreu por muito amar o seu semelhante ou que sorriu por se lhe considerar superior, tratando-o, não raro, com menosprêzo. O amor? E' uma bela miragem que transforma as paisagens aos nossos olhos, mas não lhes modifica a natureza intima. O amor, nem chega a ser oásis; é simplesmente isso: uma bela miragem nos desertos da vida...

Resta-nos o Dever. Que é o dever? — Um austero ancião decrépito, em quem os homens, geralmente não acreditam e de quem zombam intimamente, embora lhe façam mesuras e rapapés na praça pública. Sim, o dever se parece, na ordem social com o nosso velho Ruy na ordem política, e no conceito dos seus adversários: só serve para uso externo.

A glória e o amor terrenos são belas mentiras. O dever, um velho ranzinza... O que nos fica para consolar nas desilusões da velhice? A saudade cruciante dos tempos da meninice. Todos os poetas assim o sentiram. Sentiu-o Guerra Junqueiro nestes versos tristes:

«Minha mãe, minha mãe, ai que saudade imensa, Do tempo em que ajoelhava, orando, ao pé de ti...

Sentiu-o Luis Pistavin, ao exclamar, chorando: Mãe, porque foi que não morri contigo?

E todos os que possuem uma alma sensível, não podem fugir á nostalgia do passado e nessa região que deixamos, muito longe, o vulto que mais alto assoma é o de nossa mãe, aquela que em seus braços nos embalou e que nos fez esquecer, durante anos, a crueza da vida, para dar-nos a felicidade, a única felicidade que o homem encontra na vida...

«Mãe, por que foi que não morri contigo?»

Torrefação e moagem de café

“MIMI”

Fabricante: I. C. Pires

Rua Cel. Pedro Demoro, 1352

ESTREITO

FLORIANÓPOLIS — S. CATARINA

Tome Café “MIMI”

Exija-o de seu fornecedor

EMPRESA COMERCIAL

R. GROSSENBACHER S. A.

BEBIDAS - ARMARINHOS - FERRAGENS

:- Comércio por Atacado :-

IMPORTAÇÃO :- EXPORTAÇÃO

Rua 15 de Novembro, 857 - C. Postal, 15

BLUMENAU



DR. NERÊU RAMOS

“Um casal
ilustre”

*Honrosa carta
do Dr. Nerêu Ramos*

Senado Federal.
Gabinete do Presidente.
Prezado amigo
Nuno d'Eça.

Só hoje me é possível levar-lhe os meus melhores agradecimentos pelo excelente trabalho sôbre o casal de que descendo.

Acredite que me comoveu profundamente sua expressiva homenagem aos meus progenitores e sobretudo à minha santa mãe, tão cedo roubada ao carinho da família, mas, por sem dúvida, acolhida por Deus na eterna felicidade celestial.

Aperto-lhe afetuosamente a mão.

a) — Nerêu Ramos

Rio, 27-1-48

General Dr. Bulcão Viana

Em sessão da Câmara Municipal desta Capital, a UDN prestou homenagem póstuma ao saudoso e humanitário médico General Dr. Antônio Bulcão Viana. A essa homenagem o PSD solidarizou-se tendo feito uso da palavra os srs. Vereadores dr. Armando Valério de Assis e sr. João Cunha, ressaltando a personalidade e serviços prestados à coletividade por aquele insigne médico e político. Damos abaixo o discurso pronunciado pelo Vereador udenista Gercino Silva:

Senhor Presidente.

Voltando a ocupar nesta Câmara o lugar que, como primeiro suplente, por várias vezes ocupei, na legislatura que antecedeu ao golpe estado-novista de 10 de novembro de 1937, senti o dever de propor à Casa uma homenagem em memória de um dos companheiros, que, naquêle tempo, mais a dignificaram.

É para mim subremodo tocante esta ocasião, em que, recordando a figura sem par do General-médico Antônio Vicente Bulcão Viana, tenha que fazê-lo sob a emoção que me vem da saudade de uma das criaturas à qual dispensei a maior amizade, pela qual tive uma grande veneração, da qual recebi os melhores ensinamentos cívicos e políticos.

Há quasi 8 anos atrás, numa tarde chuvosa do dia 27 de março de 1940, num espetáculo emocionante de gratidão e amizade, a população desta cidade subia a ladeira do cemitério do Senhor dos Passos, com os restos mortais daquele que, sendo baiano, pelas suas qualidades e pelo amor à nossa terra, igualou-se aos seus mais ilustres filhos.

Oito anos são passados, mas, tão grande foi a sua influência em nosso meio, que, ainda hoje, o seu nome orienta, com os exemplos que deixou, os destinos da nossa vida pública e particular.

Nascido na Bahia, de uma das famílias que, na monarquia, tinha o maior realce de nobresa, Bulcão Viana ali se formou na tradicional Faculdade de Medicina.

Ingressando logo no quadro médico do Exército, foi classificado no batalhão que aqui estacionava, donde nunca mais se afastou, a não ser por curto período, torturado pelo anseio de voltar ao convívio da gente catarinense.

Aquí veio encontrar com Frederico Rola, Catão Calado e Duarte Schutel, uma escola de sacerdotado da medicina, a qual se filiou abnegadamente e da qual veio a ser mestre sem igual.

"Para ser médico" — costumava ele dizer — "é necessário, antes de tudo, ter saúde de ferro e paciência de Job. Por modestia escondia outra qualidade que era sua por excelência: a bondade.

Realmente foram êstes predados, aliados a uma inteligência,

que completavam a sua personalidade de médico.

No exercício da sua profissão foi um esbanjador da saúde férrea que possuía. Nunca poupou horas do sono, nunca mediu distâncias nem escolheu meios de locomoção, nunca se escravizou ao comodismo, mesmo quando a sua idade já o exigia e a situação de general o permitia. Sentia-se senhor de energias inesgotáveis e as aproveitava ao máximo em benefício do próximo.

Pacientemente ouvia as queixas intermináveis dos clientes e sujeitava-se às suas enervantes impaciências, sem que se notasse nele a menor manifestação de desagrado, fossem êles ricos ou pobres, grandes ou pequenos, correligionários ou adversários, amigos ou inimigos.

Era da medicina o apóstolo que tudo perdoava e tudo tolerava. Resignadamente, sem protesto, suportava com estoicismo a ingratidão, sentia-se vexado com a lisonja e jamais se julgou credor de reconhecimento.

Eu, que o conheci na intimidade, sei quanto lhe custava cobrar honorários e quanto lhe repugnava o comércio da medicina. Tendo oportunidade e meios de acumular fortuna, viveu e morreu modestamente, satisfazendo-se somente com o suficiente para o bem estar de sua família e para educar aprimoradamente os seus filhos.

Em outros tempos, Senhor Presidente, um vulto de tão agigantadas qualidades, não ficava à margem da política, que procurava os homens dignos, para com êles se dignificar.

Ela precisava dêstes homens e êles a serviam como um dever cívico e não como a uma profissão capaz de enriquecê-los. Na sua escolha influíam a integridade do carácter, a capacidade intelectual, os dotes morais, mais do que os fatores materiais ao alcance de qualquer indivíduo.

A miséria e a degradação dos costumes, a que nos levaram os poderosos dos últimos tempos, ainda não havia criado o comércio do voto. O respeito à opinião do cidadão não permitia que a violência, a fraude, a opressão e a ameaça influísse sobre as suas decisões. A propaganda, ensinada pelo facismo, não perturbava a serenidade no julgamento dos valores, com a confusão das promessas, das intrigas, das calúnias e das infâmias.

Foi Hercílio Luz que, com a sua super-visão de político e de estadista, viu na colaboração de Bulcão Viana, uma garantia para a grandeza que teve o seu governo.

Apoiando a sua candidatura a deputado estadual, prestou êle à política catarinense, o grande serviço de dignificá-la com um dos seus mais expressivos valores.

Si grande já era pela sua vida particular de médico e oficial, maior ainda se tornou pela sua vida de homem público.

Substituiu Adolfo Konder, como Presidente da Assembléia Legislativa, durante um curto prazo, bastante porém para revelar a sua alta capacidade administrativa.

Era sua a opinião de que a honestidade não constitue qualidade extraordinária de um político. Considerava esta virtude como natural a todo o homem de bem e como fator integrante da personalidade política do cidadão. No Brasil, entretanto, quando se quer destacar a figura do administrador, do estadista ou do homem público, é esta a qualidade primeira a ser exaltada. Fiel a êste princípio comum, não podia deixar de citá-la como o predicado marcante da sua inteireza de carácter, chegando muitas vezes às ráias do exagero.

Notável e digno de ser destacado da sua atuação política, é, sobretudo, o seu espírito democrático e liberal, que se fez sentir em tôdas as funções que exerceu.

Homem de partido por excelência, tinha a compreensão exata da arregimentação e da disciplina. Não permitia que a vaidade e o amor próprio prevalescessem sobre os interesses partidários. Exemplo disto deu, quando o Partido Republicano Catarinense, necessitando dos seus serviços na Câmara Municipal, candidatou-o a Vereador. Com isto não se sentiu diminuído, apesar de já ter ocupado os mais altos postos políticos e administrativos do Estado e de sair de uma eleição, em que fôra candidato a senador da República.

No ostracismo trouxe para a oposição seu contagiante ardor combativo, na luta contra a ditadura, que em 1930 se implantara no País. Durante esta batalha, a morte o surpreendeu traiçoeiramente, sem que lhe desse tempo para assistir a concretização do seu sonho de redemocratização do Brasil.

Nenhuma homenagem pôde ser mais justa do que esta que venho propor à Casa.

Proponho que se faça constar na ata da sessão de hoje, um voto de saudade e, ao mesmo tempo de pesar, por nos sentirmos privados do convívio e da colaboração de tão eminente figura.

Proponho que se faça constar na mesma ata, um voto de gratidão e reconhecimento, pelos relevantes serviços por êle prestados à Pátria, ao Estado e ao Município.

Proponho ainda que, por intermédio de seu ilustre filho, o deputado Oswaldo Bulcão Viana, a mesa desta Câmara dê conhecimento da sua resolução à exma. família do homenageado.

Peço, enfim que seja dada publicidade na integra da proposta que acaba de fazer.

Era o que tinha a propôr, senhor Presidente.

Cruz e Souza



A 19 de Março de 1898, falecia na Estação de Sítio, no Estado de Minas Gerais, João da Cruz e Souza, o Dante Negro, um dos maiores poetas que o Brasil há produzido.

Nascido na então cidade do Desterro aos 24 dias do mês de Novembro de 1862, Cruz e Souza, o chefe do Simbolismo em nosso país, autor consagrado de «Broqueis», «Missal», «Evocação», «Faróis» e «Últimos Sonetos», foi um dos escritores e poetas mais estimados e queridos de ontem e dos nossos dias, por ser homem de côr, teve de enfrentar no percurso de sua existência, os maiores preconceitos e dificuldades, vendo-se obrigado a sair de sua terra, meio por vezes hostil, por vezes indiferente ao desenvolvimento de sua cultura, indo para a Capital do país, onde encontrou amparo e proteção e a amizade confortadora de uma dezena de intelectuais, entre os quais muito se evidencia Nestor Victor, que foi o irmão branco do poeta negro.

Diversas tem sido as homenagens prestadas em o nosso país à memória do glorioso filho de Santa Catarina. Florianópolis, seu cespede natal, eternizou no bronze, em vistoso monumento erguido em uma de suas praças públicas, a efigie do poeta negro, homenagem promovida pelo extinto «Centro Cívico e Recreativo José Boiteux», então sob a presidência do escritor Ildefonso Juvenal, — um dos mais dedicados cultores da memória de Cruz e Souza, ideia que recebeu o valioso amparo do saudoso historiador José Boiteux,

As Mães

Vêde-as passar na vossa imaginação, velhinhas e tremulas, ainda com o resto do brilho de um sonho apagado no fundo do olhar.

Vêde-as, olhae bem para elas: são as lutadoras, as desventuradas, as esquecidas, as desprezadas, — aquelas que carregaram o mundo nos ombros por amor dos filhos, aquelas que se sacrificaram por êles nas longas noitadas, no trabalho de sempre, a cada hora, a cada minuto, a cada segundo, com o coração vertendo sangue, transpassado pelas espadas do desespero...

Olhae bem para elas. No seu rosto ha a impressão viva e forte de milhões de lágrimas choradas, a ansiedade do futuro bem-estar dos filhos, as incertezas, as preocupações, as dúvidas, as esperanças, os temores, os receios, — tôdas as maguas e tôdas as dores, todos os estremecimentos e tôdas as agonias que formam a terrível luta que circunda a frente das mães como uma aureola de resignação e de martírio.

Abençoadas criaturas da terra, ó mães soberanas! o que o vosso consôlo e o que o vosso piedoso e nobre amor nos ensinam (ai! que desgraça e que triste desolação em vos dizer isto!) é inteiramente esquecido por nós. Por isso passaes no mundo como ignoradas sublimes, sem um adeus do vosso passado, sem um lenço saudoso que se agita no ar da estrada da vossa existência, saudando-vos carinhosamente como as heroínas do bem humano, acenando, em sinal de gratidão, de adoração e de respeito, para as vossas ilusões mortas lá longe, muito para trás, da outra banda do vosso presente...

CRUZ E SOUZA

então Secretário do Interior e Justiça do Estado, sem o qual, e certo, não teria sido levada a efeito com a facilidade com que fôra realizada.

Além dos trabalhos enfeixados nos livros acima citados, encontram-se nos jornais da antiga

Desterro, trabalhos esparsos de Cruz e Souza, como a bellissima página que acima transcrevemos, dedicada a um dos seus grandes e bons amigos, e irmão por Apolo, o saudoso e querido poeta do «Asceterio» e das «Novenas de Maio».

Foi inaugurada a Faculdade de Farmácia e Odontologia de Santa Catarina

Mais um passo para a Universidade de Santa Catarina

Teve lugar em 20 de janeiro último, às 20 horas, no auditório do Departamento de Saúde Pública, em sessão solene, a instalação da Faculdade de Farmácia e Odontologia de Santa Catarina.

Iniciativa de um grupo de médicos interessados no desenvolvimento do ensino secundário entre nós, a frente dos quais estavam os drs. Benoni Laurindo Ribas e Agripa de Faria, teve a nova escola superior autorização para funcionar pelo decreto n. 24.316, de 8 de janeiro deste ano.

No que respeita à utilidade pública e ao alcance social de um tal centro de preparação e formação técnicas, não será necessário encarecer. Mas sabendo-se que até agora nossa mocidade via-se obrigada a ausentar-se do Estado, a custa de grandes sacrifícios pecuniários, para estudar farmácia ou cirurgia dentária, ver-se-á o grande benefício que lhe prestarão nossas autoridades governamentais mantendo um estabelecimento de ensino como o que se inaugurou, que nossos jovens poderão frequentar sem maiores gastos e sem se ausentarem do seio de suas famílias.

É mais uma lacuna que se preenche em nosso campo educacional, — mais um passo para a Universidade de Santa Catarina, velho sonho que alimentamos, todos nós, catarinenses ou não, que temos grande amor por este pitoresco rincão da Pátria Brasileira.

A Faculdade de Farmácia e Odontologia aí está, em franco funcionamento. Resta que todos lhe deem o apóio que ela merece, e de todos os recantos do Estado nossos jovens acorram para se matricularem nos cursos que ela mantém.

No ato inaugural o dr. Agripa de Faria, que à sua qualidade de clínico dos melhores que possuímos, alia virtudes literárias, incontestáveis, pronunciou magnífico discurso.

Transcrevêmo-lo aqui, não só por que se trata de uma peça de subido valor beletrístico, mas também porque dá pormenores que nos elucidam quanto os antecedentes da novel Faculdade.

Diz o dr. Agripa de Faria:

"Por muito se não de avultar, neste instante, em que reunidos acham os mais elevados representantes da garantia catarinense e as mais altas figuras de sua cultura e de sua erudição, por muito se não de avaliar, repetimos, o devoto sentimento de satisfação e este luxuoso aparato de alegrias, com que, nesta luminosidade de verdadeira apoteose assistimos com a admiração estouvada de uma emoção nova, à instalação de mais um curso superior, em nosso querido Estado.

O marasmo e a indiferença em que nós situamos, no que tange ao



Dr. Agripa de Faria

ensino superior, criou entre nós, um estado de incredulidade quase pagã e, assim, era preciso, como já fizera Rui, e como este mesmo pontificava "era preciso ferir esta superfície glacial com um jorro de água em ebulição".

Um punhado de médicos, farmacêuticos e dentistas, pela iniciativa do dr. Benoni Laurindo Ribas, lançou as bases da futura Faculdade, delineando em planos largos os esboços da feliz iniciativa.

A terra porém não se achava bem mondada e os agricultores, incautos, não tinham ainda aquela auréola santa de heroísmo que faz resistir às intempéries.

Assim, rugas e nusgas, aqui e ali, surgiam, sempre, porém, resolvidas pela teimosa atividade para o bem, norma essencial de nossa classe e, com ela, num crescente amor aos altos interesses catarinenses caminhava a idéia, fortalecida já agora pelo desassombro dos que sabem querer. E a desconolação não tomou pé, embora emergisse, as vezes, do fundo lodoso, como fantasma, rebatida porém sempre pelo faroleiro que velava da segurança do nosso ideal.

Assim, com esse venerável desvelo vingou a iniciativa, embora os rumores da adversidade dessem ao ar de quando em vez uma sensação grave e pesada de agouro!

No entanto as obras nascidas do coração resistem a tudo inclusive à indiferença dos incredulos!

E pela confirmação dos fatos históricos as idéias que mais empolgam as massas e que mais fartamente se espalham entre os povos, levando as gentes às lutas e às cruzandas, afirma Carlyle não são, como dizem os demagogos, os convites ao egoísmo, aos gozos da luxúria e às conquistas do mando e do poder.

As caminhadas, as que mais enfeitam e seduzem os homens de todas as classes, são as chamadas à luta e ao combate: as vezes, nu-

ma desabalada ostentação de ferocidade; outras vezes num arranco incontido para o bem; sem que ao mais das vezes, uns e outros, tenham nutrido nenhum sentimento de ódio ou de benevolência para com seu semelhante!

Por isto milhões de americanos diz Van Passen atenderam o grito de Wilson "para tornar o mundo seguro para democracia".

Assim, livre do quebrante dos descontentes e da fadiga dos amortecidos de entusiasmo, foi a idéia crescendo e eis que se transforma em verdade rebrilhante, fagulhas resplendentes que ressurtem ao martelar de um esforço contínuo e sereno.

Eis o reconhecimento da Faculdade e aquela tristeza de mosteiro das primeiras reuniões se transforma nessa alegria desenfreada da mocidade estudiosa, estudante de entusiasmo.

É que esta ância incontida de saber e que o calor e o aroma daqueles dias, "idos e vividos" sirvam de incentivo a novas lutas e a novas vitórias.

A luta pela conquista deste reconhecimento tem um grande valor!

As conquistas fáceis são como os prazeres à frio, sem grandes contrastes; — batalhas em que os desniveis dos sentimentos não aparecem e em que os atos medidos e dosados se encadeam como os acontecimentos quotidianos.

É como o tédio das doutrinas incontestadas!

É mistério que o recontro seja duro, para que assim, incontidos os entusiasmo e frouxos os freios que nos prendem aos ancestrais possa o homem, dominando os ímpetos incontidos que dormitam dentro dele, criar, pelo reino privilegiado da razão, as obras que simbolizam os grandes sonhos e os grandes anseios da humanidade!

Bendito o primeiro que dominou as emoções e que pôde criar neste estado de espírito que consoa com o extase, o sentimento do belo, o sentimento de justiça, o sentimento de amor entre os homens, a grandeza da verdade científica, o culto intangível da liberdade, a soberana onipotência da consciência moral, a força extravagante da esperança, o mêdo incontido do desconhecido que mantém a Humanidade suspensa na Dúvida Eterna!

Eis agora, então, já atingida a meta tão desejada e tão sonhada e que antes fora mais subjetiva que os imaginosos enredos dos romances de amor!

É que aqui se deram as mãos, em uma aliança de aço, a vontade e a iniciativa de um lado e do outro, a vaidade e o orgulho de nossa gente em criar com a força intelectual da nossa elite cultural, um novo núcleo de aprendizagem, onde a nossa mocidade pudesse, sem sair para longe de seus lares,

formar, em definitivo, a cupula de sua organização cultural.

Outras faculdades se seguirão a esta até que a Universidade de Santa Catarina se erija para que, assim, "possamos apresentar a nossa verdadeira grandeza dentro de nossa modesta e a onipotência de nossa força dentro de nossa imperturbável serenidade".

E esses cerimoniais virão, já pela excelência da nossa mocidade estudiosa, já pelo amplo descortino dos que, nesta hora, norteiam os destinos de nossa terra. Eis chegados como Diretor dessa Faculdade ao fim de nossas atividades, tendo cumprido com serenidade e sem ostentações o nosso dever.

Fizemo-lo como obrigação, sem alardes e sem a esperança de grandes mercês; sem nem sequer esperar que nosso nome transponha os ombrais desta vida, pois acreditamos como Eça, que não há nada mais ilusório do que a extensão de uma celebridade!

Si assim pensam, eu não quero deixar de encarecer os serviços relevantes prestados à Faculdade por catarinenses ilustres.

A iniciativa coube ao dr. Benoni Laurindo Ribas, então Diretor do Departamento de Saúde Pública.

Foi este colega que traçou os planos preparando os estatutos e o regulamento do estabelecimento.

Aqui os nossos agradecimentos.

Ao Desembargador Urbano Sales, figura de alta projeção no meio cultural catarinense deve a Faculdade uma soma infinita de trabalho perseverante, feito as vezes, em longas madrugadas. A ele o preito de nossa grata e justa admiração.

Ao Senador Ivo D'Aquino, de cuja altura ainda olha e acompanha as coisas catarinenses, a nossa gratidão.

Ao dr. Luiz Gallotti, devotado filho desta terra, a nossa admiração sincera e a certeza de nosso respeito e acatamento.

Ao nobre Vice-Presidente da República, sr. dr. Nerêu Ramos, as honras de nosso mais respeitoso agradecimento pela maneira com que sempre nos atendeu, pondo o seu grande prestígio e o seu infinito amor as coisas catarinenses à nossa disposição.

Aqui o meu e o nosso agradecimento a este vulto invulgar da cultura catarinense.

Ao nobre homem de Estado, dr. Udo Deeke, de cuja fidalguia e de cuja dignidade nós nos orgulhamos, a convicção de nosso acatamento.

Ao querido governante, dr. Aderbal Ramos da Silva, cuja personalidade sem par nós já nos acostumamos a admirar e cuja bondade, generosidade e amor a nossa terra tocam os marcos do infinito, o meu e o nosso eloquente testemunho de uma marca de admiração e respeito.

A congregação em geral e a cada um dos professores em particular o nosso grande e imorredoiro agradecimento.

Atingida à glória, não durmamos sobre os seus loiros, seduzidos pelos encantos das carícias mornas e pelo êxtase dos cansaços doentios.

Recrudesça-se agora mais do que nunca a labuta faiscando no ar os instrumentos do trabalho para que possamos ir semeando de modo a que, no término de nossos deveres, si erros ou faltas houvermos cometido, valham tanto como a espiga solitária do joio no meio da loura e vasta seara amadurecida.

Trabalhemos.

O trabalho que é a redenção universal afirmou Rui, é mais que a inteligência e tanto como a iniciativa a fonte de todo o bem estar humano e só ele constroe e só ele redime.

O marasmo que empolga o vicio e a preguiça que incuba a maldade, são os frutos inesgotáveis das desgraças e das ruínas dos homens e das nações.

O mundo atravessa uma fase perigosa de sua evolução histórica e os regimens como as nações estão ameaçadas de sossobrar, si o privilégio da razão e da fé, da cultura e da civilização, fundamentos geradores e organizadores das democracias, não substituirem os ímpetos incontidos dos instintos desenfreados, substratum seguro e legítimo dos regimens de força e de intolerância!

Este estado-de-coisas é o indício incontestável de que os homens como as nações, se acham incapazes de manter inatingida a inte-

gridade diamantina da consciência moral.

Por isto se atiram às práticas que maculam o caráter, protegidas então, pelo conformismo social, diz Baruk.

Esta incapacidade de resistência moral foi o caldo de cultura em que se desenvolveram os regimens de força, na quimérica ilusão de que os sentimentos humanos se criem e se modelem como aço, à golpes de malho.

Multipliquem-se, assim, os colégios onde se plasmam os caracteres; multipliquem-se, assim, as Universidades onde se sedimenta a cultura e onde se revigora a consciência moral para que esta, como aqueles sejam os centros de resistência viva e dinâmica das forças da democracia contra as forças instintivas do regime totalitário. E a nossa classe cabe um papel privilegiado no concerto dessa preparação.

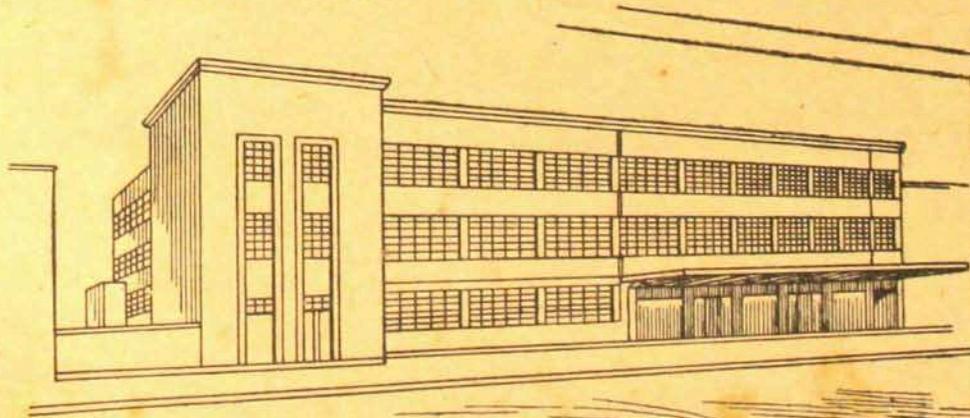
Si o individualismo traçou normas novas na formação das sociedades modernas fazendo do egoísmo o fundamento e a doutrina com que se defendem e com que se organizam; si o trabalho honesto e organizado transformado em submissão servil vem servindo de degrau não para emancipação econômica das nações, mas sim como estrada larga para emancipação dos potentados; si o trabalho disciplinado é mais uma força viva para a erupção da anarquia do que uma resistência à eclosão dos distúrbios; si as dores e as misérias dos povos se medem não pelo seu grau, mas sim pela latitude onde se sitiam, cabe a nós irmãos e meeiros da dor universal, ver claro nesses horizontes e formar uma palissada — trincheira de combate ativo contra estes despotismos.

Estas trincheiras serão as Faculdades onde se moldurarão os caracteres, onde a fé e a razão; a sabedoria e a consciência moral; a vontade e a iniciativa; dominadoras dos instintos ancestrais, façam do homem um ser privilegiado da criação e não um animal que se nutra de sabedoria para aniquilar, como rafeiro nedio, o rebanho do Senhor.

Aqui, o marco da nossa vontade
Conclue noutra página

Drogaria e Farmacia - "Catarinense" S. A. -

A maior organização farmacêutica do sul do Brasil



SÊDE DA MATRIZ, em construção

MATRIZ: JOINVILLE

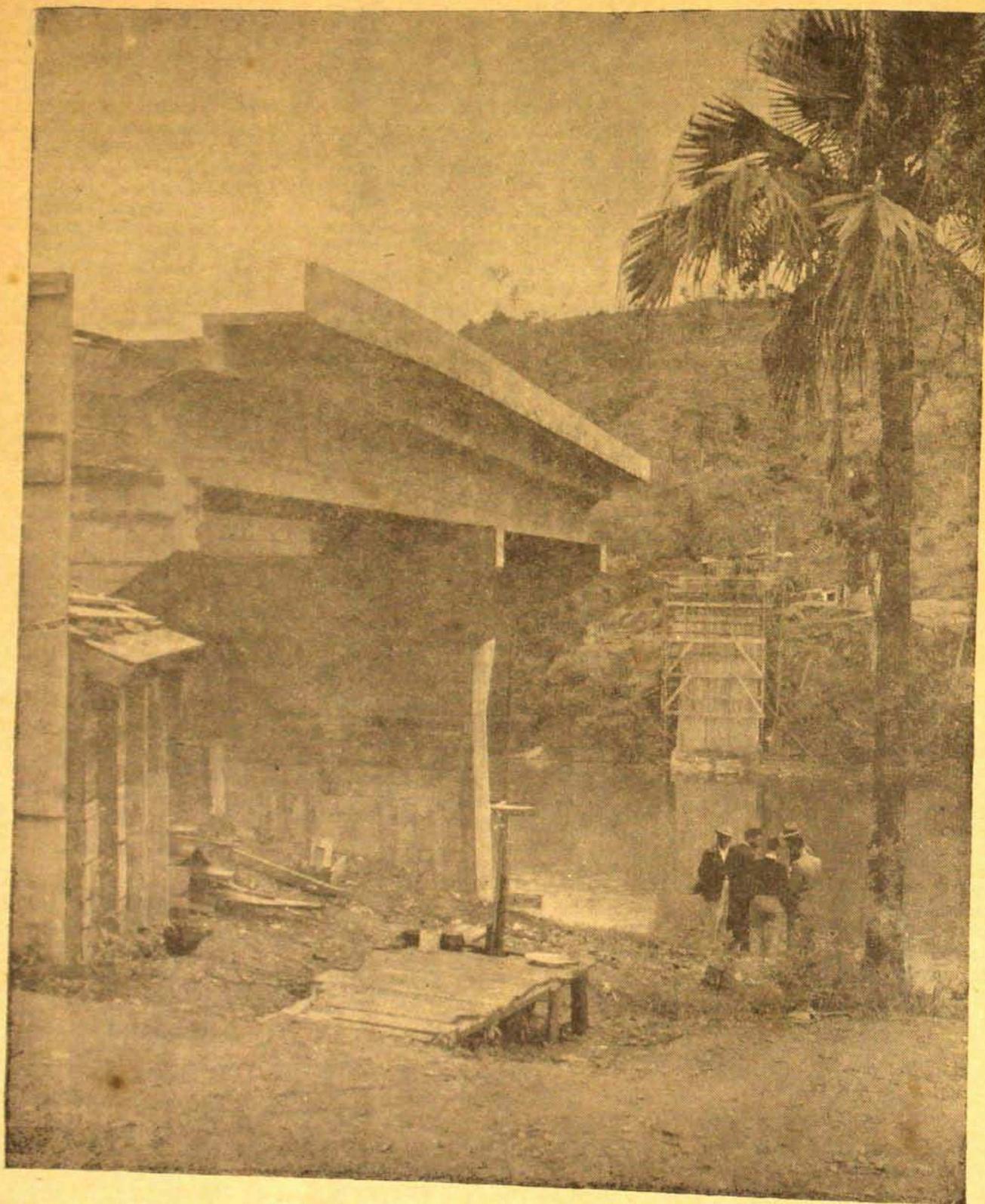
Distribuidores para o Estado de S. Catarina dos produtos dos laboratórios:

S. A. de Perfumarias Roger Chéramy
Ely Lilly & Co. of Brasil, Inc.
Laboratório Xaviér
Química Baruel Ltda.
E. C. de Witt & Cia. Ltda. (Fixbrill)
Johnson & Johnson do Brasil, Prod. Cirúrgicos
Laboratórios Andrômaco S. A.
A. J. Ferreira & C. Lt. (Urodonal etc.)
Bernard Bruggemann (Perl-It)
Perfumaria Anhangá Ltda.
Laboratório Vitex Ltda.
Renato Guimarães (Safrol etc.)

STA. CATARINA — C. Postal 95

FILIAIS: FLORIANÓPOLIS - Rua Trajano, n° 5 — BLUMENAU - Rua 15 de Nov., n° 508
BRUSQUE - Av. João Pessoa, n° 47 — JOAÇABA, Rua Paraná, 38

A construção da ponte sôbre o Rio Itajaí-Açú



Vista parcial dos importantes trabalhos para a construção da
ponte sôbre o rio Itajaí-Açú, a cargo da firma

Cumplido, Santiago & Cia. Ltda.

DUQUE DE CAXIAS

EDMUNDO DA LUZ PINTO

Caxias é uma das maiores figuras do Brasil.

Se fôramos obrigados a resumir a nossa História numa tetralogia, certo nela estaria Caxias ao lado de José Bonifácio, Pedro II e Rui Barbosa.

Tempos houve em que colocaríamos Mauá, ao invés do Imperador. Mas, depois que estudamos a influência, a participação e a orientação de Pedro II em todas as grandes questões nacionais, escolhemos o Monarca.

Patrono do Exército Nacional, está-se a ver que as qualidades militares são as primaciais em Caxias, descendente de uma estirpe de grandes capitães. (1).

Mas à grandeza dos seus serviços, a alta finalidade que eles tiveram em relação à unidade nacional, a consciência e o devotamento com que, visando a êsse objetivo, eles foram prestados por Caxias, dar-lhe-iam também a reputação de estadista, ainda mesmo que não tivesse passado pelos postos do governo.

"Caxias surgiu iluminado pela aurora de nossa emancipação política como fadado a conduzir a pátria nascente, na sua marcha para a vitória, através das lutas que ela havia de sustentar". — escreveu Góis Monteiro.

Digno de figurar ao lado de Bolívar e San Martín, se a Caxias não coube, como àqueles paladinos, o destino de criar pátrias, tocou-lhe, entretanto, também a glória de libertar nações, senão do jugo da metrópole, do infortúnio da tirania, que explorando-lhes a aparente independência, lhes causaria, afinal, a desgraça completa.

Durante todo o Segundo Reinado, Caxias foi a espada ao serviço da liberdade, no que ela tem de irmã da lei, que a limita e garante, tornando-a o mais precioso dos bens.

"Teve por vezes" — assinalou o General Francisco José Pinto — "nas mãos vitoriosas o poder político do país, mas nunca o reteve senão o tempo necessário, porque sempre fez questão de transmiti-lo, espontânea e patrioticamente, ao elemento civil da Nação". (2).

"Não se lhe conhece" — acentua Austregésilo de Ataíde — "na longa existência um ato de opressão, um gesto de prepotência contra os direitos do povo brasileiro, uma atitude contrária às prerrogativas dos seus concidadãos".

Embora político partidário, as armas que a Nação tantas vezes confiou a Caxias para sua defesa jamais se voltaram contra ela para impor-lhe qualquer solução política que não fôsse da sua vontade soberana.

"Só os não acompanharei" — escreveu êle a um dos seus correligionários — "se quiserem subir ao poder por meios ilegais, porque para a desordem não vou por causa nenhuma".

São páginas edificantes da nossa história alguns episódios marcantes da sua vida movimentada e benemérita.

Defrontando-se com a guerra, pela primeira vez, conquista em 1823, o título de Veterano da Independência.

Em 1893, nomeado Presidente do Maranhão e Comandante de suas armas para pacificar a Província e jugular a "balaiada", enfrenta vitoriosamente a difícil tarefa. (3).

Não descansa, porém.

Como repercussão da queda do Ministério Maiorista, dão-se os levantes de São Paulo e Minas, cabendo a Caxias, em 1842, sufocar as rebeliões com a sua energia só comparável à sua bravura.

A correspondência epistolar que, nessa ocasião, trocou com o amigo Regente Feijó, de quem tinha sido ajudante de ordens ao prender o

velho senador em Sorocaba, só tem paralelo na nossa História, pelo sentido dramático de responsabilidade, com aquele diálogo que Ouro Preto travaria depois com Deodoro, quando Presidente do Conselho, prisioneiro no Quartel General.

Pacificadas as duas Províncias, Caxias ascende a Marechal de Campo. Mas no Rio Grande ainda durava, vinda de 1835, a luta dos Farrapos. Parte para lá. Empossa-se na presidência da Província e no comando do Exército.

A 1 de março de 1845, a Província estava também pacificada e a unidade nacional fortalecida depois daquela dura prova, um dos mais arriscados abalos por que passou o Império.

Foi nesse lance que o grande soldado revelou o máximo das suas qualidades políticas, na habilidade, unida de elevação e de patriotismo, com que soube chamar e vencer os adversários, aos quais assegurou uma paz honrosa.

Os frutos dessa política, colheu-os o Brasil naquela mesma ocasião, quando Davi Canabarro advertiu arrogantemente a Rosas de que "o primeiro soldado de suas tropas que atravessasse a fronteira forneceria o sangue para que fôsse assinada a paz de Piratini com os Imperiais".

Aliás, muitos dos ardorosos farroupilhas a que Caxias soube tocar com o sentimento da unidade nacional, mais tarde, sob o seu comando, lutaram nas guerras contra o estrangeiro, defendendo, não só a Pátria, mas o Império constitucional, que antes tão heroicamente combateram.

Em julho de 1851, ei-lo, novamente, Presidente da Província do Rio Grande do Sul e Comandante do Exército.

Tem, agora, de não mais enfrentar uma luta civil, mas garantir a independência do Uruguai, amea-

Em qual coração feminino deixará de haver uma magua?
Qual Mulher não sofrerá uma angustia?

Tôda mulher deve se orientar, lendo

VIDAS E DESTINOS

de LISANDRO DO CASTELO

Estudo soberbo de situações estranhas em 238 páginas cheias de colorido!

Preço Cr\$ 30,00

Adquira hoje mesmo esta obra indispensável, fazendo pedido pelo Reembolso Postal à

Organização Sulina de Representações Ltda.

Rua Felipe Schmidt, 52

FLORIANÓPOLIS S. C.

cada por Oribe, instrumento de Rosas.

Rendido Oribe, seguiu-se a guerra contra Rosas. O "tigre de Palermo", vencido, fugiu.

Mas é na guerra do Paraguai, onde chegou a assumir o comando único dos exércitos aliados, que o herói, competindo com a bravura de tantos bravos, a todos excedeu, cobrindo-se de glórias.

Paralelamente aos seus serviços na guerra, podem ser anotados os que prestou na administração e na política.

Já em 1856, no Gabinete da Conciliação, de que fazia parte como Ministro da Guerra, morto Paraná, em 3 de setembro, Caxias, pela sua circunspeção e autoridade, é escolhido para guarda e executor fiel do pensamento do extinto Presidente do Conselho, demitindo-se em maio de 1857, depois de posta em prática a Lei dos Circulos.

Novamente na cena política, organiza com Paranhos o Gabinete de 2 de março de 1861, e, a instâncias do Imperador, preside, depois, pela terceira vez, o Gabinete, em 1875. O Monarca, partindo de viagem para os Estados Unidos, quis deixar o Estado "nas mãos firmes do pacificador de quatro Províncias, o lidador da libertação de três nações vizinhas". (4).

Dêle se escreveu que "foi a espora de um reinado". (5).

"Soldado vencedor nunca vencido, obreiro da paz e da concórdia, paíra ainda sobre nós o seu vulto glorioso, a estender, como outrora, o braço hercúleo, na defesa da ordem, da unidade e integridade do Brasil". (6). Tais e tantos foram os seus serviços que, em dado momento, a Nação já não dispunha de honras para distingui-lo.

Num império democrático, sem privilégios de casta e de estirpe, foi preciso elevá-lo a duque — único brasileiro que teve esse título em nossa Monarquia — para com êle exaltar o cidadão excepcional.

"Duque de Ferro" chamaram-lhe os seus contemporâneos, aproximando-o de Wellington. (7).

E o foi. A serviço da Lei, da Paz e da Liberdade.

Notas:

- (1) Vid. Afonso de Carvalho — Caxias, págs. 12-17.
- (2) Discurso proferido em 25 de setembro de 1938.
- (3) Vid. Revista Militar Brasileira, pág. 101.
- (4) Vid. Capistrano de Abreu — "O Duque de Caxias", em Ensaios e Estudos, 2ª. série.
- (5) Vid. Revista Militar Brasileira, pág. 185.
- (6) Vid. Vilhena de Moraes — Novos aspectos da figura de Caxias, pág. 83.
- (7) O cognome lhe foi aplicado pela primeira vez pelo Senador Junqueira. (Vid. Pinto de Campos — Vida do Duque de Caxias, pág. 418).

Funeral de Pobre

A Juvenal Melquíades de Sousa

JOSÉ CORDEIRO

Em ritmo lento e monótono
os sinos da igreja da aldeia
badalam,
preguiçosos,
um dobre de finados.

Num casebre de páu-a-pique,
sentada a um canto do chão duro,
uma mulher chora.
Perto dela
há um grupo de crianças.
As maiores,
que compreendem o motivo do pranto,
choram também;
as menores,
que ainda não podem compreender,
olham espantadas...

Além,
muito além,
na última curva da estrada do cemitério,
à luz intensa de uma tarde de sol,
homens piedosos,
vão conduzindo um caixão mortuário,
tosco,
negro,
sem enfeites,
de alças enferrujadas,
— um caixão de defunto pobre...

É um funeral,
— um funeral de pobre de aldeia!
E funeral de pobre de aldeia é assim:
os sinos tocam,
porque o sineiro é pobre também;
alguns amigos carregam o caixão;
e uma viuva,
e muitos órfãos,
desamparados,
ficam a chorar,
a chorar sem consolo...

Nas cidades grandes,
nem isso!
O desejo,
a ânsia aquisitiva,
a competição,
a luta pela vida,
— frutos do egoísmo dos homens,
neutralizam o pensamento-emoção
e amortecem a sensibilidade;
e as lágrimas
quase não chegam a ser vertidas...

Os sinos,
frios,
azinhavrados,
dormem em silêncio,
no alto das torres inacessíveis!

E não se ouve mais a voz dos sinos,
a não ser quando eles dobram
em finados de ricos...

Parece que o ouro,
só o ouro,
o ouro que os humildes não possuem,
será capaz de despertar os sinos...

Não, meu velho!
Não!
Nas cidades grandes,
não há funeral de pobre...

Imagem de S. Catarina

Na solenidade da entrega da imagem de Santa Catarina a S. Eminência D. Jaime, Cardeal Câmara, o sr. Nerêu Ramos, ilustre Vice-Presidente da República, proferiu as seguintes palavras

«D. Jaime.

Foi assim que, sem indevida intimidade, mas com afetuoso respeito, sempre vos trataram os catarinenses. E ainda assim que desejam vos fale agora, para vos dizer, em rápidas, palavras, que por iniciativa de Edmundo da Luz Pinto vos manda a nossa terra, ufana e feliz esta linda imagem da sua grande padroeira, reprodução fiel daquela outra perante a qual fostes ordenado sacerdote e sagrado bispo.

Entregue em data memorável da vossa vida sacerdotal, ela vos dirá ao coração que os catarinenses acompanham de suas preces e de seus votos a vossa ascensão e a vossa devotada, intrépida e indormida ação apostolar.

Confiou-vos a predestinação divina o Cardinalato, numa hora confusa e torturada do mundo e em que só a justiça social, inspirada na fé e praticada nos moldes da sábia doutrina da Igreja, poderá levar às massas sobressaltadas a tranquilidade indispensável ao seu bem estar e à sua felicidade.

A obra social que silenciosamente vindes realizando é por isso mesmo obra profundamente cristã e corresponde àquela capacidade de determinação, àque-

la inexcedível tenacidade no querer, aquela alta e clara compreensão das responsabilidades que sempre assinalaram a vossa esplêndida atividade eclesiástica.

Nem por que de nós esperada essa obra, menos agradável

nos é a emoção de resaltá-la, em nome da terra amada, que por intermédio de sua gloriosa padroeira exora a Deus Nosso Senhor que continue a abençoar o nosso Eminentíssimo Cardeal».



Dr. Ivo Mosimann
Cirurgião·Dentista

Praça 15 de Novembro, N° 12
Florianópolis

Índios Guarani em Santa Catarina

FRANCISCO S. G. SCHADEN

(Do Instituto Histórico e Geográfico de S. Catarina)

No Pôsto Indígena do Xaçecó, habitado principalmente por índios da tribo Kaingang, encontram-se também alguns toldos de Guarani. Dêstes, o principal é o Toldo da Limeira, situado perto da confluência dos rios Xaçecó e Xaçecózinho. Por ocasião de minha visita ao pôsto do Xaçecó, encontrei alguns elementos da tribo — indivíduos simpáticos e afáveis.

Êsses Guarani, que pertencem ao grupo dos Kayuá, descendem, em sua maioria, de índios paraguaios. O «pajé», de uns oitenta anos de idade, recorda-se muito bem de sua aldeia natal, Niño Ketxú, a que se refere com frequência em suas conversas.

Imigrou para o Brasil depois de atravessar uma parte da Argentina e casou-se no Rio Grande do Sul, onde também nasceram os seus primeiros filhos. Um dêstes, ainda moço, enérgico e forte, ocupa atualmente o cargo de «capitão» dos Guarani daquele pôsto. O velho «pajé» é afável e prontifica-se, de bom grado, a dar informações sobre os costumes e modos de vida de sua gente. Como é natural, não gosta, porém, de ser importunado com longo interrogatório, que o obrigue a pensar muito. E como não tem facilidade no uso do vernáculo, o filho muitas vezes lhe deve servir de intérprete. Na manhã de minha partida, o venerando ancião descobriu a cabeça e, dirigindo o rosto para o sol nascente, rezou em voz alta e em guarani, para que o grande deus de sua tribo me protegesse na viagem.

Em comparação com os Kaingang, os Guarani são de índole mais alegre e expansiva. Certa ocasião assisti a uma serenata. Um dos Guarani tocava violão — aliás magistralmente — e outros o acompanhavam cantando em sua lingua. Eram melodias melancólicas, nascidas, sem dúvida, de um sentimento de saudade. Os versos, em que havia numerosas expressões castelhanas, falavam de recordações de amor. Ao lado disso, o músico tocou também várias modinhas brasileiras.

Para se ter uma idéia da inteligência das crianças índias, basta fazer uma visita à escola do posto. E' frequentada por uns 70 ou 80 alunos,

entre os quais há vários Guarani. Quando estive no estabelecimento, o professor da escola, sr. Avelino Rosar de Araujo, chamou um dos meninos guarani para mostrar o que tinha aprendido. O rapazinho redigiu, em bom português, uma carta convidando um companheiro para uma caçada e depois resolveu, com grande agilidade, uma série de problemas difíceis de aritmética. Estava adiantado também nas demais disciplinas, como, aliás, quase todos meninos e meninas da escola, que correspondiam de modo admirável aos esforços e ao entusiasmo do velho professor.

Dentre os Guarani que encontrei no pôsto destacava-se um homem, moço ainda e de índole cativante, que se revelou como «professor» muito hábil, sobretudo quando se tratava de explicar os segredos de seu idioma. Foi um dos informantes principais do Dr. Egon Schaden, que reuniu algum material para um estudo sobre a cultura guarani.

Raramente os Guarani do Xaçecó aparecem na sede do pôsto, embora vivam em perfeita harmonia com os Kaingang, que aí trabalham constantemente. O sr. Francisco Siqueira Fortes, encarregado do pôsto, convida-os muitas vezes para serviços agrícolas, pagando-lhes a diária de 12 cruzeiros, o que corresponde mais ou menos ao salário dos trabalhadores rurais da região.

Sempre que deixa o seu toldo, embora por poucos dias, o Guarani se faz acompanhar da mulher e dos filhos. Por êste motivo, o encarregado mandou construir nas imediações da sede alguns alpendres que servem de abrigo às famílias dos trabalhadores ocupados nas lavouras do posto.

Em seu convívio com o mundo civilizado, os Guarani já aprenderam a apreciar o valor do dinheiro. A um dos índios, que me fizera um pequeno favor, ofereci um pedaço de bom fumo em corda, de um metro de comprimento. Êle, porém, me deu a entender que preferia cinco cruzeiros em dinheiro.

Os Guarani gostam de ficar sentados em redor da fogueira, onde conversam e fumam os seus grandes cachimbos, que enchem de tabaco bas-

— A CAPITAL — — A CAPITAL —

A CAPITAL

Oscar Cardoso S. A.

Confecção **DISTINTA** = Marca registrada

Da Fábrica ao consumidor, distribuida pela casa

A CAPITAL

Endereço Telegráfico: CAPITAL

Filiais: Blumenau e Lages

O melhor sortimento em artigos para homens, senhoras e crianças

Estrelas
Singelas,
Luz-iros
Fagueiros,

Esplendidos orbes, que o mundo aclarais!
Desertos e mares, — florestas vivazes!
Montanhas audazes que o céu topetais!

Abismos
Profundos!
Cavernas!
Eternas!
Extensos,
Imensos
Espaços
Azues!

Altares e tronos

Humildes e sabios, soberbos e grandes!
Dobrai-vos ao vulto sublime da cruz!
Só ela nos mostra da gloria o caminho,
Só ela nos fala das leis de — Jesus!

FAGUNDES VARELA

tante forte. Na parte anterior do cachimbo há uma espécie de asa, por onde o seguram. Os cachimbos, que têm todos aproximadamente a mesma forma, são talhados de nó de pinho ou então feitos de argila. Cada fumante sorve rapidamente uma porção de baforadas sucessivas, que o envolvem logo numa grande nuvem de fumaça, e passa o cachimbo para as mãos do vizinho ou da vizinha. — Observei também que gostam de fumar cigarros, de palha ou de papel.

E' extraordinária a habilidade dos Guarani na técnica de trançados. Tanto os objetos fabricados para o próprio uso, como os que se destinam à venda, são feitos com bastante capricho. Os índios, sabendo muito bem que os seus artefatos são apreciados por muita gente, já aprenderam a fazer preços correspondentes. Por sua vez, a administração do pôsto se encarrega de controlar, pelo menos em parte, os negócios dos índios, para não serem logrados por um espertalhão qualquer. Além de produtos agrícolas e peles de animais, os Guarani vendem flechas e arcos revestidos de bonitos trançados de taquara, e cabos de chicote enfeitados da mesma forma, cestas e jacás de vários tamanhos, e redes de dormir. As flechas que fabricam são de três tipos, destinados a diferentes tipos de caça.

Guardo as melhores recordações da minha visita aos índios do Xapecó. E registro com satisfação e agradecimento a hospitalidade que gozei na sede do pôsto, onde se amparam e apoiam os índios na solução dos múltiplos problemas que surgem na vida quotidiana.

Sociedade Beneficiadora de Madeiras Ltda.

TELEFONE 1248 - RUA 7 DE SETEMBRO

Blumenau

Fornecedores de Madeiras
em geral

Forro paulista

Encantoneiras de qualquer
espécie

Alinhamentos, etc.

Especialidade:

soalho marca

STROBEL

Balada ao Vento Sul

OSMAR SILVA

v JOSÉ CORDEIRO

O vento Sul riscou o azul do horizonte
E assoprou, num crescendo de raiva, o velho mar.
O gigante arrepiou o dorso
E não gostou.
Bramiu raivoso.
Multiplicou-se em ondas.
E em turbilhões de água e espuma,
Atirou-se, em louca investida, em direção à praia.

Cavalgando as ondas,
Riscando as espóras no seu corcél de guerra,
O vento Sul galopa, assobiando,
Em direção à cidade!

E entrou turbilhonando
Pelas rúas, praças e arrabaldes,
Abrindo e fechando portas e janélas...
Provocando pânico, correrias e atropêlos.
Colhidos em plena rúa,
Homens e mulheres,
Lutam, em vão,
Para manter o convencionalismo das poses estu-
[dadas.

Os homens — cabelos revoltos,
Roupa em desalinho,
Procuram, praguejando, refúgio nos cafés.
As mulheres ensaiam atitudes grotescas...
Com a mão esquerda,
Tentam manter o penteado...
Desfaz o vento
O trabalho paciente
De uma hora perdida na contágem do tempo.
Com a direita,
Lutam, desesperadamente,
Para conter a saia
No exíguo limite das conveniências.
Lutam — eterna contradição —
Para impedir que o vento revele
O que tanto se esforçam para revelar.
E maldizem o vento,
Que lhes traz aborrecimentos e decepções.

Gargalha o vento Sul...
Prossegue indiferente
E atinge, num segundo,
Os morros da cidade...

Lá no alto do morro,

Num desvão atrás da casa,
Maria Rita lava roupa.
Há tristeza nos seus olhos...
O dia amanheceu nublado,
Sem sol pr'a secar a roupa.
— E o pão para os seus filhinhos?
E o dinheiro para o senhorio?

Eis que o vento Sul irrompe,
Pelo corredor natural
Que é formado por dois morros.

E enquanto os casebres gemem,
Ao embate das lufadas,
As roupas já estendidas
Se enfunam garbosamente
E enxugam que é um gosto ver.

Maria Rita sorri
De pura satisfação...

E diz como que rezando:
«Ah, vento Sul companheiro,
Tú és o amigo da gente,
Quando tem sol, tú ajudas
A secar a roupa depressa.
Quando não tem, cumpres só,
Essa pesada tarefa.
Roupa enxuta é dinheiro.
Dinheiro é pão pr'os meus filhos...
Ah, vento Sul, eu bendigo,
Tua vinda esta manhã!

E a balança do Supremo Artífice,
Que parecia pender para um dos lados,
Com o peso das queixas,
Pragas e maldições,
De homens e mulheres,
Equilibrou-se.

Bastou para equilibrá-la
A prece sincera e simples,
Da boa Maria Rita
Humilde lavadeira do morro
Que bendisse o vento Sul.

Ah, vento Sul amigo
— Tradição da minha terra —
Eu também gosto de ti.

Minha senhora! :

Quando um agente do CRÉDITO MUTUO PREDIAL, fizer uma visita a sua residência e oferecer uma caderneta do nosso Clube de Sorteios, V. S. deve inscrever-se, porque, além de um sorteio mensal com onze prêmios maiores, extraídos pela Loteria Federal, é ainda a única que cobra uma mensalidade de Cr\$ 5,00, paga pontualmente seus prêmios a domicilio e paga o reembolso TOTAL, de acôrdo com o Decreto-lei n. 7.930, de 3 de setembro de 1945.

o

mar

Alvaro Sant'Helena Borba

para "ATUALIDADES"



Vês... É um monstro temível o oceano,
E deste mundo o mais audaz gigante;
Na cólera a explodir a cada instante,
Contra os rochedos, num furor insano.

E passa a vida assim — Cruél engano!
A acariciar a praia; aqui, amante;
Além, sacóde a ira; mais adiante,
Num vagalhar sem fim, ei-lo tirano.

E, óra calmo, lançando à praia beijos,
Ora a engulir enormes gargarejos,
O monstro em convulsões brutais se agita;

E sempre o seio a arfár, mingúa e cresce,
Erguendo altivo, o dôrso, até parece
Que o coração do mar também palpita!

MADEIRAS E FÉCULA

End. telegr.: «LUIZINHO»

Códigos: «Ribeiro» e «Mascotte»

ESCRITÓRIO EM JOINVILLE

Caixa Postal, 190

LUIZ OLSEN S. A.

RIO NEGRINHO

Santa Catarina — Brasil

SERRARIAS

Madeiras

em bruto e beneficiadas

PASTA MECANICA

A Dança da Morte

NUNO D'EÇA

Em flabelos, abertas, dos pavões, as caudas.
Requintando em belezas, multicores penas,
Como pedrarias luxuosas e finas,
Nos viridários de Masquerus.

E das harpas sons corriam,
Tocando, gemendo e sufocando
Súplicas a Antipas:

— Tira o Batista, tetrarca, se forte és,
Do meio da populaça, de quem profeta é.
Faze por amôr, ou sangrarei os lábios,
Morrendo nesta ânsia de tranquilidade.

**

Range, roda, queimando músculos,
A movediça porta das masmorras,
Onde Roma nos subterrâneos guarda
Da liberdade e dos profetas, eternas vozes.

E, desgalgando-se vão para o abismo profundo
A longa e ampla porta do infinito,
Labirintos sombrios e em declives!

**

Rangem, rodam — as armaduras da guarda
Luzem na desnuda luz dos átrios —
Dos leitos de purpuras e das peles de tigres,
[as portas,

E nos reflexos das esmeraldas
Que saltam dos olhos das feras
Que flexadas foram
Para o profano confôrto de Herodiades.

**

— Antipas, aquí tens o Batista!
Se prisioneiro o tens, se justo o julgas,
Que fazes então, que não o deixas livre
Com seu povo, ouvir de Jesus,
O que Dêle Nicodemus ouviu?

— Antipas, aquí tens o Batista!
Se santo e justo o julgas,
Dai-lhe aos discípulos;
Por que o queres ouvir ainda?

— Antipas, aquí tens o Batista!
Se Verdade o julgas, que temes pois?

**

— Deixa a mulher de teu irmão.
Reage, luta, que do «fim do tempo».
Já ouves falar com insistência,
Se não queres ser árvore
Que será lançada ao fogo,
Que fruto não deu. Deixa-a, pois!

O amôr que te enlanguece e domina,
Razão, dizes que é, da tua própria vida,
Mas que te mata a alma e te enfraquece.

— Se aos discípulos deixas que de Batista
A voz e a luz recebam,
Porque seu grandioso poder
Reconheces ante Jeová.

— Deixa Herodiades, não penses em Salomé!
Não profanes mais ainda Macheronte
Com a dança satânica da morte.

— Se êsse amor te vai matando, queres
Por ser a tua própria vida...

Reage, reage Antipas!

Anunciam buzinas a Vitélio,
Herodiades anuncia a Salomé —
A Venus, que em ritmo se faz,
Que se faz tênue e espiritualizada,
E que volta em forma entorpecente de mulher
Para exigir na salva, o prêmio
Do trêmulo tetrarca: —
A cabeça do Batista —
Oferta maior que as dos festins de Cesar.
Ofrenda a Tibério enquanto cantam os crótalos,

ARP & CIA., FILIAL EM JOINVILLE

RUA LUIZ BROCKMANN, Nº. 179 — CAIXA POSTAL, 76
JOINVILLE

AGENTES PARA O ESTADO DE SANTA CATARINA:
"THE LONDON & LANCASHIRE INSURANCE COMPANY LIMITED"
"COMPANHIA DE SEGUROS "CRUZEIRO DO SUL"
"COMPANHIA DE SEGUROS "SAGRES"
INCÊNDIO — TRANSPORTES — ACIDENTE PESSOAL — CASCOS

SUB-AGENTE EM FLORIANÓPOLIS: JAPY FERNANDES
RUA TRAJANO, Nº. 33 — SOBRADO

VISTORIADORES: — THE LONDON ASSURANCE
COMPANHIA DE SEGUROS "IMPERIAL"
COMPANHIA "ROCHEDO" DE SEGUROS

A História como ciência social

Por longo tempo, a História, como era cultivada entre nós, constituía uma disciplina extraordinariamente árida e, por isso mesmo, intragável. A fastidiosa repetição de nomes e datas fazia digna parêntese com a chamada «geografia de lista telefônica».

Quando muito, os eruditos — que sempre os houve entre os nossos historiadores — se degladiavam na discussão, acalorada por vezes, acerca de questiúnculas de somenos importância, que, em parte, figuravam até há pouco em nossos programas escolares sob a denominação de «questões controvertidas».

Os espíritos esclarecidos e mais arejados — exceções preciosas e raríssimas — viviam constantemente ameaçados a perecer sob a esmagadora pressão dos «cronologistas» tradicionais.

Ha uns vinte anos, mais ou menos, começou uma ligeira reação contra a História como exercício nemotécnico. Partia de um grupo de escritores de boa vontade, que procuravam tornar atraente a História do Brasil, apresentando-a disfarçada em romances, novelas e contos — muitas vezes de valor problemático.

Em lugar de adquirir conhecimentos seguros sobre a nossa formação histórica, o pobre leitor ficava de todo desorientado, incapaz de discernir onde acabava o relato fiel dos acontecimentos para dar lugar aos vãos arrojados da fantasia, da «criação artística».

Sem precisarmos ressuscitar a velha e debatida questão de se saber se a História é arte ou ciência, sabemos contudo que é possível torná-la viva e interessante, sem transformá-la em literatura de ficção.

Para tanto, basta que o historiador seja animado daquele espírito peculiar aos meios universitários e que se desenvolve sobretudo nas Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, centros de formação profissional, como também de cultura livre e desinteressada.

E' o famoso espírito universitário (ou pelo menos, um de seus aspectos), que não tem nada de místico nem de metafísico.

Baseia-se, muito ao contrário, na compreensão objetiva e justa dos fenômenos culturais e dos problemas que agitam as comunidades humanas — as grandes como as pequenas: baseia-se na formação de juízos de realidade, obtidos mediante escrupulosa aplicação dos métodos científicos. Em conhecimentos, enfim, que procurem enquadrar-se dentro de uma concepção-do-mundo capaz de atenuar o desastroso hiato — peculiar as épocas de desorganização social, como a nossa — entre a inteligência e a ação.

A História, como relato vivo e fiel das vicissitudes da humanidade, não pode prescindir desse espírito, a não ser que ela se condene, de antemão, a uma irremediável esterilidade.

Sómente pelo exame cuidadoso dos fenômenos sociais que, em última análise, lhe constitui a essência, essa disciplina consegue ter um sentido mais profundo e mais humano, ultrapassando o domínio simplesmente informativo — que talvez não represente nenhum valor em si próprio — para tornar-se eminentemente formativa, i. é, para atuar na formação dos caracteres, alargando os horizontes dos espíritos, e abrindo novas perspectivas à compreensão dos problemas humanos em geral.

Conquanto ciências muito novas ainda, a Sociologia e a Antropologia Social já conseguiram elaborar uma série de conceitos e de recursos metodológicos aproveitáveis também pela História. Fornecem-lhe, igualmente, novos pontos de vista, que a auxiliam a evitar o caráter anedótico, para constituir-se em estudo sistemático, centralizado em torno de questões bem definidas.

Desde os velhos tempos de Heródoto, a História é considerada como «magistra vitae». Se bem que os antigos não pudessem conhecer a ciência como nós a conhecemos hoje, tinham, no entanto, a intuição de seu alto valor educativo. E é neste sentido que cumpre cultivá-la.

EGON SCHADEN

O único FLORISBELO Alfaiate
Rua João Pinto. 21

Perfís

(De funcionários do INCO, desta Capital)

Sebastião Vieira

Nem só de pão vive a gente...
Ele diz, mas, toda tarde,
Sem falar, sem muito alarde,
Traz do padeiro, (inda quente)
O pãozinho e... tóca a pé,
Rumo à casa... pro café...

Conhece mapas, chifriês,
Afeito a seus balancetes,
Róe trabalhos bem cacêtes,
Resolvendo-os cada mês;
E por isso é veterano,
Integrado no serviço,
Representa um bom "incoano"
Acatado por seus pares
Os quais, todos, sabem disso!

*
* *

Alto? Não. É bem baixinho.
Bem gôrdo? Não. É magrinho.
E na cobrança milita
Lidando o dia intetrinho...

Cada vez é mais ativo,
Atinente à lide incoana,
Pé ligeiro e sempre vivo...
Ele agora é já do esporte,
Levanta um Grêmio com afinco
Lutando para que o Inco
Apresente... gente fôrte!

*
* *

Salve! Saco dos Limões,
Imorredora terrinha,
Linda terra, dele e minha,
Vivendo sob os clarões
Invictos do Sól ardente
Ou do mar nos vagalhões...

Digamos que o «perfilado»
Incoano se formando
A todos vai agradando
Sendo, assim, já mui cotado!

*
* *

A Laguna já tem dado,
Inda ha pouco eu já citei,
Revivendo um perfilado,
Tanta gente boa, eu sei,
O nome, pois, da Laguna,
Nunca mais esqueceri...

Moço ainda, mui novinho,
Este nosso companheiro
Nos merece um bom carinho,
Devido ser cavalheiro;
Os seus estudos não deixa
Não tem horas inditasas
Com a vida já nem se queixa,
A' vida que é mar de rosas...

*
* *

A CLIPER

Rua Trajano, 4

Confecções finas

Tecidos em geral

Grande sortimento

de

Tapetes e Congoleuns

CIA. WETZEL INDUSTRIAL

Joinvile

FABRICA DE :

Vélas de Stearina

das afamadas marcas
JOINVILENSE - ECONÓMICA
LINDA - N.º 6 - PARA CARRO

Velinhas para Natal
em 6 lindas côres

Sabão

«VIRGEM ESPECIALIDADE»
em 3 tipos - 1/1 - 1/2 - 1/3

Glicerina

«LOURA FINA» e «BRANCA»

Massa para rolos
para tipografias.

E ditado pela Revista «Atualidades» surgiu recentemente um excelente livro do jornalista e escritor Nuno d'Eça, intitulado «Um casal ilustre».

Aquela editora propõe-se promover uma serie de edições nas quais serão revividas as grandes figuras historicas de Santa Catarina e esta constitui a primeira da referida serie. Na obra em apreço Nuno d'Eça faz um estudo brilhante e completo da personalidade desse austero e nobre varão catarinense que é Vidal Ramos, e de sua exma. esposa Dona Tereza Ramos, o primeiro um dos grandes vultos da vida publica catarinense e a segunda, sua dedicada companheira de todos os momentos, exemplo vivo das virtudes da mulher catarinense e que no seu vasto ambito social desenvolveu atuação piedosa que para sempre inscreveu seu nome entre os que votam sua vida ás obras de benemerencia.

O autor do interessante estudo biografico documenta episodios expressivos da vida politica de Vidal Ramos, na qual se revelam seu grande caráter, o critério e a generosidade de seu espirito e seu amor ás liberdades públicas.

Evidencia-se, através das páginas da excelente obra, a destacada atuação desenvolvida na

NUNO D'EÇA

Um casal ilustre

vida politico-administrativa do Estado e da Nação pelo eminente coestaduano, figura exponencial de uma geração de homens públicos cujos gestos e atitudes até hoje nos servem como exemplo de elevação moral e sentimento patriótico.

«Um casal ilustre» constitue por todos esses motivos, auspiciosa estreia do programa da Editora «Atualidades» com o objetivo de familiarisar a nova geração com essas figuras que honraram o nosso passado e conquistaram um posto destacado na história catarinense.

De «A Noticia», de Joinville

UM CASAL ILUSTRE. Nuno d'Eça, destacado jornalista catarinense, deu a publicidade o seu primeiro livro de uma série que promete escrever sobre as mais importantes personalidades de Santa Catarina.

«Um casal ilustre», editado pela casa publicadora da revista «Atualidades», de Florianópolis, traz uma interessante biografia do Cel. Vidal Ramos e sua exma. senhora, dona Tereza Ramos, já falecida.

Trabalho primoso do jovem escritor, focalizando a vida de um casal cheio de virtudes e serviços prestados ao seu torrão natal, já por isso, se recomenda ao público, mas traz também episodios interessantes da história catarinense, na qual o nome do ilustre politico se acha envolvido.

Impressão e acabamento perfeitos, muito recomendam também a casa editora.

Do «Correio do Povo», de Jaraguá.

Parabens!

Muitas felicidades pelo nascimento de seu filhinho!

Mas, não se esqueça, que o melhor presente para o seu PIMPOLHO é uma caderneta do CRÉDITO MUTUO PREDIAL.



E todos, a seu turno, pedirão

«Saturno»

Fabrica de Chocolate Saturno
BLUMENAU, S. C.

Representante em Florianop.:
JOSÉ P. LIMA
Caixa Postal, 49

MASSAS
ALIMENTÍCIAS

Stein

SEMPRE
AS MELHORES

Falsificação

Estou sempre a imaginar o que pensam os homens do rádio, das cidades e do exterior sobre o nosso caipira. Já o teatro o havia falsificado: no vestuário, nas posições, nos pensamentos e ideias. O rádio o falsificou ainda mais.

A quem ouve os tais «programas caipiras» das nossas estações radiofônicas, o nosso homem do sertão, sério, trabalhador, melancólico, de uma ironia fina e apenas perceptível, há-de se apresentar como um palhaço que só pensa na viola, nas mulheres e na cachaça, barulhento e que só sabe rir e fazer rir com graçolas imorais. E isto é uma falsificação sem nome.

Donde provém esta falsificação? Apenas da ignorância? Não. Nosso caipira tão bem descrito por Taunay e Afonso Arinos, por Euclides da Cunha e por José Américo está sendo conscientemente falsificado para satisfazer os instintos barbarizados e barbarizantes de alguns empregados de rádio. Porque desejam se aproximar dos ani-

mais nos seus berros desarmônicos, na sua incitação sensual, na sua carência de pensamento e de consciência, escolhem a figura do caipira para representar os seus desejos, julgando erradamente que os homens quanto mais perto da natureza viverem, mais perto dos animais estarão.

Devemos valorizar as coisas nacionais, sim, mas sem falsificá-las.

Nossa musica dolente, melancólica, grave e tão melodiosa já ficou completamente esquecida diante do samba que não desceu do morro, como dizem, mas veio nos discos americanos e subiu das salas de dança, dos cafés e cabarés para ocupar o lugar dos «cocos» dos «chorinhos» ou das modinhas. Agora é a própria pessoa e a mentalidade do caipira que querem falsificar. E produzindo a coisa mais suja, mais antiestética, mais deseducativa que se já apresentou ao público.

Pe. Adalberto de Paula Nunes

O Laboratório Radio Técnico

executa conserto de vosso radio com a máxima garantia e perfeição, a preços razoáveis.

Técnicos: B. BOUSON
H. SALOLOMONI
(ex-radio-técnico da
Cruzeiro do Sul)

Anexo oficina de conserto de máquinas de escrever

Rua Vitor Meireles, 18, - Salas 2 a 6



Cavalheiro!

Seja fan do «Gostozão» do século XX

«Aperitivo KNOT»

Senhorita!

O Eleitorado feminino elegeu líder majoritário

«Guaraná KNOT»



ESTABELECIMENTOS José Daux S. A.

COMERCIAL

Capital: Cr\$ 1.500.000,00

Sede: Rua Conselheiro Mafra 10

Fones: 1201 — 1435

Caixa Postal 176

End. Tel.: DAUX

FLORIANÓPOLIS

Santa Catarina — Brasil

Tecidos e armarinho por atacado

RÁDIOS e LAMPADAS «PHILIPS»

Refrigeração em geral

Oficinas técnicas de Rádio e Refrigeração

CINEMAS — DIVERSÕES TEATRAIS

Banco de Crédito Popular e Agrícola de S. Catarina

CAPITAL REALIZADO Cr\$ 1.640.000,00

RUA TRAJANO 16 — SÉDE PRÓPRIA

Registado no Ministério da Agricultura pelo Certificado n. 1, em 20 de Setembro de 1939

Endereço telegraf.: BANCREPOLA — Códigos usados:
MASCOTE 1ª e 2ª edição
FLORIANÓPOLIS

Empréstimos especiais a agricultores

EMPRÉSTIMOS — DESCONTOS — COBRANÇAS E

ORDENS DE PAGAMENTO

Tem correspondentes em todos os municípios do Estado. Representante da Caixa Econômica Federal para a venda de apólices do Estado de Pernambuco, com sorteio semestral, em Maio e Novembro. Paga todos os coupons das apólices Federais e dos Estados de São Paulo, Minas e Pernambuco

Mantém carteira especial para administração de prédios

Recebe dinheiro em depósito pelas melhores taxas

C/C à disposição (retrada livre) 2%

C/C Limitada 5%

C/C Aviso Prévio 6%

C/C Prazo Fixo 7%

Acela procuração para receber vencimentos em todas as repartições Públicas, Federais, Estaduais e Municipais

Moto-cultura

Pelo Dr. CASTULIO DO AMARAL, Engenheiro

Todas as inovações, todas as novidades, todos os melhoramentos que se pretender introduzir em qualquer ramo de atividade, encontram por parte do homem uma oposição surda e persistente.

A força de inércia é a grande força oculta que se opõe a essas inovações, tendo sua origem na força do hábito e na continuidade do costume.

Poucos são aqueles que, compreendendo suas finalidades, têm a firmeza necessária para quebrar o prestígio da tradição.

Nosso Pai Adão, depois de expulso do paraíso terrestre, foi sem dúvida o primeiro colono que veio ao mundo, e, diz a Bíblia, teve de trabalhar para não morrer de fome.

Na colônia, mesmo sem ter de pagar a prestação da compra, o Pai Adão não mais encontrava tudo a geito como estava acostumado lá no paraíso, e precisou cultivar a terra.

Deve ter surgido assim a Agricultura.

A descoberta do arado deve ser tão velha como a colônia do Pai Adão, e depois de domesticar os animais viu nosso colono que o boi era aquele que arrastava melhor o arado.

Até os dias de hoje o boi continua a ser um auxiliar precioso para a lavoura.

Porque então a Moto-cultura?

Da mesma forma como Correio e Telegrafo, cuja finalidade é a mesma transmitindo notícias através das distâncias e que são empregados na realidade em casos diversos, também motor-animal e motor-maquina tem cada um seu raio de ação.



Quando um deles invade a esfera de influencia do outro, as consequencias atuam como um estabilizador, fazendo com que as cousas retomem seu curso natural.

Na zona pastoril, onde existe muito gado, onde o animal se encontra em sua casa, onde o pasto é bom e de graça, onde as superficies são grandes, onde o terreno é plano, a força mais indicada e sem duvida a mais barata para um arado é a junta de boi.

Na zona de campo as estradas não são boas, as distancias são grandes, e terminado o serviço diario não se deveria deixar a maquina no campo, o que não acontece com o boi.

Qualquer reparação numa maquina que esteja trabalhando no campo irá se tornar cara, pois o técnico perderá tempo. Também o abastecimento em combustivel no campo exige cuidado, o que não se dá com o boi que sempre está com excesso de combustivel.

Na colônia encontramos justamente o caso inverso. Em geral

não ha pasto, e o pouco que existe é caro. Qualquer pedaço de terra vale muito, e a conservação do animal também, pois quer trabalhe, quer não trabalhe seu estomago sempre funciona. O terreno quasi sempre acidentado dificulta o emprego de animais. Ao contrario a conservação da maquina nada custa, pois sendo as distancias não muito grandes, pode ser recolhida todas as noites e durante os dias de chuva debaixo de coberta enxuta.

Ainda mais, a maquina quando não trabalha não precisa comer. O terreno acidentado em nada prejudica a maquina que pode magistralmente demonstrar sua eficiencia em terreno até 65 % ou mais de declive.

Para outros serviços auxiliares, como seja a sementeira, o corte ou o transporte, a maquina apresenta uma grande vantagem, trabalhando de uma maneira perfeita.

Assim é que no corte, por exemplo, quando se emprega animais, a lavoura é primeiro pisada para depois ser cortada, havendo uma quebra.

Com a maquina já não existe uma quebra, porque a faca de corte é a primeira cousa que avança na lavoura, vindo depois a maquina propriamente.

O rendimento é portanto muito maior.

Para o colono, a pequena maquina apresenta entre outras vantagens as seguintes:

a) independencia absoluta de terceiros, podendo qualquer pessoa da familia, mulheres ou crian-

Companhia Siderurgica BELGOMINEIRA

Usinas em Sabará e Monlevade = Estado de Minas Gerais

Produção anual: 125.000 toneladas de aço

Escritório Central: AV. NILO PEÇANHA 26 — 5º andar — RIO DE JANEIRO

cas, trabalhar com as pequenas maquinas.

b) aproveitamento de qualquer tempo bom, durante o qual se corta a lavoura, e ao menor sinal de chuva se pode trazer o cortado para o celeiro.

c) quando o trabalho é longe de casa, se pode chegar em pouco tempo ao lugar desse trabalho, chegando todos descansados, o que não ocorre de outra maneira, pois chegando o pessoal cansado, tem primeiro de descansar antes de trabalhar. Quando está na hora de largar o serviço, a mesma vantagem se faz sentir, podendo assim se trabalhar mais tempo na lavoura.

Em proximo artigo procuraremos analisar os diversos meios em confronto, isto é o motor homem, o motor animal e o motor mecanico.

NOTAS DE FILOLOGIA

Aires da Mata Machado Filho prestou um bom serviço aos estudiosos de assuntos linguísticos ao reunir em volume parte das notas de filólogo publicadas em jornal — Em busca do termo Proprio (Ed. Agir.) Não é o escritor um desses «gramaticos» que fazem a medicina caseira do idioma, receitando mezinhas, difundindo tabus. Nada disso; é um espirito compreensivo, atento aos fenomenos da evolução da lingua. O português que êle estuda não é o português dos textos mortos, mas o português vivo. Seus trabalhos, por isso, são de análise e interpretação dos fatos dinâmicos do idioma, não simples autopsias de filologia. São excelentes os seus comentários relativos ao problema constante do termo próprio, porque dizem respeito à precisão do estilo e ao enriquecimento da lingua. Basta dizer que a êsse filólogo não repugnam as palavras estrangeiras de uso indispensável; êle aceita e deseja mesmo o livre intercâmbio das palavras, propugnando êsse comercio util aos individuos e aos grupos sociais identificados por necessidades comuns de expressão.

Atualidades

Publicação mensal
Redação e Oficinas: Av. Mauro
Ramos 301 — Florianópolis
S. Catarina — Brasil

Propriedade — Direção — Redação e Gerência:
E. I. KUEHNE

Assinaturas:

Anual Cr\$ 18,00

Número avulso Cr\$ 1,50

Anúncios de acôrdo com a
tabela de preços

“ATUALIDADES” acolherá de boa vontade todos os originaes, não se responsabilizando, porém, pelos conceitos emitidos em artigos etc. assinados. Os originaes — mesmo os não publicados — ficarão em poder da Redação.



Se ricos quereis ficar

De modo facil e legal,

Fazei hoje uma inscrição,

no CRÉDITO MUTUO PREDIAL



CLINICA MÉDICO-CIRURGICA

- do -

Dr. Saulo Ramos

Ex-assistente do Prof. Brandão
Filho - Rio.

Consultório e residencia :

PR. PERÉIRA E OLIVEIRA N. 10.

Distribuidores no Estado de Santa Catarina dos Produtos de Ferro e Aço da Cia. Siderúrgica Nacional (Volta Redonda).

— Equipamentos completos para construção de estrada de rodagem.

— Motores à óleo crú, gasolina e querosene.

— Material de rádio-recepção.

— Material de garage: Macacos, Ferramentas, Carregador de Baterias.

— Máquina para soldar-Eletrodos. Máquina para gravar.

— Grupos Eletrogeneos, para fornecer luz para sítios.

— Talhas elétricas. Guinchos.

— Máquinas para olarias.

— Porcelana técnica.

— Produtos veterinários.

— Arados, cultivadores, grades de discos e de dentes. Pás, enxadas.

— Insecticidas. Carrapatecidas.

— Cimento. Arame farpado.

— Valvulas Iguassú.

— Folha de fibra de madeira comprimida.

— Móveis Rio Negrinho.

— Cereais.

OSNY GAMA & CIA.

Representações — Conta Própria — Importação — Exportação

Rua Conselheiro Mafra, 84 — C. Postal, 239
Telefone 1.607

FLORIANÓPOLIS

COMPANHIA FLORESTAL BRASILEIRA

Indústria e Comércio de Madeiras

Matriz:

FLORIANÓPOLIS, S. C., Rua 14 de Julho
(Estreito)

Caixa Postal nº 225 — Telefone nº 1520

Telegramas: FLORESTAL

Filiais:

JOINVILE, S. C., Rua Jacob Richlin (Edifício
Colon)

Caixa Postal nº 155 — Telefone nº 51

Telegramas: FLORESTAL

S. PAULO, S. P., Rua B. Vista, 65, 4º, sala 4
Caixa Postal 4569 — Telefones 2-1633 — 2-5024

Telegramas: FLORESBRA

Agências:

ITAJAÍ, S. C., Rua Blumenau, nº 456
Telegramas: FLORESTAL

BOM RETIRO, S. C. — Telegramas:
FLORESTAL

SERRARIAS:

São Judas Tadeu — Espírito Santo — São José

A primeira temporada de um quadro inglês em canchas brasileiras

Nelson Maia Machado

O ano que precedeu o início da Grande Guerra de 1914, foi de grande significação para o futebol nacional. Referimo-nos à visita de um quadro de profissionais ingleses o primeiro a vir ao Brasil - e que interveiu na temporada internacional, promovida pelo Fluminense, do Rio, em setembro de 1913. Uma seleção puramente de brasileiros, integrantes de clubes cariocas, deu início a temporada, perdendo fragorosamente para o Corinthians pela elevada contagem de 4 a 1.

A estréia da turma inglesa causou uma impressão profunda entre os aficionados do esporte bretão. Nessa época o futebol já era um esporte popular e a exibição de autenticos valores do «soccer» inglês, constituiria motivo de singular atração, mesmo porque os cariocas desconheciam ainda o sobrio padrão adotado pelos futebolistas da Grã-Bretanha, já considerados mestres da pelota.

O «onze» do Corinthians vinha constituído de elementos de classe e o seu «debut» triunfal importou num acrescimento de interesse pela segunda partida internacional.

A temporada do quadro de profissionais ingleses no Rio foi curta. Tres jogos, em que a vitória sorriu duas vezes aos visitantes, cabendo um triunfo — feito de grande repercussão — aos guanabarinós. Sul-africanos, portugueses, italianos e chilenos já haviam excursionado ao Brasil, mas nenhum deixou tão

bons ensinamentos aos brasileiros quanto os corintianos.

Não será preciso salientar o numero surpreendente de ingleses que atuavam no Rio para justificar o interesse que a temporada despertou no seio da colonia britânica. Aliás foram os ingleses, os introdutores e propugnadores do «association» na capital da República. Embora de características diferentes o futebol indigena muito lucrou em ter por mestres os ingleses. A segunda pelega do Corinthians foi realizada contra os suditos britânicos que atuavam no Rio. Reproduzindo a impressionante atuação da estréia, os visitantes não tiveram dificuldades em abater os seus patricios, pela dilatada contagem de 4 a 0.

Todos os interessados do conjunto derrotado, atuavam em

«A Pelisqueira»

O ponto de Apiritivos N° 1
de Florianópolis

Bebidas nacionais e estrangeiras

Petiscos em geral

Rua João Pinto, 19

Fone 1428

clubes cariocas: Robinson, Sidney, Welfare, Jack, Pullen e outros. Essa temporada assinalou a estréia em campos brasileiros de Welfare, então professor do Ginásio Brasileiro.

O famoso craque conquistou grande renome no futebol brasileiro. Ha ainda antigos esportistas cariocas, que apontam o antigo centro-avante do Fluminense, como o mais perfeito comandante da linha dianteira que pisou os gramados brasileiros. A violencia de seu chute tornou-se proverbial, pois raramente marcava tentos da pequena área. Além do mais Welfare foi tricampeão carioca pelo Fluminense em 1917, 18 e 19.

Antes de falarmos na derradeira exibição do Corinthians será oportuno informar o ambiente pouco otimista, que se formou quanto ás possibilidades do esquadrão nacional. Essa circunstancia realça ainda mais o feito dos jogadores do Rio.

Na verdade, a vitória por 2 a 1 pôde ser incluída entre as grandes façanhas do futebol brasileiro. Osvaldo Gomes e Welfare assinalaram os dois tentos da estupenda vitória brasileira. Compunham o quadro vitorioso: Robinson (Paisandú), Pindaro (Flamengo) e Nerí (Flamengo), Laurence (Flamengo), Mutzemberger (Fluminense) e Rolando (Botafogo), Osvaldo Gomes (Fluminense), Sidney (Flamengo), Welfare (Fluminense), Mimi Sodré (Botafogo) e Lauro (Botafogo).

FARMACIA MODERNA

De EDUARDO SANTOS

A Farmácia que mais lhe convem pelos seus módicos preços, escrupulo e enorme variedade em seu estoque de tudo quanto diz respeito a esse ramo de negocio.

Aviamento de receitas feito com todo escrupulo e sempre por preços sem concurrencia.

Perfumarias dos melhores fabricantes.

Agora à Rua João Pinto n. 4 --- Telefone, 1975

Os sábios de Napoleão

Pródigo em episódios jocosos foi o nascimento da egiptologia, durante a expedição de Napoleão às terras de Cleopátra. No grande exercito que contemplou as pirâmides de 40 séculos, figuravam muitos sábios. Os soldados franceses não se conformavam com a existencia desses paisanos de óculos nas suas fileiras, e tinham por eles absoluto desprezo. Começaram a chama-los sabichões. Certo dia em que um grupo desses cientistas incumbidos pelo imperador de estudar as ciencias e as artes do antigo Egipto, se achava na vanguarda do exercito, desencadeou-se um ataque do inimigo. Um dos chefes das tropas avançadas, ante a iminencia do perigo gritou, sem malicia alguma.

— «Os animais e os sabichões para o centro!»...

Queria ele, dest'arte, preservar os animais que tiravam as viaturas onde viajavam os sábios e tambem a estes, das iras do inimigo. Dai a ordem que tanta hilariedade causou ao Corso quando lhe contaram o episodio.

De outra feita, segundo narra o escritor Jean Marie Carre, depois da batalha de Sedment, proximo de Reni-Souet, o egiptologo Denon sofreu um acidente que esteve a ponto de tirarlhe a vida: ao passar, a galope, diante de uma sentinela, esta confundindo Denon com um inimigo, atacou-o a baioneta, ferindo-o gravemente.

E ao vê-lo prostrado, nas ansias da morte o soldado exclamou:

— «Bah! Um sabichão a menos!»

Porque difundir o cooperativismo?

(De A. Abreu distribuido pela Diretoria de Assistencia ao Cooperativismo)

Nenhum cometimento humano, seja de carater económico, politico ou social, receberá das multidões a que servirá ou pretende servir, o apoio imprescindivel a sua existencia, se não se rodear, desde a nascedouro, de um conjunto de elementos que visem a sua propaganda e difusão. As idéias no mundo moderno são lançadas e mantidas frescas e vivas nas consciências, á custa do rádio e do jornal que, manhã á noite, martelam com absoluta fidelidade, temas e os assuntos que devem aparecer e manter-se na ordem do dia das conversas dos cidadãos.

Não mais se anunciam somente produtos farmacêuticos, drogas e quinquilharias. A industria do anuncio tomou conta de todas as atividades humanas, a ponto de não mais se conceber o mínimo acontecimento sem que as bombarras da propaganda o transformem num espetáculo maravilhoso ou numa tragedia de proporções inauditas, conforme seja ele um ato feliz ou um outro menos animador.

A divulgação das atividades cooperativas se deve fazer para que a doutrina e a tese Rochdaleana penetrem em todos os lares e em todos os corações, com a mesma vivacidade e a mesma harmonia das causas nobres que avultam na alma brasileira.

Não será com meias medidas ou com iniciativas tardas e trôpegas que se dará ao cooperativismo o lugar que lhe cabe ocupar no conjunto das atividades humano-sociais. O imperio dessa divulgação e da propaganda sistematizada do regime cooperativo reside, primariamente, no fato de que nem a totalidade dos grandes centros tomou contacto com ele. Esta circunstancia agravante, que vem inibindo a maioria das nossas populações urbanas, será razão bastante porque se deva criar, conduzir e realizar, no campo da publicidade, um programa que sirva á elucidación das massas, respeito á forma e ao conteúdo do sistema económico-social contido na tese cooperativista.

É preciso distinguir comércio de cooperativa. Se bem que da instituição do intercâmbio comercial, há surgido a fonte exclusiva da riqueza dos povos, não é menos verdade que esse regime pode ser alterado, sem que se adulterem ou maculem as relações humanas.

A mola propulsora e impulsora do comércio é o lucro que, para ele representa o objetivo e a meta final. Quer dizer, a atividade comercial repousa no capital e este no rendimento.

No cooperativismo o fenomeno é justamente o contrario. Para ele o lucro não é uma meta a atingir pois que não existe lucro. Nele, o capital não tem a proeminência nem as regalias que o fazem valer nas instituições capitalistas. O homem, a personalidade integral, o corpo instrumentos fisico — e a alma — função inteligente e pensante, — é que vale no cooperativismo. Todos são iguais. Possuir maior número de quotas, não significa possuir o maior número de votos. Representar

Relojoaria Diamante Azul

De OTAVIO F. DA SILVA
Rua Trajano n. 19 (antigo prédio da Cia. Souza Cruz)

Bijouteria -- Artigos finos para presentes -- Anéis -- Canetas Parker
-- Tintas -- Louças de Porcelana Mauá

POLAROID -- O moderno oculo para o sol,

Para suas compras, procure nossa Relojoaria, que atenderemos com a maior solicitude

o maior capital não supõe a representação do maior numero de vontades. Há, nas assembléias cooperativas, tantos votos quantos são os associados que comparecem. Quer dizer a fórmula cooperativa identifica o homem na sua capacidade e vontade. Coloca o individuo em face dos próprios interesses e lhe dá autoridade para dispor dos seus bens, na forma como melhor lhe aprouver, tanto signifique ele a menor parte da associação, como lhe pertençam o quinhão e a parcela maiores.

As entidades cooperativas são, diz-lo Waldiki Moura, a expressão exata da democracia no terreno econômico. E foi feliz nesta assertiva, o abalizado técnico do Serviço de Economia Rural.

Se a democracia prega a liberdade, estabelece o princípio de que mais merece quem mais produz, e, mais deve ter, quem maior soma de energias dispende, no trato da terra, no apascentamento dos rebanhos, na formação da riqueza coletiva.

Mais eficiente e mais duradoura será a propaganda, se efetivada nos rumos de uma necessidade social e se acompanhada de exemplos frizantes, incontestáveis na magnitude do seu alcance.

A pregação cooperativa vai tomando impulso em Santa Catarina por quanto já não mais se discute a valia do sistema, cuja eficiência dia a dia, vem se comprovando, mediante a apresentação e o exame de casos concretos, por parte de quem deve propor e realizar obra de tal monta.

Os que estamos interessados na difusão do cooperativismo, não o somos para satisfazer vaidade nem para conseguir louros. Fazemo-lo com a convicção serena e segura de que é nosso dever propiciar ao povo, o conhecimento daqueles fatos que lhe interessam sobremodo. A este povo, para quem o cooperativismo representa um oasis no deserto da hipocrisia, da exploração, do assambarcamento, é que dirigimos as antenas da nossa orientação publicitária. Nenhum ouro intuito nos move nesta campanha, e nenhuma outra razão será bastante forte para nos demover da rota que pretendemos perfilhar.

Instruir, educar, conseguir adetos e defensores, cooperativistas práticos e ativos, eis quanto nos propomos objetivar nesta jornada.

Difundir o cooperativismo, a sua prática, os seus frutos, as esplêndidas realidades que ele tem proporcionado neste e em outros Estados, no Brasil e no resto do mundo, impõe um trabalho árduo, constante e continuado.

O conhecimento dos nossos deveres e das nossas obrigações, são a certeza de que não havemos de esmorecer na consecução deste nosso novo objetivo. O cooperativismo será, dentro em pouco, como já o é, em parte, uma magnífica realidade catarinense.

Credito Mutuo Predial

O maior e o mais acreditado clube de sorteios do Estado

Proprietários: *J. Moreira & Cia.*

Rua Visconde de Ouro Preto 13 — Caixa Postal 5 — tel. — 1324

End. Telg. — ORETOMUTUO — Florianópolis — Santa Catarina.

Resultado do 9º sorteio do "PLANO B" realizado no dia 4 de fevereiro de 1948: — CADERNETA N. 30.655

Prêmio maior em mercadorias no valor de Cr\$ 5.000,00

Aproximações superiores Em mercadorias no valor de Cr\$ 650,00 cada uma	Aproximações inferiores Em mercadorias no valor de Cr\$ 250,00 cada uma
Caderneta n. 30.656	Caderneta n. 30.654
Caderneta n. 28.000	Caderneta n. 27.998
Caderneta n. 12.902	Caderneta n. 12.900
Caderneta n. 1.294	Caderneta n. 1.292
Caderneta n. 1.336	Caderneta n. 1.334

O resultado é dos 5 (cinco) primeiros prêmios da LOTERIA FEDERAL, da primeira extração realizada no dia 4 de fevereiro de 1948.

AVISO: — O próximo sorteio do mês de fevereiro realizar-se-á no dia 3 de março p. vindouro.

Florianópolis, 5 de fevereiro de 1948.

Visto: *Dante C. Neiva*, Inspetor Auxiliar dos Clubes de Sorteios.

Proprietários: *J. Moreira & Cia.*

''Um casal ilustre''

Meu caro Nuno:

Acabo de ler o seu esplêndido trabalho «Um Casal Ilustre», edição caprichada que muita recomenda nossa jovem «Atualidades», em cujas páginas são retratadas, com fidelidade, várias fazes da vida do ilustre barrigaverde Coronel Vidal Ramos e de sua pranteada esposa, D. Tereza Ramos.

Você está prestando à Santa Catarina, com a publicação desse livro, que reputo de valor incontestável, por dizer a nós outros, homens de hoje, que bem pouco conhecemos da vida desse varão, ilustre por todos os títulos, serviço digno de registro.

Por isso, meu velho confrade, eu lhe felicito, nesse fim de ano, aom os melhores votos por que continue a trabalhar, com a sua inteligencia moça, sempre e cada vez mais entusiasta, pela grandeza de nossa terra, dando-nos estudos biográficos de nossos homens que, ontem, como ainda hoje, são o orgulho da geração presente, a que pertencemos nós, agora nos derradeiros anos da mocidade.

Com os meus agradecimentos pelo exemplar que se dignou dedicar-me abraça-o, cordialmente, confrade e amigo

Adão Miranda

Alfaiataria FORNEROLLI

RUA TIRADENTES, 8

Elegância de seu corpo i

Dr. Remigio

Molestias Internas em Geral — Doenças das Senhoras e Crianças

CONSULTÓRIO:

Rua Felipe Schmidt

Edif. Amélia Neto — Fone: 1592

Consultas: 9 às 11 — 14 às 16 horas

RESIDÊNCIA:

Lgo. Benjamin Constant, 6
Fone: 1392

Levados na corrente

THALES BROGNOLLI

João veio caminhando lentamente até a extremidade do passeio olhando em volta de si.

Esperarei aqui — pensou consigo mesmo. E ficou a trocar passos sobre a calçada suja. De dentro do café vinham ruídos de louças entrecrocadas, de mistura com a música de um rádio.

João parou e ficou pensando. Olhando rua abaixo só havia escuridão na sua frente. E daquela escuridão vinham, naquela noite fria de junho, surgindo as imagens do seu pensamento. Vinham de lá como objetos que se aproximam rapidamente duma câmara cinematográfica. Pensava em Eduardo. A esta hora Eduardo estaria esperando-os. A ele, João, e aos outros, que deveriam encontra-lo ali. Parecia ouvir a voz do amigo a dizer como de certa vez: «...realizaremos alguma coisa de útil, unidos num bloco concordante» (ele dissera ser aquele meio tom de discurso necessário para que os menos avisados percebessem a importância do assunto).

Sujeito formidável aquele Eduardo. Parecia arder numa chama, tal era o seu entusiasmo, a vibrar com força extraordinária, a fazer subirem suas palavras mais alto do que as dos professores adultos — e ele era apenas um rapaz.

A princípio não o levava muito a sério. Chegara mesmo a zombar de suas palavras; mas depois, quando notou que ele buscava realmente ideal grande e se sacrificava por ele, quando viu que ele dizia «faremos» e não «é preciso fazer», viu estar ali não um simples pregador de grêmios literários e jornais, mas um que batalhava e realizava algo: distribuía a semente do seu ideal nos corações dos outros moços.

E agora Eduardo estava doente. Apesar de jazer na cama, imóvel, pedira a visita deles.

Haviam começado alguma coisa — era mister continua-la, apesar das dificuldades. A campanha de alfabetização servira de alvo no momento. Eduardo falara muito em prol do movimento, tentando mostrar a sua importância para o país:

«Não pôde haver uma verdadeira democracia com analfabetos».

Depois Eduardo caíra doente. Estava fraco, tinha febre. João não sabia bem o mal. E por isto eles se reuniram e lá iriam juntos, dizer-lhe da solidariedade que votavam á sua causa. Era por isto que esperava. Havia combinado com os companheiros: «Às 7,30 na calçada do café». Iriam todos, não importava que fizesse frio, não importava que houvesse divertimentos á esperar por eles, que o João Furtado estivesse de aniversário e desse uma festa de arromba... Não. Nada daquilo influía na deliberação que haviam tomado, nem mesmo o fato de ter brigado com Irene. Iriam todos á casa de Eduardo dizer-lhe que tinham finalmente compreendido o ideal que o atraía; entrariam também na luta, a auxilia-lo. Fariam uma verdadeira ação social, de efeitos diretos, de resultados práticos.

Uma aragem áspera fê-lo lembrar-se do frio — pena que os companheiros estivessem tardando. Ache-gou um pouco mais a gola do casaco ao pescoço; acendeu um cigarro. Sorveu-o em tragadas profundas, quentes, reanimadoras. Sentiu um bem estar que jogou delicioso. Um arrepio de satisfação correu-lhe o corpo. O cigarro árdia.

Eles seriam capazes de faltar? A dúvida penetrou-lhe no espirito, aguda como uma sêta, vasando-lhe a alma no seu mais profundo. Na calçada oposta passou um vulto. Um vulto... Mas aquele não era o Luiz Carlos? Um dos que dissêra «ir na certa?» E agora o Luiz Carlos ia ali. Será que ele não levára aquilo a sério? Os outros também já deviam ter vindo... Ou ninguém levava o caso a sério? Mas que coisa... Quando Eduardo falava, todos concordavam... e agora esqueciam as palavras do amigo...

Eduardo uma vez falara daquilo: era assim como uma corrente, que os chamava, que os huscava para o seu seio, não permitindo-lhes chegar á margem. E na margem estava aquele ideal a acenar-lhes a bema-venturança que desprezavam. Era a

corrente da indiferença. Luiz Carlos se deixara levar. E os outros?

Quando passou um grupo de moças e senhoras, João compreendeu: o aniversário do Juca. Os Furtados moravam mesmo naquela rua por onde enveredara o Luiz Carlos. As moças eram parentas do Juca — já as tinha visto na casa d'ele. E que festa que haveria... comidas e bebidas a farta. Música, cigarros, barulho, alegria. E as garotas... Irene estaria lá...

Mas desta vez não poderia ser. Não podia deixar de ir ver o Eduardo. Talvez, si saísse cedo da casa do Eduardo, poderia ir até a do Juca... talvez.

Esperou mais um quarto de hora, quasi desejando que os outros não viessem. Depois recomeçou a lembrar os amigos. Teriam ido todos á casa do Juca? Todos não, mas ninguém vinha. O Sidnei estaria no bilhar — um de menos. Nestor, no cinema — bem capaz. Gustavo com a guria... era quase certo. E pouco a pouco, vendo a falta dos outros, começou a sentir-se só. Que boa peça lhe haviam pregado. Todos a se divertirem e ele ali a fazer papel de bôbo, a esperar. Rir-se-iam d'ele na certa. Estava só. E logo adiante, na rua fronteira, o aniversário do Juca. Mas... e Eduardo? Eduardo a espera-lo. Eduardo consumindo-se na chama daquele ideal, como mariposa atraída pela luz. Eduardo a esperá-lo...

Mas... ir só? Que adiantava se os outros haviam desertado? Eduardo poderia julgar aquilo bajulação.

E os outros estavam na festa do Juca. O aniversário do Juca — boa ocasião para fazer as pases com Irene.

Na calçada fronteira passou novo grupo. Um rapaz reconheceu-o e acenou-lhe, dedo pr'o ar.

Para o Juca... Irene estaria lá?

João titubeou um momento para depois deixar-se atrair... e atravessou a rua em direção ao outro.

E deixou-se levar pela corrente...

Fundição Rhein de Rudolfo Rhein

Fundada em 1913

FLORIANÓPOLIS — ESTREITO — Rua Cel. Pedro Demoro, 1170

Telefone 19

Recomenda-se para fundição de peças e construção de máquinas

A PORTA ABERTA

JOSÉ CORDEIRO

A OSMAR SILVA

Eu já havia notado que ao Major Herédia de Barros faltava a extremidade da aurícula, isto é, o lóbulo da orelha esquerda. E não obstante a curiosidade dominar-me sempre, jámais indaguei do motivo da anomalia.

Na última semana, porém, quando conversávamos, à hora de tomar chimarrão, notou ele que eu, uma que outra vez, ao fitar-lhe o lado esquerdo da face, deixava transparecer um sorriso.

E perguntou, com seu modo de falar descançado, e voz potente, de fazendeiro sadio:

— De que sorri?

Pensei, por instantes apenas, inventar um caso qualquer engraçado, e contar-lho, à guisa de desculpa.

Lamentavelmente a natureza dotou-me de capacidade inventiva quase nula; e eu sou, ainda por cima, criatura tão sem graça quanto Bastos Tigre e Mendes Fradique...

Reconheci, portanto, nada ter de fazer, senão dizer a verdade:

— Rlo-me de sua orelha...

— Por que? — perguntou êle.

— Porque, olhando assim de perfil, você parece contrafação mitológica, — um Fauno mal feito...

Herédia fez-se muito sério. Olhou-me por alguns minutos. Meditou longamente. Depois, desengelhada a fisionomia, passou-me a cuia e a chaleira, a bomba e a ervamate, para que eu preparasse a beberagem, e lastimou:

— É lamentável...

— Que é lamentável?

— Sua falta de habilidade. Estupidez é termo demasiado rude...

E sorriu ironicamente, passando a mão pelos cabelos, gesto que lhe é peculiar como demonstração de aborrecimento.

— Conhecedor de tal particularidade, apressei-me a dizer:

— Zangou-se?

— Não. Não me zanguiei. Seria tolice o abespinhar-me ante a evidência. Você disse a verdade. Foi, aliás, coerente com seu próprio feitio moral, resultante do contacto perene com a selva em que vive: franco, rude, não raro, irreverente. Mas foi inábil... Às mulheres, além dos vinte e cinco anos de vida, perguntar-se-lhes a idade é lembrar-lhes que a decadência física não tardará a vir. Aos homens, fazer-lhes referência aos defeitos físicos é mostrar-lhes o caráter diferenciativo que os coloca em situação de inferioridade. Você há de estar de acôrdo comigo, no mínimo neste ponto: nem êles nem elas gostarão de tais provas de imprudência e indiscreção...

Meio encabulado, de cabeça baixa, pus-me a ajeitar a erva, a sugar o chimarrão com vagar, para ganhar tempo. Precisava pensar um pouco, pelo menos para formar frase em que se exprimisse algo que pudesse significar desculpa. Passados alguns momentos foi que consegui dizer:

— Bem. Naturalmente você me desculpa...

— Claro está que desculpo! E não se ponha a cuidar tenha eu dado maior importância a ninharias.

Fez longa pausa e indagou:

— Não tem curiosidade de saber como perdi o lóbulo da orelha? Não quer ter conhecimento do fato que concorreu para que eu me tornasse, como você diz, "um Fauno mal feito"?

Eu respondi sem demora:

— Tenho. Deve ser interessante...

— Não! É banal...

Herédia, que no momento fazia um cigarro de palha com fumo amarelinho de Cachoeira, acendeu-o vagarosamente. Atirou o palito do fósforo utilizado pela janela em fóra. Sorveu, com delícia e vagar haustos sucessivos de fumaça, enquanto que nos intervalos de uma tragada para outra endireitava com a unha a extremidade do "palheiro". Por fim, recostando-se bem na poltrona, explicou:

— Não é interessante a história. É ridícula. Acontecimentos irrisórios não podem despertar interesse a não ser por efeito da lei das afinidades... Quero dizer: em pessoas também ridículas...

Malicioso, lançou-me olhares significativos.

Ao sentir-me atingido, tentei revidar:

— Se bem compreendi, quer você dizer que eu sou...

— Compreendeu mal, atalhou Herédia — Não quis dizer coisa alguma. Não costumo julgar... Exponho, apenas... Mas vamos à história.

* * *

E Herédia contou:

— Andava eu pelos vinte e seis anos de feliz permanência neste planeta infeliz. Servia em uma das unidades militares componentes da guarnição de São Paulo. Políticos riquíssimos de ambição e paupérrimos de escrúpulos, agitaram os ânimos à socapa de salvadores da liberdade pública. Esperava-se alteração da ordem a cada momento. O governo, entretanto, tomou precauções especiais. Minha companhia teve ordem de seguir para uma cidade paulista, cujo nome não desejo citar. E acampámos em bairro próximo, lá ficando dias sem conta, absolutamente inativos, — tanto eu quanto meus homens.

Interrompeu a narrativa para acender o cigarro e pôr mais água na cuia. Cerca de um minuto após, prosseguiu:

— Nas primeiras semanas entreguei-me à leitura, durante o dia e até altas horas da noite. Lia tudo o que me caía em mão, desde os versos fúteis de Guilherme de Almeida, até os pesados estudos de direito do erudito, mas nebuloso, Pontes de Miranda. Enfado de livros, e para fugir à monotonia do acampamento, dava eu todas as tardes longos passeios pelas cercanias, à pé, em passo lento, a observar. No decorrer de um deles, dos últimos, sem dúvida, aconteceu precisamente o que eu mais desejava como prêmio a essas jornadas periódicas: vi, à janela de vivenda suntuosa, dois olhos negros, grandes e brilhantes,

A Exposição

de ELIAS FEINGOLD

RUA FELIPE SCHMIDT, 54. - TEL. 1603

Casimiras - Tropicais - Linhos - Brins e Sedas. - Confeções finas para homens, senhoras e crianças.

TAPETES E CONGOLEUNS.

Distribuidor dos aparelhos de rádio "Olimpic", "Airmec" e RCA Radiola

VENDAS A VISTA E PELO SISTEMA CREDIÁRIO
FLORIANÓPOLIS

Restaurante Estrêla

Bebidas nacionais e estrangeiras

Cosinha a la "carte"

Asseio e prontidão

WALDEMIRO ALVES

Praça 15 de Novembro

	Cr\$
Luigi Pirandello, — Os Velhos e Os Moços	55,00
Niven Busch — Duelo ao Sol	40,00
William Bullitt — E o Globo Desaparecerá	35,00
Ledo Ivo — O Caminho Sem Aventura	35,00
Leon Trotzki — STALIN	60,00
Paulo Duarte — Palmares pelo Avesso (O livro da Revolu- ção 32)	45,00
Mascarenhas — A FEB Pelo Seu Comandante (re-edição) ..	55,00
Russel Janney — O Milagre dos Sinos	60,00
Herrmann Jun. — Analise Econômica e Financ. do Capital d. Empreza	80,00
Paul Hugon — História das Doutrinas Econômicas	120,00
Harriman — Padrões e Padronização	120,00
Herrmann Jun. — Contabilidade Superior	120,00
Miguel Milano — História do Comércio	20,00
Reynaldo Gonçalves — Tratado Especial de Economia Mo- netária	50,00
Contreiras Rodrigues — Conceitos de Valor e Preço	30,00
Alfredo Ellis — Geografia Econômica	45,00
Peres Escrich — O Pão dos Pobres	30,00
Normano — Evolução Econômica do Brasil	25,00
Simonsen — História Econômica do Brasil 1500-1820 — 2 vols.	80,00
Lisandro do Castelo — Vidas e Destinos	30,00
Bompiani — Prospettiva della Literatura Francese (ilustrado)	75,00
Velde — O Matrimônio Perfeito	40,00
J. M. Carvalho Santos — Repertório Enciclopédico do Direito Brasileiro (já saiu volume 1º e 2º) cada volume	150,00
Carlos Maximiliano — Hermeneutica e Aplicação do Direito	90,00
Magalhães — Dicionário Enciclopédico Brasileiro (ilustrado)	200,00
Murst & Leoni — As Fabulas dos Melodramas — 2 volumes ..	80,00
Alaleona — História da Música	30,00
Lacroix — O Problema Sexual e Sua Solução	60,00

Faça-nos uma visita sem compromisso

Pedidos do interior serão atendidos pelo reembolso postal

tretanto, dizia-me ela que eu abrisse o portão e entrasse. A porta da sala que dava para o alpendre estaria aberta...

— Camarada de sorte! — exclamei com entusiasmo.

— Eu mal me podia conter, continuou Herédia, tão grande era minha alegria. E sob o domínio do desejo e ao influxo da efervescência do sangue, não mais refleti. Abri o portão. Deslizei célere pela alameda ensombrada, visto que a casa ficava ao centro do terreno. Subi os poucos degraus de acesso ao alpendre. Abri rapidamente a porta...

— E Entrou?

— ...e entrei!

— Eu jámais tive tanta sorte... Minhas aventuras não foram além de criadas de hotel...

— Ela, a deusa, estava deslumbrante! Vestida de quimono de seda vermelha, pálida e tímida, de pé ao meio da sala, parecia uma síntese maravilhosa de todos os atrativos femininos! Você, com certeza imagina como deveria eu estar...

— Ora se imagino!

— Eu tremia! Minhas glândulas de secreção interna deveriam estar a exaurir-se para me ativarem as funções inerentes ao meu sexo. A diva sorriu ao fitar-me, e seus olhos tomaram estranha expressão. Foi o ápice da curva de minha resistência! Atirei-me a ela como louco, tomando-a nos braços! No mesmo instante...

Eu exclamei, aflito:

— Abraçaram-se! Em beijo voraz...

Interrompeu-me Herédia, por sua vez:

— Não! Nada disso, meu caro! Ouvi um tiro...

— Como? Um tiro?

— Sem mais nem menos. Um tiro! E outro feriu os ares... Ela mostrara o bilhete ao marido!

— Credo! Que mulher louca!

— Que mulher de juízo! Mostrou-lhe o bilhete, e combinaram tudo. A bala, a segunda, felizmente, só atingiu o alvo no óculo da orelha... O alvo era eu... O paulista atirava mal. Fosse ele gaúcho, e eu estaria morto. Pude escapar-me. Pude sair às carreiras...

Ao esgotar-se o derradeiro góle da água do chimarrão, pelo ruído característico, pelo "ronco" que a cuia produz, Herédia concluiu a rir:

— Minha sorte, contudo, foi o ter deixado a porta aberta...

adornando rosto claro de rara beleza. Coroando o harmonioso conjunto, e em contraste com a tonalidade marfínea da cutis, havia uma cabeleira castanha, ondeada, basta e rebelde. Fitei tais olhos, a vibrar de admiração. Eles me fitaram de igual modo. E ainda mais: excederam o limite dos meus desejos! E acompanharam-me, até que eu desaparecesse à esquina!... Na Escola de Aperfeiçoamento aprendi um pouco de estratégia... Tática envolvente. Assalto pelo centro e pelos flancos. Assédio ininterrupto. Sítio e cerco... Lembrando-me das lições recebidas, fiz ligeiro raciocínio e voltei, aproximando-me vagarosamente do palacete. Os dois olhos negros, o rosto marfíneo e a cabeleira ondeante estavam, agora, na extremidade superior de um corpo de linhas impecáveis, suaves e flexuosas, não à janela, mas a passear pelo alpendre. Agitada, circulação apressada, faces afogueadas, respiração célere, parei. E esboçando o melhor dos sorrisos, saudei:

— Boa tarde

“Meio perturbada, receiosa talvez, ela respondeu”.

— Boa tarde.

— Pode fazer-me um favor? — tornei eu:”

“Ante meu desembaraço de perfeito cavalheiro, hábil em dissimular e ocultar segundas intenções, ela, como que mais à vontade, achegou-se. E bem próximo de mim, junto ao portão gradeado de ferro, em voz que para mim era música divina, interrogou:

— Deseja alguma coisa?”

“Olhando-a sempre nos olhos, pus-me a executar o que me parecia meu plano de ataque. Para ganhar tempo, pedi-lhe”:

— Pode informar-me se é aqui a residência do Dr. Padilha?”

“Veio-me à mente Padilha como poderia vir Castro, Pereira, Assiz, Leitão ou Figueiredo. Um nome tão somente a servir de motivo para conversa. Lembrei-me de Padilha, provavelmente porque, um pouco adiante, eu vira uma taboleta: **Dr. F. Padilha, Médico**”.

“Delicadamente, a sorrir, ela informou:

— Não, senhor. É mais além”.

“Apontando para uma casa grande, quadrada como pombal, espécie de empada arquitetônica, acrescentou”:

— É ali, na quinta casa deste lado”.

Neste ponto da narração, entusiasmado, Herédia ergueu-se e veio mais para perto de mim. A gesticular, a variar as inflexões da voz, para que suas palavras tivessem mais expressão, o que é muito raro em homens calmos e ponderados, prosseguiu, com interesse:

— Não me olvidei de coisa alguma. Disse-lhe eu textualmente:

— Quero ser franco: pouco se me dá que haja Padilhas sobre a superfície da Terra; foi pretexto de que me vali para ter o ensejo de lhe falar...

“E antes que ela se restabelecesse do pasmo causado pela minha imensurável audácia, pus-lhe em uma das mãos um bilhete redigido às presas, e tão idiota que eu, hoje, me envergonho profundamente só com o lembrar-me de o ter produzido. O homem apaixonado é pródigo em sandices, dizia o velho Camilo”.

“Afastando-me em passo natural, a afetar tranquilidade, sem me voltar para traz, pedi”:

— Leia-o, por favor. Amanhã, à tarde, passarei por aqui para saber da resposta. Adeus”.

Após silêncio de alguns segundos, retomou Herédia a palavra:

— É evidente que mulher tão linda me atraísse fortemente, a ponto de me não sair do pensamento durante longas horas. E a analisar-lhe os singulares dotes físicos, e a atribuir-lhe fácil aquiescência aos meus anseios, e a imaginar as delícias de uma aventura amorosa, não conseguí adormecer. A noite foi interminável de vigília e de ansiedade. Pela madrugada, dia claro quase adormeci. Acordei-me, porém, ao cabo de horas, exaltado, aborrecido, porque o tempo se arrastava lentamente. Nunca em minha vida um dia me pareceu tão monótono, tão triste, tão longo e tão sem atrativos. Minha inquietude era indistigável. Veio, afinal, a tarde...

Não pude resistir, e atalhei:

— E você foi saber da resposta?

— Fui, pressuroso. De longe, pude vê-la à janela. Parecia mais linda! Em minha fantasia, divisava-lhe até o sorriso maravilhoso e o brilho expressivo dos olhos. O desejo, meu caro, exacerba os sentidos...

— Vamos ao que interessa, interrompi de novo. E depois?

— Paciência. Hei de chegar ao fim. Peço-lhe, todavia, que me não interrompa.

— Sim. Mas vamos...

— Bem. Dizia eu...

— “Brilho expressivo dos olhos”.

— Sim. Ao chegar mais perto constatei, e que surpresa agradável, que ela me fazia sinais. Compreendi-os perfeitamente. Em linguagem mímica, disfarçadamente, en-

Aniversários

«Atualidades», com prazer, regista, embóra tardiamente, os aniversários de seus dedicados amigos e favorecedores, enviando a todos os mais sinceros votos de felicidades:

- A 29-1: Dr. Carlos Gomes de Oliveira e sr. Lourival Bastos;
a 30-1: menino Dickson Ligocki;
a 1: sra. Lorena Borges Frainer, srs. Antonio Padua Pereira e Bruno Schlemper;
a 2: srs. Francisco Meira, José Candido da Silva e Manoel Alves e menina Nice Alves;
a 3: srs. Juan Carlos Ganzo, Plinio de Freitas, Braz Alves, deputado estadual pelo Partido Trabalhista Brasileiro; sra. Alice da Costa Vaz, dr. Arnaldo Suarez Cuneo e estudante Manoel Bernardo Alves;
a 4: menino Coriguassi Natividade da Costa;
a 5: srã. Luci Gainete Alves; sr. Danubio Melo, e senhorita Maria Isabel Lamarque;
a 7: jovem Delcyr Iguatemy da Silveira;
a 8: Dr. Fulvio Aducci; jornalista Mimoso Ruiz e seus filhos Alfeu e Beatriz; sr. Luiz Kuehne;
a 12: srã. Olimpia Dias da Silva, Eulalia Vieira Alves e sr. Henrique Riggenbach;
a 13: sr. Arnaldo Silveira, senhorita Nizete Faria, menino Afonso Veiga Filho, e menina Adelinã Araujo Espezim;
a 14: sra. Arlinda Bastos de Oliveira; Desembargador Hercilio Medeiros; sr. Alcides Araujo, e menina Rosemarie P. Vieira.
a 15: sr. Manoel de Freitas Cardoso Filho, e menino Mario Eduardo Krepski;
a 16: srs. Adolfo Konder, Julio Gonçaves;
a 17: sra. Maria Luiza Hoffmann; sr. Adolfo Monteiro Pinto;
a 18: Dr. Ruy Portinho de Moraes;
a 19: Dr. Armando Valério de Assis, srta. Hely Schlegel, e sr. Mario Lamego, nosso dedicado colaborador;
a 20: srta. Marcia Oliveira;
a 21: srã. Mariana F. Brueggemann e Maria Portinho Moraes;
a 22: Rvmo. George Alfredo Luterbeck; sras. Helvecia Wildi Vinhais e Ib Ligocki Vieira; srs. Osvaldo Goulart e Victor A. Espindola;
a 23: Marileida Abraham;
a 24: sras. Ester Silveira Diniz, Hedy M. Espindola; dr. Francisco Camara Neto; menino Pedro Luiz Alves;
a 25: srs. Jorge J. Carneiro, Teodoro Ligocki, Humberto D'Alascio; sra. Yvone Frainer Lentz e menino Luiz Henrique da Silveira;
a 26: sra. Raquel Ramos da Silva; srta. Marilia Boiteux Piazza; sra. Angelina Cascais e sr. Major Trogilio Melo;
a 27: sra. Maria de Lourdes Meira; sr. Milton dos Santos Garcia e menina Almira Damasceno da Silva;
a 28: sras. Hilda Silva Spoganicz e Doris Daux; menino Antonio Rogerio Evangelista;
a 29: sra. Ceci Campos de Farias; sr. Nagib Daux.



Mafalda Busato, a consagrada declamadora pátricia, brevemente voltará a Florianópolis, pois ficou encantada com a nossa terra



era conhecido, seu passamento causou geral consternação.

Ao seu funeral compareceu elevado numero de pessoas, tendo estado presentes delegações de associações diversas a que o extinto pertencera, bem como os srs. Deputado Nunes Varela e Armando Calil, como representantes da Assembléia Legislativa Estadual.

À distinta família enlutada, os nossos sinceros pezames.

CAPITÃO ROMULO COLONIA

Faleceu a 19 de fevereiro, nesta Capital, o capitão Otaviano Romulo Colonia, da Reserva da Policia Militar Militar, com brilhante folha de serviços prestados ao Estado, muito relacionado nesta Capital, grande foi o numero dos que o acompanharam à última morada.

«Atualidades», que tinha no capitão Colonia um grande amigo, envia à familia enlutada sinceros pezames.

PROFESSOR MANOEL LUIZ

Repercutiu dolorosamente entre seus amigos e alunos a noticia do falecimento do professor Manoel Luiz, ainda mais, dadas as circunstancias em que se verificou. Vivendo só, acometido de mal súbito e sem nenhum auxilio, faleceu, sendo seu corpo descoberto somente três dias depois.

Coração boníssimo, amigo de todos, grande foi o numero dos que acompanharam seus restos mortais até a última morada.

Falecimentos

Da. MARIA ANTONIA DINIZ

Faleceu em Joinville, na residência de seu filho, sr. José de Diniz, a veneranda senhora Da. Maria Antonia Diniz, viuva do nosso saudoso conterrâneo sr. Leopoldo Diniz.

A família enlutada, nossos sentidos pezames.

MAJOR SAUL ULISSÉA

Faleceu, em Laguna, na madrugada de 16 de fevereiro, o nosso conterrâneo major Saul Ulisséa.

Escritor de renome, com varias obras publicadas, colaborador incansavel de jornais e revistas, entre as quais «Atualidades», contando 79 anos de idade, conceituadissimo não só em Laguna, mas em toda parte onde

Sociais

DR. ADOLFO KONDER



Transcorreu a 16 de fevereiro o aniversário natalício do exmo. sr. dr. Adolfo Konder, atualmente residente no Rio de Janeiro, onde desfruta de largas relações de amizade. Ex-senador por Santa Catarina, foi também representante diplomático e Governador do Estado.

Embóra tarde, «Atualidades» envia a S. S. sinceros parabens.

A data de 16 do mes de fevereiro assinalou a passagem do natalício do sr. dr. Nunes Varella, advogado e deputado à Assembléa Legislativa Estadual, onde, com grande capacidade, ocupa o cargo de «líder» da maioria.

«Atualidades», que o conta entre seus dedicados amigos, envia-lhe, embora tardiamente, os mais sinceros parabens e votos de felicidades.

Aniversariou-se a 15 de fevereiro o sr. Dr. Oswaldo Bulcão Viana, advogado e deputado estadual à Assembléa Legislativa do Estado e figura de destaque na sociedade florianópolisana.

«Atualidades», que tem em S. S. um grande amigo, envia-lhe, embora tardiamente, sinceros parabens e votos de felicidades.

ORQUESTRA SINFÔNICA

A 30 de janeiro teve lugar, no Teatro Alvaro de Carvalho, o 18º concerto da Orquestra Sinfônica desta Capital, contando, para o mesmo, com a colaboração da cantora catarinense. srta. Nazira Mansur, e ao piano a sra. Olga Richter.

Todos os elementos da orquestra desincumbiram-se com segurança e firmeza, sendo de notar a competência técnica do novo Maestro, professor Emanuel Paulo Peluso.

A seleta assistência, em delirantes aplausos, demonstrou seu reconhecimento à orquestra e srta. Mansur, pela bela noitada de arte que lhe foi proporcionada.

TEATRO DO ESTUDANTE

Entre os grupos teatrais desta Capital, justo é destacar o «Teatro do Estudante», cujo diretor artístico é o nosso colega de imprensa, sr. João Frainer, que não tem poupado esforços, junto com os do seu grupo, de proporcionar-nos excelentes espetáculos.

Esses esforços, não só nós os reconhecemos, mas também pessoas de outros recantos do Estado e do País.

O sr. L. Matos, diretor do Grupo de Teatro Estudantil de Lages, de passagem por esta Capital, enviou ao nosso Teatro do Estudante mensagem em que apresenta seus «parabens pela bellissima interpretação da peça hoje levada á cena».

Exposição Nilo Dias

Teve lugar a 26 de janeiro, nos amplos salões do Democrata Clube, à Praça 15 de Novembro, a inauguração da exposição de pintura do professor Nilo Dias, sob os auspícios do Clube de Cooperação Cultural.

Desde o primeiro dia, grande foi o numero de visitantes, tendo agrado geralmente os quadros expostos, a respeito do que já a imprensa diária desta Capital se manifestou.

JOSÉ B. CORDEIRO

A 26 de março completará mais um ano de sua existencia terrena, o nosso dedicado amigo e colaborador José Borges Cordeiro da Silva, que, desde o início de «Atualidades» tem colaborado decididamente para que fossemos melhorando, cada vez mais, a revista.

Por isto, desde já, o nosso abraço mui cordial, com os votos de felicidades.

MONTE CASTELLO

A guerra terminou ontem...

Nos campos de batalha da Itália, inumeros foram os herois brasileiros que tombaram, muitos dentre eles «barriga-verdes».

Um dos feitos gloriosos dos nossos pracinhas, foi a tomada do Monte Castello.

Justo, pois, fosse esse memoravel feito comemorado condignamente, não só pelos pracinhas, como por toda a população.

Foi o que pretendia fazer a Associação dos Ex-combatentes, nesta Capital, em sua séde social, diminuto, porém, sendo o numero dos que ali compareceram. Mesmo assim, revestiu-se a solenidade de grande brilhantismo, fazendo uso da palavra o sr. Gerson Bosco, Presidente, e Paulo Gevaerd, secretário geral, que em comovidias palavras recordaram o sacrificio dos que morreram pela Patria, sugerindo ainda, fosse erguido em nossa Capital monumento em memória dos bravos tombados.

Aos ex-combatentes, a solidariedade dos de «Atualidades».

EDUCAÇÃO FÍSICA

Teve lugar a 25 do corrente, no Estadio da Polícia Militar, a festividade com que o Curso de Educação Fisica celebrou o encerramento do Curso Especial de Monitores.

Ao ato compareceram autoridades civis e militares, revestindo-se a festividade de grande brilhantismo e sendo muito aplaudidos os numeros apresentados pelos alunos, na maioria professores do interior do Estado.

Merecem destaque os numeros de dansa interpretativa, que estiveram a cargo da professora Margarida Leite, vinda especialmente da Capital do País para ensinar essa disciplina.

O programa desenvolveu-se debaixo de calorosos aplausos da grande assistencia, terminando cerca das 23 horas.

«Atualidades», gentilmente convidada pelo sr. Ten. Rui Stockler de Souza, Diretor da Inspetoria de Educação Fisica do Estado, fez-se de representar e envia a S. S. os parabens pelo êxito alcançado.



A venda avulsa de «Atualidades» é feita pela Agência Progresso, Praça 15.



Notas

PINTOR EDUARDO DIAS

Assinalou a data de 19 do corrente a data de nascimento, em 1892, do pintor Eduardo Dias, congominado «O Mágico do Pincel».

Comemorando a passagem dessa data, o nosso Instituto Histórico e Geográfico, dirigido pelo esforço incançável do Desembargador Henrique Fontes, levou a efeito uma reunião, na qual fez uso da palavra o nosso talentoso conterrâneo Tenente Ildefonso Juvenal.

Historiando a vida desse velhinho bom e modesto, que foi Eduardo Dias, Ildefonso Juvenal com suas palavras produziu profunda emoção na seléta assistência, sendo, ao findar, muito aplaudido e cumprimentado.

Num gesto nobre, vai agora a conferencia ser publicada em folhetos, para serem vendidos e com seu produto custeada a construção de um mausoléu no Cemitério das Tres Pontes, onde se acha sepultado Eduardo Dias falecido a 27 de outubro de 1945.

“SUL”

Acaba de aparecer, dirigida por Anibal Nunes Pires e redatoriada por Ody Fraga e Silva, a revista «Sul», do Circulo de Arte Moderna desta Capital, cujo primeiro número nos foi gentilmente enviado.

O novo órgão da imprensa catarinense propõe-se a «revelar os valores novos e acompanhar as idéias do mundo no campo da filosofia, da cultura e, principalmente, no campo das letras e das artes», como se diz no artigo de apresentação subscrito pelo respectivo diretor.

É, como se vê, um programa de larga amplitude e alta relevância, que merece especial atenção dos que em nossa terra se interessam pelos problemas culturais.

Materialmente falando, «SUL» é uma revista bem feita, e contém matéria variada, escolhida com apurado gosto. Por isso mesmo há de cair no agrado dos leitores de todas as camadas sociais.

«Atualidades», saudando efusivamente a novel colega, deseja-lhe longa vida e continua prosperidade.

Foi inaugurada a Faculdade de Farmacia

(Conclusão)

e de nossa capacidade e decisão; aqui, o símbolo de nossa vontade; resistente aos tempos e à maldade dos homens de má fé.

E que sirva de exemplo aos que nos sucederam no santo trabalho de procurar, no conforto efetivo da ciência, a cura dos males naturais”.

Serenados os aplausos às palavras do orador, foi a seguir, pelo dr. Agripa de Castro Faria, declarada instalada a Faculdade de Farmácia e Odontologia de Santa Catarina, com as seguintes palavras:

“O Doutor Agripa de Castro Faria, Diretor da Faculdade de Farmácia e Odontologia de Santa Catarina, usando das atribuições que lhe confere o Regulamento desta Faculdade e tendo em vista a autorização para o seu funcionamento, conforme decreto n. 24.316, de 8 de janeiro do corrente, publicado no Diário da União, no dia 14 do mesmo mês, declara, para fins de direito, instalada a Faculdade de Farmácia e Odontologia de Santa Catarina”.

*
*
*

Entre as pessoas presentes podemos notar: o dr. José Boabaid e Ten. Rui S. de Souza, representantes dos srs. drs. Nerêu Ramos e Aderbal Silva, Vice-Presidente da República e Governador do Estado, respectivamente; Major Otávio Oliveira, Secretário, interino, da Fazenda; Vereadores Vitor da Luz Fontes e Hamilton Ferreira, representantes da Câmara Municipal; Capitão de corveta Paes Leme, representante do 5º Distrito Naval; Cap. Daví Trompowski, da 16ª C. R.; dr. Agripa de Castro Faria, representante do dr. Udo Deeke, ex-Interventor Federal; dr. Benoni Laurindo Ribas, diretor do Departamento de Saúde Pública; drs. Zulmar de Lins Neves, Biase Faraco, Augusto Ferreira de Paula, Newton Linhares d'Avila, Artur Pereira e Oliveira; farmacêuticos Ranulfo José de Souza Sobrinho Gercino Gerson Gomes, Luiz Osvaldo d'Acampora, Sálvio Guilhom Gonzaga, Henrique Brüggmann e os cirurgiões dentistas Djalma Gortner Roslindol Alcides Oliveira, Pedro Mendes de Souza e Orlando Filomeno, professores da Faculdade ora instalada; dr. Elpidio Barbosa, diretor do Departamento de Educação; Cel. Cantídio Régis, comandante da Polícia Militar; Ten. Leandro da Silva Jr.; Irmãs Egidia e Conegundes, do Colégio “Coração de Jesus”; Jornalista José Cordeiro, redator de “Atualidades” e sua filha, srta. Henny Mary, acadêmica de Direito; Zoraide Cunha, dentista do D. S. P.; srs. Alcides

Abreu, diretor da Diretoria do Cooperativismo; Nívio Pinto de Andrade, delegado do I. A. P. M.; farm. Eduardo Santos; estudantes Aires de Melo, Hélio Caldeira, Flávio Vieira, Carlos Gomes; dr. Moacir Tomé de Oliveira, médico-veterinário do D. S. P.; drs. Alfredo Cherem e Percy Borba, médicos psiquiatras da Colônia Sant'Ana; dentista Argemiro Gandra; sr. José H. Rosa; drs. Madeira Neves, Miguel de Sales Cavalcanti; Arnaldo Santiago, do P. S. P.; drs. Homero de Miranda Gomes e Mário Wendorff, diretores da Colônia Santa Teresa e Hospital “Nerêu Ramos”, respectivamente; sr. Arí R. de Castro, Secretário do D. S. P.; sr. Adão Miranda, correspondente de “A Notícia”.

É secretário da Faculdade de Farmácia e Odontologia o sr. Arí Castro.

Inteligente, dinâmico e organizador, e, acima de tudo, homem de fina cultura, muito fará em prol da nova faculdade.

Bilhete Postal

Querida Filha:

Ao completares quatro anos de existência, vemos quanto Deus nos tem abençoado, permitindo que sejas a nossa alegria completa.

O amor que te devotamos jamais será vencido, pois encontra-se no teu pequenino semblante tudo o que se pôde dizer de alegria, de meiguice e de agradável aos teus pais.

És a única flôr pela qual nós jamais nós cançaremos de velar, e por isso rogamos a Deus que te mantenha sempre no bom caminho, e que possas ser uma trabalhadora ativa pela Sua causa na Terra.

Filhinha, neste mundo de incertezas, são os nossos votos que o Criador sempre vele por ti dando-nos sempre o necessário à tua assistência, e que quando moça saibas encarar a vida como deseja Aquele que t'a deu.

É ao terminarmos este bilhete, que parte de corações sinceros, deixamos, aqui, filha querida, as nossas bênçãs; e que Deus, também te abençoe.

Teus pais,

Daniel e Maria de Castro.

Estreito, 11 de Fevereiro de 1948.

Faça seu anúncio pela mais potente emissora do sul catarinense:

«Radio Eldorado» - Cresciuma

Um pouco de HUMORISMO



DISCUSSÃO

— Não lhe quebro os dentes com um murro agora mesmo, porque sou um cavalheiro.

— E eu não lhe amasso a cara porque sou membro da Sociedade Protetora dos Animais...

SINCERIDADE

— Cada vez que digo uma asneira sou o primeiro a rir.

— Então você deve ter uma vida bem divertida, não?

Ele, o «gostosão», faz a moça parar e exclama cnicamente:

— Póde ser ou está difícil?

Ela, sem se abalar, responde logo:

— Está difícil. Meu pai vendeu a carroça!...

Numa obra houve um acidente. O engenheiro caiu do primeiro andar e morreu imediatamente. Todos sabiam que a esposa do homem sofria do coração e que portanto a notícia teria que lhe ser dada com muito cuidado. Encarregaram da dolorosa missão um auxiliar do arquiteto. Este dirigiu-se, após lhe ter sido recomendado muitas vezes para não dar a notícia de sopetão mas sim preparar o espirito da senhora, à casa deste, e ao ser atendido por ela disse:

— A sra. é a viuva do engenheiro?

— Não senhor. Meu marido é engenheiro, mas está vivo.

— Estava, minha senhora, estava. Caiu do prédio e morreu agora mesmo.

PÓDE SER QUE SIM. †

Ele abriu um buraco na parede da cela... a fim de ocultar uma lembrança de família.

Trocou de calçada para não se encontrar com o seu melhor amigo...

Foi ver se havia ladrões no quintal... levando a esposa na frente...

O homem entrou timidamente no escritório do grande editor e este lhe disse:

— Já sei para o que vem, mas lamento muito: não posso publicar seus trabalhos.

— Eu sei, senhor, mas não venho para isso — replicou o sujeito — é que eu lhe mandei cinco poesias e o senhor me devolveu sete.

Vendo que seu amigo, que saíra para caçar, voltava da caçada sem o cachorro, o Sera-pião lhe pergunta:

— E o cachorro que foi com você?

— Coitado! Se voce soubesse o que lhe aconteceu. Assim que eu atirei numa lebre, ele saiu correndo e chegou antes da bala a fim de me trazer a caça e eu, sem querer, o matei com a mesma bala...

PACIENCIA

Fazia duas horas que aquele senhor esperava na ante-sala do escritório, quando a porta se abriu e apareceu a secretaria, que diz:

— Senhor... faz algum tempo que lhe disse que o patrão ia tardar porque se achava indisposto.

— Eu esperarei -- afirmou o homem.

-- Mas é que acabam de me avisar, da casa dele, que ele morreu!... -- disse dramaticamente a empregada.

-- Não importa -- insistiu o homem -- eu esperarei.

Acontecimentos fúnebres...

— E o homem mandou com três tiros, a sogra pro inferno, esquecendo-se de que era pra lá que ele iria ao morrer na cadeia elétrica.

— O lavrador assim que viu a fotografia da morte, resolveu ir procura-la: queria que ela lhe emprestasse o alfange.

— Era um ciumento e quando ouviu dizer que sua mulher estava nos braços da morte, morreu com um acesso de raiva.

Morte

Os rapazes estavam reunidos naquele bar, intercambiando acontecimentos da pequena localidade onde moravam, quando alguém chegou com esta notícia:

-- Sabem? o prefeito acaba de morrer de uma lesão cardíaca!

-- Ao diabo! -- diz um dos rapazes -- que vem a ser isso?

-- E o que ha-de ser? repôs o outro -- Apenas uma ferida produzida por um cardo.

Cansado de esperar o pedido, aquele senhor chamou o garção, que naquele momento cruzava o restaurante, o lhe diz timidamente:

-- Moço... será possível que o senhor se esqueceu de mim?

-- Não senhor -- foi a resposta -- O senhor é porco com farofa.

Nãem todus savem qui...

...as palavras francêsas tãim a particularidade di s'iscreberem dum módo i pronunciamem-si d'oitro. Pur imzemplo: Moi-muá, Toi-tuá, Cão-cuá, Uruvú-uruvuá.

...u minór gigante du mundo móra na China i méde um metro i binte d'altura.

...na Africa Occidentale i existe uma trivu di negrus difrentes di todas as trivus di negrus du mundo, pois estes são completamente vrancus.

...imbentaram na Induchina uma béla sãim pabio, propria prá ficar apagada di dia i não sêre acesa à noute.

Zé Fidelis



A venda avulsa de "Atualidades" é feita pela Agência Progresso, Praça 15.



A significação dos vocabulos tupy-guarany

João Medeiros
Blumenau

Ao beletista confrade
Antenor Moraes

(Continuação)

No número anterior da "Atualidades", nesta seção, escaparam alguns pequenos erros de revisão, sendo necessária uma corrigenda.

No começo dos vocabulos, está a palavra **Abacacaxí**. Leia-se **abacaxí**.

Do vocabulo **Capanema**, saiu a palavra **ranema**, em vez de **panema**.

Em vez de **Gy** ou **Igy**, saíram as palavras **Gij** e **Igij**.

Imaruhij, deve ler-se **Imaruyh**.

Inhambú; em vez deste vocabulo, leia-se **Indaial**, de **inaryá**, palmeira (**Attaléa compta**).

Finalmente, em todos os vocabulos que tiver **ij**, deve-se ler **y**.

Agua-pé, de **gua**, redondo, curvo, e **péba** chato.

Amendoim, de **yba-tibi**, fruto enterrado.

Ananaz — De **nanã**, ter cheiro, fruto cheiroso.

Aracuan — papagaio esguio.

Bacucú, espécie de marisco.

Caninana de **cani-nan** sêco e riscado.

Canema — folha fétida.

Capim — de **caa-pi** folha miúda.

Carrapicho — de **carã-pucu** espinho comprido.

Cipó — De **i-ci-pó**, fibra que se apega.

Congonha — De **congôi**, o que sustenta. (**Ilex Congonha**).

Embahuba — de **emba-yba**, arvore ôca.

Goiabeira — de **guayab**, sementes juntas.

Grandiuva — De **caraná-yba**. Arvore de talo farpado.

Gravatá — De **caraná-tã**, o caranató rijó.

Guabiroba, de **guab-irob**, fruto de sabor amargo.

Itupeva — de **ytú** salto e **peba**, chato; salto rasteiro.

Jacaré — De **y-cha-caré**, que ôlha torto.

Jacú — vem de **y-a-cú** que come grãos.

Jacutinga — O Jacú branco.

Jaguara — de **ya-guara**, o que devóra onça.

Jaraguá — de **yara-guá**. Vale do Senhor.

Jararaca — de **yará-r-ag**, o que tem bote venenoso.

Joia, de **yu-á**, espinho. É uma planta conhecida pelo nome de joá, ou rebenta cavalo.

Jundiá, de **yundi** espinhal, barbas e á, cabeça. Peixe de água doce.

Jurumirim, de **yurú**, boca. Passagem de mirim, pequeno; passagem estreita.

Macacú, de **macac**, simio, macaco e **y**, rio. Rio do macaco.

Mampituba ou **Boigpatiba**, vem de **Mboi**, cobra; **peti**, casca, escama, **tin** ou **tinga** branco e **y**, água. Rio da Cobra da escama branca.

Mantiqueira — Vem de **Mã-tykir**, coisa que verte. Vertente.

Maracujá — vem de **mba-rucujá**. Fruto que faz vaso ou vasilha.

Massiambú, ou **Abocepecau**. Diz o historiador Lucas Boiteux que talvez provenha também de imbiça-

yembó, a foz do regato, ou de **ymbêacá-ybú**, o rio da barra.

Mirim, de **miri**, pequeno.

Mundéo, de **mo-ndé**, o que se alça. Armadilha.

Paca — de **pag**, o que é vivo, agil. Nome do roedor, (**Coelogenis paca**).

Panema — de **pané**, coisa ruim.

Papanduva — de **papã**, saltado e **uba**, casca; casca rugosa.

Papuan — de **pirá-puan**, peixe redondo, a baleia.

Paranaguá — de **paraná**, semelhante ao mar, **guá**, vale, entrada. Bahia.

Paranápiacaba. De **para-nã-apia-caba**, donde se avista o mar. Nome pelo qual era conhecida parte da Serra do mar.

Paraty — de **pirá**, peixe, e **ty** ou **tinga**; a tainha pequena.

Parobé — de **pa-roba-y**, rio todo amargoso.

Pepery-guaçú — De **pepê-r-y**, rio das quebradas, e **guaçú**, grande.

Perequê — de **pirá-ykê**, entrada do peixe.

Pernambuco — de **paraná-puca**, quebra mar.

Peróba, de **piré**, casca, e **irob**, amarga.

Pirabeiraba — Vem de **pirá**, peixe e **berab**, brilhante.

Piraguaçú, de **pirá**, peixe, e **guaçú**, grande.

Pirahy — de **pirá-y**, rio do peixe.

Pirajubahé, de **pirá-yuba-y**, rio do peixe amarelo.

Piraquera — de **pirá-quirá**, peixe gordo.

Pirí — de **piry**, o junco.

(Continúa no número seguinte)

CARNEIRO & IRMÃOS

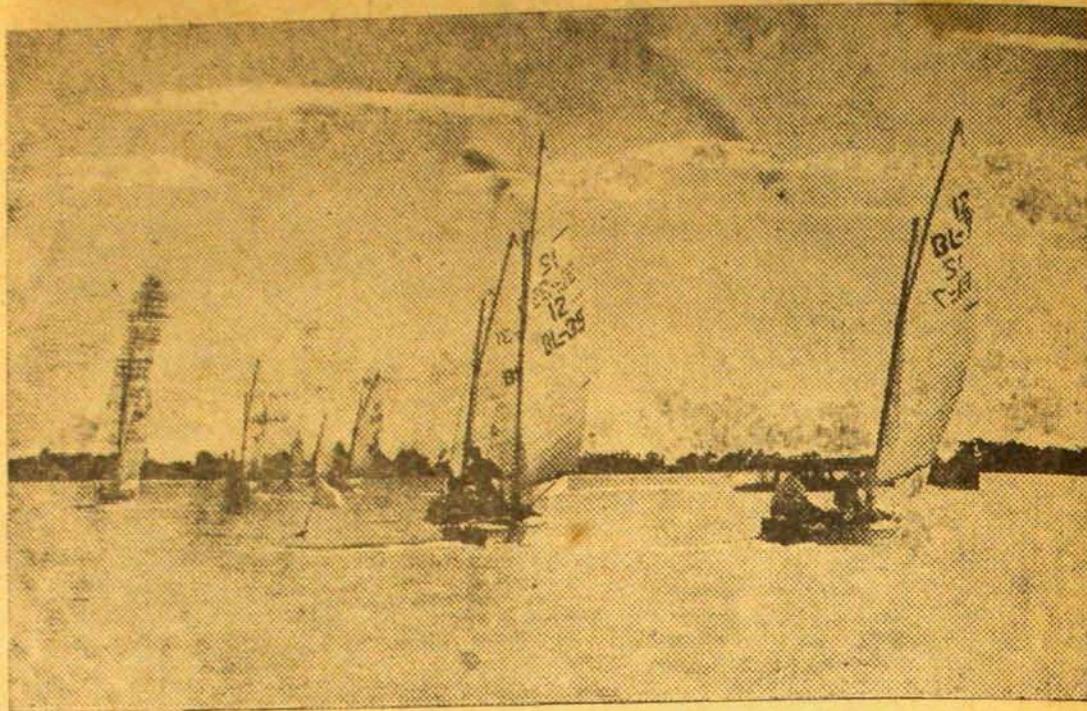


MÓVEIS FINOS

Rua Felipe
Schmidt, 33

Florianópolis

As regatas de Pôrto Alegre



Aspecto da 1ª. regata da prova "Veleiros do Brasil"

Nas regatas levadas a efeito em fevereiro, em Porto Alegre, tomaram parte também os veleiros catarinenses.

Os resultados finais das regatas foram os seguintes, pelos quais se vê que os catarinenses fizeram boa figura:

1ª. regata — Vencedor Alfredo Bercht, gaúcho. 2º — Ademar Pires, catarinense. 3º — Rafael Linhares, catarinense. 4º — Roberto

Bromberg, gaúcho. 5º — Hugo Lemcke, gaúcho. 6º — Eberard Herzfeldt, gaúcho. 7º — Rafael Linhares Filho, catarinense. 8º — Farias, catarinense.

Pontos: Gaúchos 25,25 e catarinenses, 16.

2ª. regata — Vencedor: Alfredo Bercht, gaúcho. 2º — Rafael Linhares, catarinense. 3º — Hugo Lemcke, gaúcho. 4º — Eberard Herzfeldt, gaúcho. 5º — Ademar

Pires, catarinense. 6º — Rafael Linhares Filho, catarinense. 7º — Farias, catarinense. 8º — Roberto Bromberg, gaúcho.

Os pontos foram os mesmos da primeira regata, tendo, assim, os gaúchos conseguido 50,50 pontos contra 32 dos catarinenses.

Completaram a equipe gaúcha os proeiros Rolf Bercht, Karl Stephan, Ernani Fuhrmeister e Rurgard Brechtel.

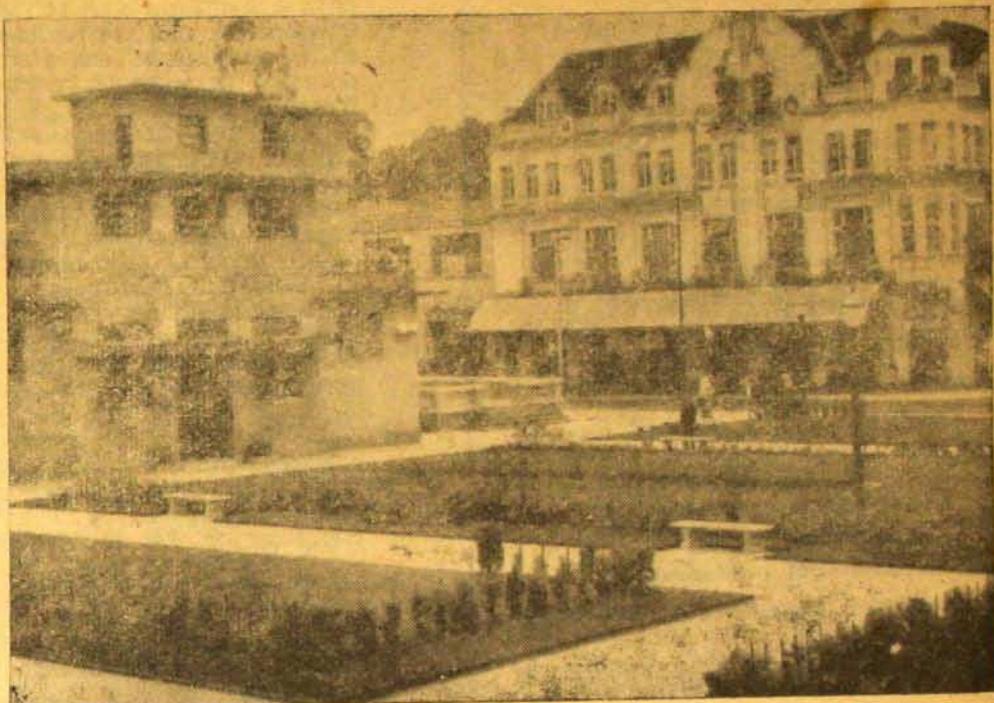


"Sharpie" vitorioso da 1ª. regata da prova "Veleiros do Brasil", tripulação pelos velejadores gauchos Alfredo e Rolf Bercht

Mate é a mais saudavel e a melhor bebida do Brasil, recomen-
dada pelos mais notaveis cientistas do mundo.

Tomar MATE é garantir a saude!

Aspectos Catarinenses



*Vistas de JOINVILLE, a ci-
dade jardim.*

Pães, dôces biscoitos balas e caramelos
nos Varejos **MORITZ**

Soberana, Praça 15 - 1505

Tiradentes, 45 - 1225

C. Mafra, 59 - 1180

ROMANCES FAMOSOS

Ciúme ou A Inveja — Emocionante e vibrante romance de H. Peres Escrich. Descrevendo a figura cavalheresca de um jovem poeta, defendendo a mulher que ama vítima do ciúme bárbaro de uma rival. 1 grosso volume, broch. Cr\$ 45,00.

Alma Negra — Sensacional e comovente romance do grande e afamado romancista francês Xavier de Montépin. Impressionante de uma mulher de alma negra e coração de pantera, que espalhava em redor de si a peçonha do mal e do terror. Um vol. com mais de 500 páginas Cr\$ 35,00.

O Ferreiro da Abadia — Grande e extraordinário romance de grande emoção de Ponson du Terrail, 1 grande volume de 1.000 págs. Cr\$ 40,00.

Amor Selvagem — Extraordinário e sensacional romance de grande emoção do célebre romancista francês Emilio Richebourg. Um grande volume com mais de 700 pg. Cr\$ 40,00.

A Toutinegra do Moinho — Belíssimo e emocionante romance do imortal romancista francês Emilio Richebourg, 1 grosso volume de 1.000 páginas Cr\$ 50,00.

Os Sinos de Corneville — pelo famoso escritor de fama mundial Emile Teillencbourg. Magestoso e emocionante romance de amor entre fidalgos e dois famosos castelos da Normandia, no reinado do famoso Rei Sol, Luiz XIV. Através das páginas deste sensacional romance, desfila o cortejo de episódios de real sensação, onde faz parte o famigerado presídio, A BASTILHA, e bem assim da História da França no século XVII, entre castelões, espadachins, frades, ladrões, marinheiros, galés, guerreiros etc.

Um grosso vol. em grande formato e mais de 750 páginas e bela capa, broch. Cr\$ 40,00.

LIVRARIA ROSA

Rua Deodoro, 33 — Florianópolis

ATENDE POR REEMBOLSO POSTAL

Dr.
A. DAMASCENO DA SILVA
ADVOGADO
Ações cíveis e comerciais
Ecc.—Rua João Pinto, 5—Térreo
(Anexo ao jornal «O Estado»)
Florianópolis—Santa Catarina

A COLONIZAÇÃO AÇORIANA NO BRASIL MERIDIONAL E A COMEMORAÇÃO DO SEU BI-CENTENÁRIO

Constituem justo preito de reconhecimento a eficientes povoadores do território brasileiro as comemorações que, em Florianópolis, serão este ano realizadas para assinalar o segundo centenário da vinda dos colonos açorianos para terras catarinenses.

Com efeito, depois das fundações vicentistas espalhadas pelo litoral catarinense, ficara ele entregue aos seus próprios recursos, abandonado do governo central. Destêrro, com a tragédia que vitimara o seu fundador, sofreu o desamparo dos que haviam sido seus companheiros; Laguna, com os olhos voltados para as savanas gaúchas, foi sendo aos poucos abandonada pelos seus filhos, que partiam para a aventura nas terras sulinas; São Francisco, insulada no esquecimento, não via realizadas as esperanças dos seus fundadores. A costa catarinense era freqüentada apenas pelas embarcações que, antes da perigosa travessia rumo ao Prata, nela arribavam para refresco e aguada.

Ao sul, entretanto, esforçavam-se os portugueses em manter a Colônia do Sacramento como sentinela avançada do domínio lusitano, frente a frente ao castelhano audaz e cubitoso. O Rio Grande deveria ser a barreira ante a qual as suas investidas se desfizessem. Para tanto, era preciso, porém, que à sua retaguarda houvesse elementos capazes de o amparar e socorrer.

Foi nessa contingência que veio para o sul um soldado de renome e estadista de verdade, dos mais ilustres e capazes do Brasil colonial, o brigadeiro José da Silva Paes. Governador de Santa Catarina, sem que esta tivesse sido elevada à categoria de Capitania independente, soube dar-lhe administração segura e empreendedora, conseguindo, aos poucos, desligá-la dos governos a que estava sujeita. Notáveis para a época foram as suas iniciativas. Com os poucos recursos de que dispunha, iniciou a construção das fortalezas que defenderiam a ilha de Santa Catarina, ponto estratégico por excelência; instituiu-lhe as bases de governo; exigiu tropas; e, por último, buscou fixar em seu distrito uma população capaz de lhe assegurar a subsistência e a defesa.

Por esse tempo, sentia-se o arquipélago dos Açores superpovoado e, conseqüentemente, empobrecido, porque não possuía auto-suficiência. A sua produção não chegava para o número excessivo de consumidores, sendo o trabalho insuficiente para o número de braços disponíveis. Pediram, então, a el-rei para emigrarem, para passarem para o Estado do Brasil, cujas terras virgens eram promessas de abundância e de felicidade.

Silva Paes pedia homens; os Açores queixavam-se do excesso deles. E, assim, em 1747, atendeu el-rei a ambos, mandando abrir inscrição nas ilhas para os que desejassem vir para Santa Catarina.

Em 1748, justamente a 20 de fevereiro, escrevia Silva Paes ao soberano, dando-lhe notícia da chegada do primeiro contingente de colonos, num total de 461 pessoas. E outros imigrantes foram chegando sob os governos dos sucessores de Silva Paes, sendo distribuídos, segundo as determinações d'el-rei, por diferentes pontos da costa. São Miguel, Enseada de Brito, São José, Vila Nova no continente, foram núcleos povoados por colonos açorianos e também madeirenses; na ilha de Santa Catarina, o foram Trindade, Santo Antônio, Rio Tavares, Lagoa e Ribeirão.

Parte das quase 5.000 pessoas chegadas das ilhas destinou-se ao Rio Grande do Sul; a maior parte dela, entretanto, fixou-se em Santa Catarina.

A viagem dessa gente, condicionada aos recursos da época, constituiu uma verdadeira odisséia; o que sofreu na travessia e com as conseqüências dela narram-no velhos documentos; mas está longe de poder ser, em nossos dias, imaginado.

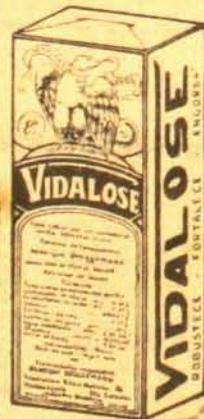
Escritório Imobiliário
A. L. Alves

Rua Deodoro n° 35
-: Florianópolis :-

Encarrega-se de: compra, venda, hipoteca, legalização, avaliação e administração de imóveis.

Organiza, também, papeis para compra de propriedades pelos Institutos de Previdência e Montepio Estadual.

FRAQUEZA
ANEMIA
ABATIMENTO
MAGREZA
CONVALESCENÇA
FALTA de APETITE



O
TÔNICO
IDEAL

Foi, certamente, um movimento povoador de altíssimo alcance. Pode-se dizer que, na história do Brasil, foi único no seu preparo, na sua extensão e nas suas conseqüências.

Múltiplos fatores concorreram para que os colonos, destinados que eram principalmente a tarefas agrícolas, não pudessem vencer como lavradores; mas seus descendentes, herdeiros de suas qualidades, dominando o meio, souberam elevar-se em todos os ramos da atividade humana; e, nas armas como nas letras, na vida do mar como na vida religiosa, no comércio como nas profissões liberais, impuseram o sêlo da sua personalidade, honrando os seus ascendentes e constituindo, sem dúvida alguma, em terras catarinenses e sul-riograndenses, um sólido núcleo de brasilidade.

Dois séculos vão completar-se sobre a sua chegada. Justas, pois, são as homenagens prestadas à memória desses nossos antepassados destemerosos que se afoitaram, Atlântico a fora, em busca de uma nova Pátria, trazendo para ela os seus lares e a determinação de viver com dignidade, e que a amaram com o mesmo calor com que tinham amado as suas ilhas nativas.

* *

As comemorações da passagem do segundo centenário da colonização açoriana começarão, a 20 de fevereiro corrente, data do primeiro documento que noticia a chegada dos primeiros colonos a Santa Catarina. Nesse dia, às 9 horas da manhã, em frente à Prefeitura Municipal, será lançada a pedra fundamental de um obelisco comemorativo, falando o sr. dr. Oswaldo Rodrigues Cabral. À noite, a orquestra da Sociedade de Cultura Musical, realizará um concerto sob a regência do maestro Emanuel Peluso, incluindo o programa a Rapsódia Catarinense do saudoso maestro Álvaro Sousa, na qual estão condensadas músicas populares catarinenses. No dia 21, à noite, no salão de festas do Clube Doze de Agosto, proferirá o sr. dr. Antônio Nunes Varela uma conferência sobre a colonização açoriana; e no dia 22, à noite, na Catedral Metropolitana, será cantado solene Te Deum, com oração gratulatória do exmo. sr. Arcebispo Dom Joaquim Domingues de Oliveira.

Como segunda parte das comemorações, será realizado em outubro deste ano, também em Florianópolis, um Congresso de História, para o qual serão convidados estudiosos de Santa Catarina e de outros Estados, especialmente do Rio Grande do Sul, e também historiadores portugueses. Será ainda organizada uma exposição de documentos, fotografias, desenhos, peças e mobiliário, que se relacionem com o movimento colonizador que se comemora.

As comemorações, que são patrocinadas pelo Governo e pela Assembléia Legislativa de Santa Catarina e pela Prefeitura Municipal de Florianópolis, estão a cargo da seguinte Comissão Executiva:

Des. Henrique da Silva Fontes, Presidente;
Deputado Dr. Oswaldo Rodrigues Cabral, 1º Vice-presidente;
Dr. Heitor Blum, 2º Vice-presidente;
Prof. Carlos da Costa Pereira, Secretário Geral;
Dr. Carlos Gomes de Oliveira, 1º Secretário;
Prof. Clementino Fausto Barcellos de Britto, 2º Secretário;
Major Álvaro Tolentino de Souza, Tesoureiro;
Deputado Antônio Nunes Varela,
Dr. Arnaldo Suarez Cúneo,
Jornalista Gustavo Neves,
Acadêmico Hamilton Abade Valente Ferreira,
Dr. Henrique Rupp Júnior,
Jornalista João Batista da Costa Pereira,
Deputado Dr. João José de Sousa Cabral,
Prof. João dos Santos Areão,
Deputado Dr. José Maria Cardoso da Veiga,
Dr. Othon da Gama Lobo d'Eça,
Deputado Coronel Pedro Lopes Vieira,
Deputado Dr. Saulo Ramos.

(Comunicação da Comissão Executiva das Comemorações do Segundo Centenário da Colonização Açoriana — Florianópolis).

Nas
FERIDAS.
ECZEMAS.
ESPINHAS.
FRIEIRAS.
IMPINGENS
Nas
SUORES FETIDOS dos
PES e das AXILAS?
POMADA
BRÜGGEMANN
CURA RÁPIDA E GARANTIDA!

Bazar de Módas

de
Plácido Mafrá
Rua Felipe Schmidt, 34 - Fone 755
Teleg.: MAFRA
FLORIANÓPOLIS

Confeções e alta costura administrada por competente profissional.

Apresenta sempre as últimas novidades em cortes de sedas e lãs nacionais e estrangeiras, bolsas, luvas, etc.

Trajes sob medida
Guaspari

Livraria Moderna

de PEDRO XAVIER & CIA.

Tipografia - Encadernação - Pautação

Rua Felipe Schmidt, 8 - Cxa. Postal 129
Telefone 1418

PAPELARIA - MIUDEZAS - ARTIGOS
ESCOLARES - FIGURINOS - REVISTAS
ESTAMPAS - ARTIGOS DE PINTURA
E DE ESCRITÓRIO E DE DESENHO etc

CASA

FOTO-AMADOR

G. Scholz

Rua 15 de Novembro, 596
Telefone 1010

BLUMENAU

A Grande Família

Fantasia relativa aos Estados Sulamericanos

A. CABRAL JOR.

Continuação

Algumas cachoeiras

— Bem, chega de rios. E as cachoeiras? Lance-lhe uma vista.

— Passemos, então, os olhos deslumbrados, rapidamente, pelas principais: Paulo Afonso, do rio São Francisco, Sete Quedas ou Gaíra, do Paraná, Iguassú ou Santa Maria, do Rio Iguassú, Avanhandave, do Tieté e Manoa, do Oiapoque.

Calcule você o que não fariamos com a força de semelhante potencial ciclópico que nos pertence!!!...

Mas, deixemos as belezas naturais com que foi a nossa feliz Família favorecida.

Observemos um pouco o seu conjunto propriamente dito, os pais e sua prole; o gigantesco coração que Deus modelou neste bloco vastíssimo de terra. Antes, porém, olhemos para cima:

Cairé, a majestosa! Foco de luz prateada iluminando toda a nossa moradia, à espera das carícias de Rudá! Espelho convexo e luminoso, ampliador das paixões, que os amantes, estrofnas-mascarados, perderam no imenso salão azul do firmamento, em meio às miríades de estrélas, — confetis cintilantes, galhofeiros e sorridentes, jogados e esmo na orgia delirante dos folguedos! —

— Bem, adiante! Não perca muito tempo com gabos aos seus queridos genitores.

— Ali, o Cruzeiro do Sul, constelado lustre a deslumbrar com luz diamântica e a guiar as boas caminhadas!...

— Vamos, você ia falar no conjunto da Família e não começou ainda! — exclama Tupalamos.

TERCEIRA PARTE

A Grande Família

— A nossa «Grande Família», com apenas quatrocentos e poucos anos de existência, nascida, portanto, nos «Tempos Modernos» da história da civilização, data do século quinhentista, dos descobrimentos marítimos, logo após o surto das invenções e consequente aperfeiçoamento da bússola, mágico aparelho que norteia o homem, conhecido pelas nações ocidentais no fim do século XII, alvorada do movimento, que mais tarde preparou o descobrimento do Novo-Mundo.

Aos portugueses sobretudo, e aos espanhóis que os seguiram, deve-se a revelação deste fertilíssimo e vasto continente, séde do nosso povo laborioso, cuja aspiração principal consiste em viver sob o pálio da mais estreita e longânime compreensão, inspirada no respeito ao direito de todos, rota segura que leva os povos à confiante estima universal e à glória esplendorosa da eternidade. Porque acima e antes de tudo, escudada no poder material dos seus próprios elementos e na força indestrutível do seu férreo e temperado patriotismo, sem melindres alheios, vive com os olhos fitos em Deus e na Pátria; com o Direito, com a Justiça e com a Liberdade!

Aos descobridores deste imenso continente, a nossa grande admiração! Aos estoicos, destemidos e audazes propugnadores da sua Independência, a nossa profunda gratidão!... Eles viverão pelos séculos e séculos na grata lembrança dos sulamericanos!

Os heróis, os mártires, que tudo sacrificaram para dar à «Grande Família» uma Pátria digna de seus filhos, jamais serão olvidados! Simão Bolívar, D. Pedro I, Manuel Belgrano, Tiradentes, (José Joaquim da Silva Xavier), Antonio José de Sucre, José de San Martín, Bernardo O'Higgins, em espírito marcharão à frente, como guias seguros do caminho da vitória! E porque não falar dos grandes pacificadores, Duque de Caxias e o Barão do Rio Branco! Dos que consolidaram e pacificaram este enorme bloco de terra abençoada, com 18.200.00 km. q. e onde vivem, hoje, 80 milhões de almas, e amanhã, 100, 200 ou 300, ou mais, de milhões, que lutam incessantemente, cada vez melhor, pelo aperfeiçoamento das suas forças morais e materiais!

— Muito bem! Prossiga; vamos à Família propriamente dita, tal como você prometeu.

— Vejamos, em primeiro lugar, o bellissimo casal de cuja união surgiram os filhos bem amados:

O Pai e a Mãe — O Brasil e a Argentina. — Ele, o moreno garboso e espadaúdo, carinhoso e enamorado de sua companheira, a fascinante Argentina, delgada, elegante e sedutora. A mulher formosa que canta a linda música do seu tango, desse tango lânguido e suave que nos fala sempre num romance de amor. Tango que ela bondosamente, presenteou à Família toda, porque já não lhe pertence exclusivamente, passou a ser de todo sulamericano. E o esposo, embevecido de amor ao

POMADA
MINANCORA
NUNCA EXISTIU IGUAL

PARA FERIDAS,
ECZEMAS,
INFLAMAÇÕES,
COCEIRAS,
FRIEIRAS,
ESPINHAS, ETC.

seu canto dolente, responde, folgazão, com sambas saltitantes, ou entenece com as suas canções, enquanto os filhos os deliciam com mazurcas características, com os adaptados e melodiosos boléros, ou as tropicanas do Perú.

Há entre os pais, o filho amado, de carícias disputadas, o robusto Uruguai, que a um e a outro estima de igual forma, e, inteligentemente, evita os naturais ciúmes paternos ou maternos, que, por ventura, possam existir entre eles.

Lá atrás das montanhas está o Chile, o pernalta esbelto que se debruça nos Andes, contempla os irmãos e saúda os pais. É a sentinela constante do Pacífico sul.

E o Paraguai, o guaraní queimado de cabelos corridos; valente e destemido. Deu mostras disso, em 5 anos, nos apuros em que meteu seus pais, é muito especialmente o seu pai, a quem fez perder uma boa parte de sangue para contê-lo. Hoje, em paz laboriosa, cuida, sobretudo, do seu progresso, para colocar-se, sobranceiro, ao lado da Família.

A Bolívia, a Colômbia e a Venezuela, são as três irmãs heroicas, de gênios retêmporados em Bolívar; muito e muito estimadas pelos pais, tem em seus irmãos os maiores amigos.

O Perú e o Equador, que ainda ouvem ecoar a ressonância epopéica das clarinadas gloriosas da Independência, velam pela guarda do Pacífico norte. Fortes, amigos e leais, não desmentem o heroísmo continental.

— E aquelas três garotas, ali em cima, do lado do Atlântico? As Guianas, que diz delas?

— São as nossas hospedes permanentes. Seus pais moram do outro lado do Atlântico. Nós, porém, gostaríamos imenso, que elas, unidas em uma só, ou mesmo separadas, se integrassem definitivamente na «Grande Família». Afinal, a América é dos americanos e torna-se-nos estranho que ainda não se tenham emancipado. Todavia, são boas companheiras e nós as queremos como se, de fato, filhas fossem deste grande lar, embora não possam participar de todos os nossos íntimos interesses.

— E além da Ponta das Galinas? Lá para cima!

— É a América do Norte, a grandiosa fortaleza do hemisfério, a rocha granítica onde se esborracham os alucinados inimigos da Liberdade. Bons vizinhos, liderados por Tio Sam. Um grande lar, onde também reside, com abundância, a «Boa Vontade» dos nossos amigos. Uma outra Família, aquela cuja amizade mais interesse à nossa «Grande Família»!

QUARTA PARTE

A Língua

— Mas, diga-me uma coisa, — comentou Tupalamos — Não lhe parece que falta uma circunstância muito importante para a verdadeira compreensão de toda a nossa Família?

— Não creio. A que circunstância você se refere?

— Á língua, ao idioma! Não é verdadeiro o princípio, segundo o qual é a língua o elo que mais prende e identifica os povos entre si?

— Em tese é assim, isto é, a rigor este é o princípio fundamental e proclamado. Mas observando bem o nosso caso, o fundamento não está perfeitamente consolidado entre nós.

Em primeiro lugar, para termos uma visão geral do nosso assunto, eu gostaria de saber quem será capaz de nos apontar um outro território com

Carlos Hoepcke S. A.

Comércio e Indústria

Telegramas: "HOEPCKE"

*
* *

MATRIZ — Florianópolis — Santa Catarina.
FILIAIS — Blumenau — Santa Catarina.
Joaçaba — Santa Catarina.
Joinville — Santa Catarina.
São Fco. do Sul — Santa Catarina.
Lajes — Santa Catarina.
Laguna — Santa Catarina.
Tubarão — Santa Catarina.

ESCRITÓRIO EM CURITIBA — Paraná, rua 15 de Novembro, 608, 5º andar.

SÃO PAULO — São Paulo, rua 15 de Novembro, 200, 7º andar.

SANTOS — São Paulo, Praça da República, 33, 1º andar.

SECÇÃO DE FERRAGENS

Ferragens em geral.
Materiais de construção.
Louças e tintas.
Comestíveis.

SECÇÃO DE FAZENDAS

Tecidos em geral.
Armarinhos — Tapeçarias
Panos para cortinas e estofamentos.

SECÇÃO DE DROGAS

Perfumarias.
Produtos químicos e farmacêuticos.

SECÇÃO DE MAQUINAS

Máquinas e motores para todos os fins.
Motores Diesel — Bicicletas — Motocicletas.
Rádios — Geladeiras — Enceradeiras.
Material para instalações elétricas e mecânicas.
Artigos elétricos — Ferramentas de precisão.
Secção especializada em artigos para presentes.

SECÇÃO AUTOSHELL

Automóveis e caminhões — Chevrolet — Oldsmobile
— Cadillac — Peças e acessórios "GM".
Produtos de petróleo da Anglo Mexican.
Pneus e produtos "Goodyear".
Oficinas e Postos de Serviço nas principais cidades de Santa Catarina.

SECÇÃO MARÍTIMA

Estaleiro Arataca — Vapores
Aparelhamentos completos para cargas e descargas em Florianópolis e São Francisco do Sul.
Despachos marítimos em Florianópolis, São Francisco do Sul, Laguna e Santos.

Fábricas de Gêlo e de Pontas 'Rita Maria'
FLORIANÓPOLIS

as dimensões deste continente, onde seus filhos, (exceção feita às pequeníssimas hospedes Guianas), são assim perfeitamente compreendidos, em qualquer ponto onde se encontram, tal como a nossa Família! Em oposição, se pusermos os olhos sobre a Suíça, veremos, por outro lado, um pedacinho de terra encravado na Europa, com três idiomas, sem nenhum paralelo conosco, porque completamente diferentes, e, no entanto, tem sido o paradigma da mais perfeita organização social-democrática existente. E, pergunto: que grande diferença há entre a língua portuguesa e a espanhola, unicas verdadeiramente faladas neste continente!

Não lhe vou dar aqui, por certo, em tão poucas palavras, que o momento comporta, uma explicação perfeita, clara e precisa das linguas portuguesa e espanhola, em relação à fonte comum que é o latim, — que longe estou de semelhante aventura.

De tão soberba e abundante florêsta, cujas árvores recendem perfumes que enebriam; de tão florescente bosque, cujas alamedas têm servido de pista doirada onde gênios rondam e deluem suas vidas inteiras, em esmerilhadas pesquisas científicas, poderemos, sim, no entanto, tirar uma pitadinha da preciosa poeira constituída dos diversos elementos triturados na formação dessas línguas, no que diz a nosso respeito.

Uma língua se identifica e adquire personalidade, atravessando séculos no constante lapidar da sua estrutura.

A península ibérica, hoje Espanha e Portugal, foi cubiça de diversos povos que lá se estabeleceram em épocas diferentes, desde os primeiros séculos da era cristã.

Ouçamos, melhor, a palavra de um dos mestres no assunto, que aparece sob o pseudônimo de «Tiago, o menor»:

«O século XII assinalou a identidade do português falado e escrito, português já suficientemente distanciado do latim, já consideravelmente emancipado dos dialetos da Espanha. Todavia, força é confessar que a distancia não é daquelas que impeçam a percepção das semelhanças. O referido século, já o dissemos, é como o «registro civil» da língua onde futuramente pontificariam os Camões, os Vieiras, os Bernardes, os Castilhos, os Ruis e tantos outros «profetas maiores» do nosso formoso vernáculo».

Fiquemos por aqui, neste assunto. Pelo exposto, porém, verificamos como que uma a se distanciar da outra, e, ambas filhas do latim. E quem nos dirá que com o passar dos tempos, como acontece, de ordinário, na evolução de todas as linguas, não se fale neste continente um idioma proprio, sulamericano, pela fusão, novamente, e então melhorada, das linguas irmãs? Portanto, como já disse, o principio alegado, em nosso caso, não está bem alicerçado, não servindo, porisso, de empecilho à idéia.

QUINTA PARTE

Politica Continental

— Diante do que estamos idealizando, para melhor compreensão e harmonia da nossa «Grande Família», deveríamos, então, possuir uma política continental, isto é, um Instituto ou Conselho de caráter permanente, em o qual todos os membros dos Estados sulamericanos tomassem parte, — disse Tupalamos.

— Perfeitamente! — confirmou Rudacairé. Eu já vinha pensando justamente no assunto. Formu-

lemos, pois, a hipótese de um Conselho, como se a fórmula fosse, de fato, prevalecer.

Digamos, por exemplo: «CONSELHO DE AMIZADE SUL-AMERICANA».

I — Será um Conselho composto de 10 membros, ou seja, um representante de cada Estado soberano da «Grande Família». Terá um Presidente, um Secretário e oito Ministros; todos com o mesmo grau de dignidade funcional;

II — Os lugares de Presidente e Secretário serão exercidos por meio de sorteio, com a presença de todos os representantes e altas autoridades de todos os Estados da Família;

III — Em uma urna cuidadosamente fechada, serão colocadas 10 cédulas, com os nomes dos representantes, que serão devidamente misturadas, de modo a não haver a menor dúvida na honestidade do ato;

IV — Um dos presentes, — não sendo obrigatoriamente necessário que seja um dos representantes em sorteio, — será eleito por aclamação, para retirar as cédulas;

V — A primeira a sair designará o nome do Presidente e a segunda, do Secretário. As que ficarem, serão os Ministros;

VI — O Secretário será o encarregado de todo expediente do Conselho e não terá direito de voto;

VII — O Presidente, além de outras atribuições, que serão determinadas em lei ou regulamento da organização interna, terá direito ao voto de desempate, nas deliberações tomadas pelo Conselho;

VIII — Na organização do «C. A. S. A.», nos seus trabalhos e seus direitos, — excetuada a parte referente ao Secretário, que não pode votar, — não prevalecerá, está claro, a condição de Estado maior ou menor, com menos ou mais população, possibilidades ou riqueza;

IX — Os membros do «C. A. S. A.» serão substituídos de 2 em 2 anos, sempre pelo sistema indicado nos parágrafos anteriores;

X — O primeiro «C. A. S. A.» será sorteado a bordo do maior navio de guerra sulamericano, em aguas territoriais do Atlântico, e os demais, na Capital onde o último esteve reunido;

XI — O «C. A. S. A.» funcionará na Capital do país da nacionalidade do Presidente;

XII — O representante do país que já tiver dado Presidente, só concorrerá em sorteio para este cargo, depois que todos os outros países o tiverem assumido. Caso lhe caiba, por sorteio, a cédula de Presidente, que é a primeira a ser retirada, será a mesma devolvida à urna e misturada às outras, para novo sorteio. Será, pois, rigorosamente obedecido o critério do rodízio;

XIII — Igual principio será observado quanto ao Secretário;

Continúa



Cervejaria Catarinense S. A.

'OURO PILSEN'

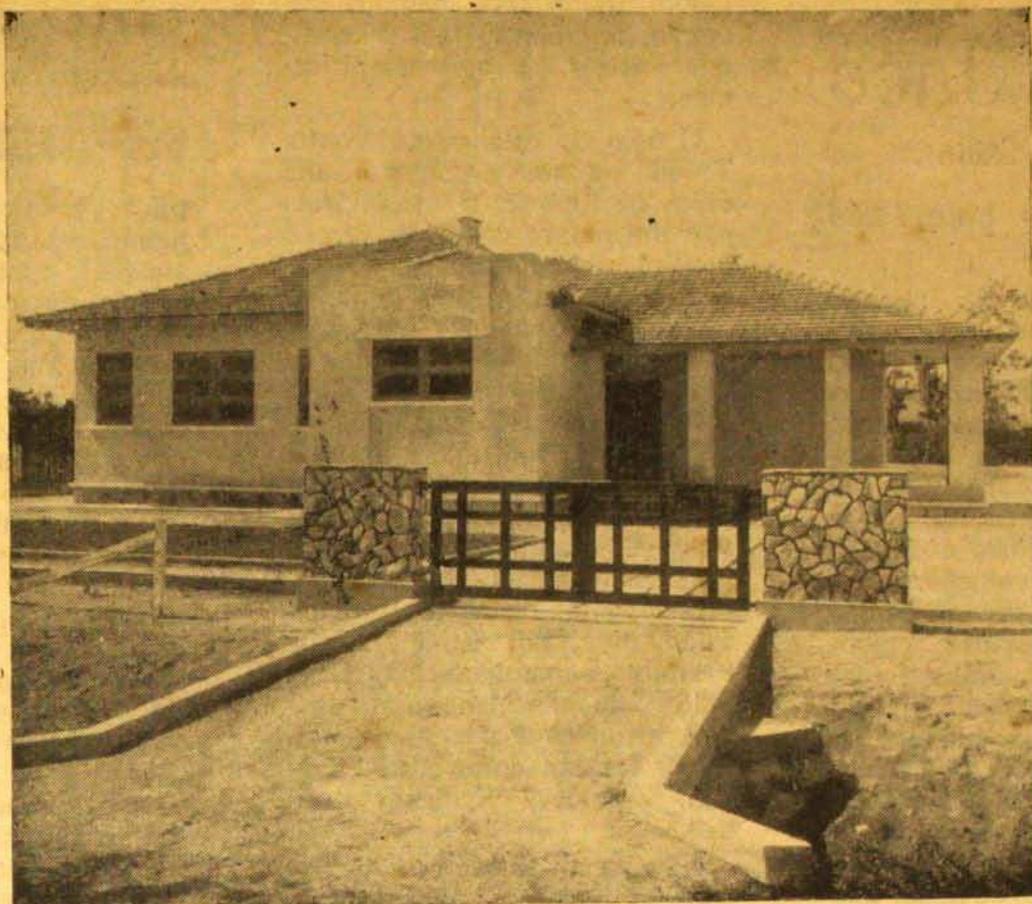
a nossa cerveja de alta qualidade e de preço ao alcance de todos.

Representante: J. BRAUNSPERGER

Rua Felipe Schmidt, 41. Telefone 1350



Assistência social em S. Catarina



Centro de Puericultura «Aderbal Ramos da Silva», construído pela L. B. A., a mais recente realização em Santa Catarina

A imensidade daquele pecado

(Conclusão)

O português hesitou, pois o santo, quando vê muita esmola, desconfia...

— «E' fiado, rapaz?

— «Qual fiado, qual nada, seu Teixeira! A mãe algum dia comprou fiado aqui na sua venda?»

E mostrou o dinheiro, com ar de orgulho.

— «Tem razão, meu rapaz. Os bons fregueses são mesmo assim: compram só a dinheiro!»

Ah! quando chegou em casa... A alegria, o contentamento de todos. Ele nunca esqueceria! Haveria de lembrar-se sempre dos gritos de satisfação com que o receberam.

— «Mãe, o seu Chico mandou as compras. Teve pena da nossa desgraça e mandou mais do que a mãe pediu...»

Foi uma festa! A mãe, imediatamente, falou:

— «O seu Chico foi muito bom, meus filhos. Vamos rezar pra Deus dar saúde pra êle e pra família.»

Todos rezaram. Todos, não! Menos êle. Falou baixo, também, mas não era réza. Naquele instante, êle pedia a Deus que matasse o seu Chico, matasse a mulher os filhos... Que morressem todos de fome. De fome e sede, físicos, com a língua seca, esticada pro lado de fóra da boca. E que fossem todos para o inferno... Que o fogo os deixasse torrados, negros, irreconhecíveis...

Porque as lágrimas mais sentidas que aquele homem derramasse; os maiores sofrimentos dêle e da família tudo seria pouco, nada até, diante da desgraça dos seus, da sua vergonha e da imensidade daquele pecado!...

Atualidades

Publicação mensal
Redação e Oficinas: Av. Mauro
Ramos 301 — Florianópolis
S. Catarina — Brasil

Propriedade — Direção — Redação e Gerência:
E. I. KUEHNE

Assinaturas:

Anual Cr\$ 18,00
Número avulso Cr\$ 1,50

Anúncios de acôrdo com a
tabela de preços

«ATUALIDADES» acolherá de boa vontade todos os originais, não se responsabilizando, porém, pelos conceitos emitidos em artigos etc. assinados. Os originais — mesmo os não publicados — ficarão em poder da Redação.

Livros Novos

Esau e Jacó

(Trótzki e Stálin)

por Candido Mota Filho

Dá-nos agora o IPE Instituto Progresso Editorial, em português, o livro de Leon Trótzki sobre Stálin, que vem despertando em todo o mundo intensa curiosidade. (1) Esse livro poderia assim ter por título «O Reacionário Stálin». Na verdade, este aparece como a reação disfarçada em revolução. E' a volta, com os dados da técnica moderna, aos sangrentos episódios do czarismo. Stálin é acusado como o responsável pela implantação de uma ditadura de moldes asiáticos, de um totalitarismo incompatível com as verdadeiras aspirações socialistas. A sua presença no poder com a maior soma de poder que um homem poderia esperar na face da terra, decorreria contudo ao ver de Trotski justamente de seu oportunismo anti-re-

volucionário, libertado de quaisquer laços para com idealismos, «escrúpulos e preconceitos», conforme a terminologia das explicações do Instituto Marx-Engels-Lénin. Stalin, sem nenhum remorso, repudiava toda e qualquer teoria, e agira empiricamente.

O ódio do estalinismo contra Trótzki e seus amigos é um ódio de morte. O trotskismo não lhe parece como um grupo político, uma força capaz de realizar a revolução, uma simples divergência ou uma oposição. E' o mal em toda a plenitude de suas consequências. A política comunista da mão estendida pode ser feita com os seus mais terríveis adversários, pode ser feita com as expressões mais vivas do capitalismo. Com o trotskismo jamais. No seu impressionante discurso, pronunciado no XVIII Congresso do Partido Comunista, em 1939, Stálin fala nos monstros que foram fuzilados e nos assassinos, espias e sabotadores, estilo Trótzki, Zinoviev, Kamenev e outros.

Não menor é o ódio do trotskismo contra Stálin, acusado de traidor da causa revolucionária do proletariado internacionalista. Sentindo sua própria veemência, Trótzki procura jus-



Se ricos quereis ficar

De modo facil e legal,

Fazei hoje uma inscrição,

no CRÉDITO MUTUO PREDIAL



tificar-se, afirmando que o ódio não o inspira, tanto mais que é afinal de contas, uma forma de ligação pessoal. E diz, com sua admirável argúcia «Stálin é meu inimigo. Mas Hitler também é meu inimigo, e o é também Mussolini, e o são muitos outros Hoje, experimento mesmo ódio em relação a Stálin que em relação a Hitler, Franco ou o Mikado».

Tudo isso é, para nós, a revolução devorando, com os seus incêndios, a velha Russia, sombria e mística, de Dostoievski e Ivã o Terrível. Tudo isso é a revolução que faz arder os olhos da burguesia ocidental, pateta e assustada. Tudo isso é o reino crepuscular de um mundo vazio de sentido, onde gesticulam como fantasmas, mortos e vivos para satisfazer a sede dos deuses, mundo que gerou em seu ventre absurdo, Trotski e Stalin como Esau e Jacó...

O Caim da América e suas vítimas

Crônica de Teixeira da Rosa

Na madrugada de 9 de fevereiro de 1558, foram estrangulados e jogados às águas da baía de Guanabara, Jean du Bourdel, Matthieu Verneuil e Pirre Bourdon.

Haviam êles, em companhia de vários outros huguenotes, aportado às plagas brasileiras iludidos pelas falsas promessas de Nicolau Durand de Villegaignon.

Este, aliás, visando obter de Henrique II, rei da França, o apoio imprescindível à expedição de conquista buscou, e conseguiu a amizade do almirante Gaspar Coligny, huguenote, comprometendo-se a preparar na terra a ser conquistada, um refúgio para «os homens de religião» que escapassem às fogueiras acesas pela intolerância religiosa que o Santo Offício fomentava.

Cedo, porém, conheceram os calvinistas aqui chegados a maldade de Villegaignon. Manifestaram-lhe, por isso, o desejo de regressarem à Pátria, sendo-lhes concedida permissão.

Entregue, ao mestre do «Jaques», com os calvinistas, seguia, também, envolta em pano encerrado, uma caixinha, para ser entregue ao magistrado do porto francês a que primeiro chegassem.

A misteriosa caixinha continha denúncia de heresia contra os missionários huguenotes.

Daf a alcunha, justa e infamante, advinda a Villegaignon e que se vai perpetuando — Caim da América — pois, traíu àqueles de quem se fingira irmão na fé.

Algo, porém, veio contrariar, logo de início, a consumação integral desse plano sinistro.

O «Jaques» era um navio velho. Começou a fazer água, ameaçando sossobro.

Por isso, vários huguenotes resolveram voltar à ilha de Serigipe.

Villegaignon os recebeu com mostras de agrado.

Mas, na manhã seguinte, revelou-se intratável e cruel.

O seu plano, não deveria falhar.

Queria, todavia, algo que justificasse, legalizasse, seu instinto criminoso.

Formulou, então, um questionário sobre matéria de fé. Enviou-o aos calvinistas, marcando-lhes o prazo de doze horas, para o responderem por escrito.

Podiam os perseguidos calvinistas deixar sem resposta o questionário e se refugiarem entre os selvagens, pois gosavam da simpatia dêles.

Mas, a consciência bradava-lhes a necessidade de não esconderem a razão da fé que nutriam.

E, assim, Jean du Bourdel, o mais velho dos três huguenotes, escreveu a «primeira confissão calvinista redigida na América na primeira Igreja do Brasil».

O professor Erasmo Braga, diz que as definições apresentadas foram «concisas, de profundidade admirável». Fricou, aliás, que esse documento tornou-se perfeitamente acabado, porquanto veio a ser «selado com sangue» — o sangue dos seus subscritores.

A respeito desse fato pouco conhecido, o professor dr. Laércio Caldeira de Andrade, lançou, recentemente, um livro intitulado «Igreja dos Fiéis». Destina-se essa obra, a comemorar a passagem de mais um aniversário desse primeiro martírio evangélico em terras de Santa Cruz.

Antes de entrar no assunto, do estrangulamento dos calvinistas, faz o autor um resumo do mundo na época. Refere-se à Reforma. Cita Martinho Lutero, Leão X, João Calvino, Gaspar de Coligny, Vaz Caminha, Rocha Pita, Américo Vespucci, etc.

Termina sua obra dizendo que, tendo o mar recebido como relicário os três corpos estrangulados, cessara a influência da Igreja que Coligny quizer fundar e começara a existir, no meio da cristandade evangélica, a «IGREJA DOS FIEIS».

INSTITUTO DE DIAGNÓSTICO CLÍNICO

— DR. DJALMA MOELLMANN —

Formado pela Universidade de Genebra (Suíça)
Com prática nos hospitais europeus
CLÍNICA MÉDICA em geral, de adultos e crianças,
doenças do sistema nervoso, aparelho genito-urinário do
homem e da mulher

PNEUMOTORAX ARTIFICIAL

—o—

Assistente Técnico: DR. PAULO TAVARES

Diplomado em radiologia e radioterapia pelo Hospital
Municipal de São Paulo (Professores Cássio Vilaça e
Carlos Fried)

Curso de Radiologia Clínica com o Dr. Manuel de Abreu
Campanário (S. Paulo). Especializado em higiene e
saúde pública pela Universidade do Rio de
Janeiro.

—o—

GABINETE DE RAIOS X

Aparelho moderno "Siemens" para diagnóstico das doen-
ças internas — Coração — Pulmões — Visícula
Biliar — Estômago, etc. — Radiografias osseas
e radiografias dentárias

ELETROCARDIOGRAFIA CLÍNICA

(Diagnóstico preciso das moléstias cardíacas por meio
de traçados elétricos).

METABOLISMO BASAL

(Determinação dos distúrbios das glândulas de secreção
interna).

SONDAGEM DUODENAL

(Exame químico e microscópico do suco duodenal
e da bilis).

GABINETE DE FISIOTERAPIA

Ondas curtas, raios ultra-violetas, raios infra-vermelhos
e eletricidade médica

LABORATÓRIOS DE MICROSCOPIA E ANALISES CLÍNICAS

Exames de sangue para diagnóstico de sífilis, diagnóstico
do impaludismo, dosagem de urea no sangue, etc.

Exame de urina (reação de Aschein Zondeck, para
diagnóstico precoce da gravidez). Exames de puz,
escarro, líquido e raquiano e qualquer pesquisa
para elucidação de diagnóstico.

RUA FERNANDO MACHADO, 6 — TELEFONE 1195

Luz própria no consultório
FLORIANÓPOLIS — SANTA CATARINA

Instituto Catarinense de Radioterapia

Anexo à Casa de Saúde São Sebastião

Diretor Clínico: DR. DJALMA MOELLMANN
Viagem de especialização em radioterapia, nos
Institutos de Montevidéo e Buenos Aires.

Diretor Técnico: DR. PAULO TAVARES
Curso de especialização em radioterapia, com os
Drs. Carlos Fried e Nelson Carvalho no Instituto de
Radio São Francisco de Assis, São Paulo

Instalação moderna da Fábrica "Westinghouse" com a
potência de 220 Kw. e 25 milampérs, permitindo
Roentgenterapia profunda, semi-profunda e
superficial

RADIUMTERAPIA

O Instituto possui 115 miligramas de RADIUM,
importados dos EE. UU. trazendo atestados de
encicácia e dosagem fornecidos pelo Governo
Americano.

Força Elétrica própria

permitindo tratamento regular e dosagens exatas.

Largo São Sebastião
FLORIANÓPOLIS

SANTA CATARINA

Casa de Saúde e Maternidade 'São Sebastião'

Sob a direção clínica de
Dr. Djalma Moellmann

Construção moderna e confortável, situada em aprazível
chácara com esplendida vista ao mar.

Excelente local para cura de repouso; água fria e quente

Aparelhamento completo e moderníssimo para tratamento
médico, cirúrgico e ginecológico

Raios X - Ultravioleta - Infravermelho - On-
das curtas - Eletricidade médica - Exames
endoscópicos

Laboratórios para os exames de elucidação de
diagnósticos.

Apartamentos de luxo com instalação sanitária própria.
Varandas de cura.

Quartos de 1ª. e 2ª. classe.

— PREÇOS MÓDICOS —

O doente póde ter médico particular.

Largo São Sebastião

FLORIANÓPOLIS

Telefone 1.153

Catarinenses!

**Ajudai a nossa iniciativa cultural,
adquirindo o livro**

“Um casal ilustre”

de

Nuno d’Eça

Edição de
“Atualidades”
Florianópolis

**Atenderemos pedidos pelo Reembolso Postal ou acompanhados
da importância de Cr\$ 20,00 por exemplar.**